UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO

CÍNTIA FERNANDES MARCELLOS

OBJETO E MÉTODO NA PSICOLOGIA DE WILHELM WUNDT E EDWARD TITCHENER: UM ESTUDO COMPARATIVO

JUIZ DE FORA
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO

CÍNTIA FERNANDES MARCELLOS

OBJETO E MÉTODO NA PSICOLOGIA DE WILHELM WUNDT E EDWARD TITCHENER: UM ESTUDO COMPARATIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por Cíntia Fernandes Marcellos.
Orientador: Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo.

JUIZ DE FORA
2012

Marcellos, Cíntia Fernandes.
Objeto e método na psicologia de Wilhelm Wundt e Edward Titchener : um estudo comparativo / Cíntia Fernandes Marcellos. – 2012.
93 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

1. Psicologia experimental. 2. Wundt, Wilhelm Max, 1832-1920. 3. Titchener, Edward Bradford, 1867-1927. I. Título.

CDU 159.9.07

CÍNTIA FERNANDES MARCELLOS

OBJETO E MÉTODO NA PSICOLOGIA DE WILHELM WUNDT E EDWARD TITCHENER: UM ESTUDO COMPARATIVO

Dissertação apresentada ao Programa se Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em psicologia por Cíntia Fernandes Marcellos.
Orientador: Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke
Universidade Federal de São Carlos

_____

Prof. Drª. Fátima Siqueira Caropreso
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador Saulo Araujo, pelo investimento, confiança e apoio para a realização deste trabalho, assim como ao longo dos últimos cinco anos. O aprendizado proporcionado pelo convívio durante esses anos extrapola aquilo que o melhor deste trabalho pode apenas sugerir.

Aos avaliadores, professor Richard Theisen Simanke e professora Fátima Siqueira Caropreso, pelas correções e sugestões apresentadas, que me ajudaram a perseguir a clareza necessária a apresentação das ideias.

À professora Annette Mülberger, pelo alerta sobre o caráter ambicioso deste projeto. Ele foi importante para que eu não superestimasse minhas condições para concluí-lo e para que eu não me perdesse pelo caminho.

Aos meus colegas da linha de pesquisa, Thiago Pereira e Ana Cecília Guilhon, e aos futuros colegas Diego Leite e Monalisa Lauro, pela ajuda na localização e aquisição de bibliografia, pelo companheirismo e disponibilidade sempre que necessário. Devo ainda um agradecimento especial à Monalisa, pelas inestimáveis horas de estudo de alemão.

A Leonardo Rosa, por compreender minha prolongada ausência e se esforçar por me oferecer as melhores condições para que esse trabalho fosse concluído. A ele devo o estímulo inicial para que os rumos da vida tenham chegado até aqui.

À Juliana Oliveira e à Andrêze Silva, por me propiciarem as necessárias horas de distração e acolhimento, fundamentais para a recuperação do fôlego.

À minha família, pelo apoio aos meus objetivos e por terem me oferecido as condições para alcançá-los.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFJF, em especial, ao coordenador Altemir Barbosa, e ao CNPq, pelo auxílio financeiro durante o mestrado.

“Não há acréscimo, mas desfiguração das ciências, quando se confundem os seus limites”

Immanuel Kant, Crítica da Razão Pura

"Saber quem somos não é connosco, que o que pensamos ou sentimos é sempre uma tradução, que o que queremos o não quisemos, nem porventura alguém o quis – saber tudo isto a cada minuto, sentir tudo isto em cada sentimento, não será isso ser estrangeiro na própria alma, exilado nas próprias sensações?"

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é comparar as definições de objeto e método nos projetos de psicologia experimental de Wilhelm Wundt e Edward Titchener. Tendo em vista as aproximações equivocadas entre os autores presentes nos manuais de psicologia e a escassez de estudos mais sistemáticos acerca da obra de Titchener, em especial no cenário nacional, as comparações entre as idéias de ambos, disponíveis na literatura secundária, ainda não foram suficientes para demonstrar as diferenças entre suas propostas. Frente a este panorama, propõe-se uma comparação das definições de objeto e método da psicologia, especificamente nas obras que representam o período de maturidade das idéias de Wundt, com aquelas que caracterizam a expressão clássica do estruturalismo de Titchener. A tese central é que, em função dos distintos pressupostos teóricos, as noções de experiência humana e do domínio do psíquico adquirem um diferente significado no pensamento de cada autor, configurando com isso diferentes objetos de estudo para a psicologia e, consequentemente, uma diferente compreensão acerca das possibilidades e limites do método experimental.

Palavras-chave: Voluntarismo, Estruturalismo, Wilhelm Wundt, Edward Titchener, Psicologia experimental, História da Psicologia.

ABSTRACT

The aim of this work is to compare the definitions of subject and method introduced in Wilhelm Wundt's and Edward Titchener's projects of experimental psychology. Considering the mistaken proximity between the authors which is found in handbooks of psychology and the shortage of more systematic studies about Titchener's work, especially in the Brazilian context, the comparisons between the ideas of both authors, available in the secondary literature, they still have not been sufficient to demonstrate the differences between their proposals. Due to this situation, it is proposed a comparison of the definitions of subject and method in psychology, specifically in the works which represent the period of maturity of Wundt's ideas, with those ones which characterize the classical expression of Titchener's structuralism. The central thesis is, in function of the distinct theoretical assumptions, the notions of the human experience and the realm of the psychic acquire a different meaning in the thought of each author, forming this way different subjects of study and, consequently, a different understanding about the possibilities and limits of the experimental method.

Keywords: Voluntarism, Structuralism, Wilhelm Wundt, Edward Titchener, Experimental psychology, History of psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 1

1 A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DE WILHELM WUNDT..... 9

1.1 O voluntarismo e a definição de objeto..... 12

1.1.1 Classificação dos processos psíquicos..... 18

1.1.2 Leis psíquicas..... 24

1.2 O método científico: Controle experimental e percepção interna..... 26

2 A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DE EDWARD TITCHENER..... 32

2.1. O estruturalismo e a definição de objeto..... 41

2.1.1 Elementos psíquicos e sua classificação..... 47

2.1.2 Regularidades da composição psíquica..... 51

2.2 O método científico: Introspecção experimental..... 53

3 DESDOBRAMENTOS DA LEITURA VOLUNTARISTA E ESTRUTURALISTA..... 59

3.1 A experiência unitária e suas diferentes abordagens..... 59

4.1.1 As relações entre o físico e o mental: O princípio do paralelismo psicofísico..... 64

4.1.2 Causalidade e condições de ocorrência..... 67

4.1.3 O tratamento dado aos processos psíquicos..... 70

3.2 O método experimental..... 75

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 80

REFERÊNCIAS..... 83

A relação entre os projetos de psicologia experimental de Wundt e Titchener, narrada pela historiografia da psicologia, representa um caso emblemático de confusão, que vai desde a afirmação de identidade entre os dois projetos (Keller, 1970; Marx & Hillix, 1993; Watson, 1978) até a sugestão de que Titchener teria distorcido intencionalmente as ideias de seu professor para favorecer a apresentação de sua própria psicologia (Schultz & Schultz, 1987). O motivo para essa aproximação imprópria entre Wundt e Titchener não tem uma explicação simples, mas deve-se a um conjunto de circunstâncias, que permitiram com que a noção de experiência imediata de Wundt fosse vista como idêntica àquela de experiência dependente, apresentada por Titchener, assim como o método introspectivo adotado por Titchener fosse visto como equivalente àquele utilizado por Wundt em seu laboratório.

A genealogia da aproximação entre ambos tem sua origem identificada nos trabalhos de Edwin G. Boring, um aluno de Titchener em Cornell que, embora reconheça outras influências sobre o pensamento de seu professor, como a exercida pelas ideias de Richard Avenarius e Ernest Mach, lista uma série de aparentes similaridades entre a personalidade dos dois autores e afirma que Titchener sempre se inspirou em Wundt, tendo recebido dele uma influência muito mais profunda (Boring, 1927, pp. 492, 504). Apesar de Boring ter apontado acertadamente algumas diferenças entre os dois em trabalhos posteriores (Boring, 1950; Herrnstein & Boring, 1971), a afirmação de que Titchener "representava a tradição psicológica alemã na América" (1950, p. 410), associada à falta de contato dos intérpretes com a obra original de Wundt e à dificuldade de compreender o elaborado sistema de pensamento do psicólogo alemão que, ao mesmo tempo em que tirava a psicologia do domínio das disciplinas filosóficas, elaborava um sistema de metafísica e mantinha, na explicação psicológica, muitos termos que, sem o devido contexto, levavam o leitor a ideias contraditórias, parece ter sido suficiente para que uma maior atenção às distinções fosse deixada em segundo plano ou que estas fossem tratadas como secundárias em relação ao projeto central de uma psicologia experimental.

Sem a consulta aos originais e a partir de um referencial cada vez mais distante daqueles em que os autores desenvolveram seus projetos, muitos manuais adotaram os trabalhos de Boring como referência, passando a apresentar Titchener como um discípulo fiel das ideias de Wundt (Schultz & Schultz, 1981; Watson, 1978), ou até mesmo como seu "sucessor espiritual" (Murphy, 1964, p. 21, citado por Mischel, 1970), com a vantagem de que seu sistema, embora semelhante ao de Wundt, era mais fácil de

ser descrito (Keller, 1970). Uma expressão dessa interpretação é sintetizada por Watson (1978), que não apenas insiste em ver Titchener como o mais fiel seguidor de Wundt, mas destaca que, diferentemente de outros estudantes que, ao retornarem de Leipzig, adaptaram o pensamento do autor alemão ao seu próprio temperamento e contexto social, esse não era o caso de Titchener, que mesmo tendo desenvolvido e modificado alguns detalhes específicos, manteve a tradição de seu professor e tem como principal contribuição à teoria de Wundt o fato de ter promovido "uma explicitação sistemática superior àquela de seu prolífico e erudito mestre" (p. 414), reduzindo com isso a relevância das ideias próprias de Titchener.

Esse quadro começou a ser questionado ainda no início dos anos de 1970 quando novos estudos sobre a obra de Titchener apareceram, destacando sua contribuição não como um mero divulgador da obra de Wundt, mas como autor original, cujo trabalho desempenhou um papel significativo no estabelecimento da psicologia científica norte-americana (Evans, 1972, 1975). Em tais estudos foram apresentadas sua doutrina do significado (Evans, 1975), assim como as transformações que suas ideias sofreram ao longo dos anos, culminando aparentemente no abandono de uma concepção propriamente estruturalista em prol de uma visão mais fenomenalista e na adoção de novos métodos (Evans, 1972). Quase simultaneamente, em função das comemorações do centenário do laboratório de psicologia em Leipzig, uma nova onda de interesse sobre a obra de Wundt teve início (Blumenthal 1975, 1980; Bringmann, 1975; Bringmann & Tweney, 1980; Danziger, 1979, 1980a, 1980b, 1980c; Rieber, 1980), recorrendo à pesquisa dos textos originais e resultando em uma melhor compreensão de seu pensamento e no questionamento de classificações ideológicas impostas ao autor, como ressalta Araujo (2010a).

Apesar da significativa contribuição da produção deste período, a reavaliação da obra de Wundt não foi isenta de problemas e, como aponta Brock (1993), em alguns casos serviu apenas para apresentar um novo mito fundador, mais do que para oferecer uma compreensão do contexto original de suas ideias, uma vez que alguns trabalhos concentravam-se sobre aspectos ou períodos específicos de sua obra, interpretados a partir dos interesses de novas áreas e abordagens da psicologia, sem alcançar a compreensão de seu sistema como um todo, nem das mudanças promovidas por ele ao longo de sua obra. Quanto à Titchener, o reduzido número de trabalhos especializados e a falta de uma continuidade sistemática na análise de sua obra fizeram com que a

apresentação de suas ideias ficasse restrita ao público especializado, sem alcançar uma repercussão mais expressiva.

Um dos resultados desse período e que ainda pode ser encontrado em trabalhos recentes é a aproximação de Wundt às tendências cognitivistas da psicologia (Blumenthal, 1975; Leahey, 1981), além da identificação de Titchener como uma espécie de precursor do behaviorismo (Danziger, 1979; Leahey, 1981; 1992)[1]. Outra interpretação que se tornou consensual é a indicação de que a diferença fundamental entre os dois, responsável pela desfiguração das ideias de Wundt, diz respeito à adesão de Titchener a concepções positivistas, herdadas diretamente de Avenarius e Mach, ou indiretamente, a partir da influência de Külpe, em oposição à tradição voluntarista e mentalista de Wundt (Blumenthal, 1980; Danziger, 1979; Leahey, 1981; Mischel, 1970; Tweney & Yachanin, 1980). Além disso, como resultado de uma atenção desigual sobre as obras dos dois autores, a maior parte das comparações entre ambos apresenta um caráter pontual e surgiu no contexto de retomada das ideias originais de Wundt (Blumenthal, 1980; Danziger, 1979, 1980a, 1980c), considerando sem o mesmo cuidado as ideias de Titchener e incorrendo muitas vezes nos mesmos tipos de erros que pretendia corrigir.

Os três trabalhos comparativos sobre as psicologias de Wundt e Titchener que surgiram neste período (Danziger, 1979; Leahey, 1981; Tweney & Yachanin, 1980) demonstram algumas destas imprecisões. Dentre os méritos de Danziger (1979) estão a identificação de que a definição de psicologia científica para Wundt está relacionada à disputa entre ciências do espírito e ciências da natureza e que o tipo de causalidade assumida para o domínio físico e psíquico em cada modelo de psicologia corresponde a um tipo de explicação desses fenômenos, além de ter notado que Wundt considerava ingênuo o apelo de Titchener à evidência introspectiva como um fundamento isento de determinações conceituais. Contudo, ao afirmar o repúdio positivista de Wundt, Danziger (1979) não apenas ignora a avaliação positiva de Wundt em relação a algumas premissas básicas do positivismo (Araujo, 2010a), como seu objetivo não se refere exclusivamente às relações de Wundt com Titchener, mas sim de Wundt com aqueles que ele classifica como "psicólogos machianos" (p. 219), Külpe, Titchener e

[1] Segundo Danziger, a aproximação das ideias de Titchener em relação ao behaviorismo é uma iniciativa do próprio Boring, em seu "*The physical dimensions of consciousness*" (New York: Century, 1933), que teria afirmado que "um resultado inescapável da filosofia da ciência de seu professor era uma forma de behaviorismo" (Danziger, 1979, p.223). Danziger (1979) identifica semelhanças entre a proposta de Titchener e a de E. C. Tolman, enquanto para Leahey (1981), elas poderiam ser encontradas entre as ideias de Titchener e de Skinner.

Ebbinghaus. Em função desse objetivo, suas afirmações tratam os três autores, em muitos momentos, de maneira uniforme, desconsiderando suas particularidades e conduzindo a erro quando aplicadas integralmente a Titchener. Um exemplo disso é que, além de tratar diferentes momentos da obra de Titchener como expressivos de uma mesma postura, desconsiderando a transformação de suas ideias, ele afirma que, conforme o modelo machiano de ciência, os elementos da experiência poderiam ser concretamente identificados e relacionados ao organismo biológico e que o grupo machiano não tinha qualquer interesse em uma psicologia dedicada aos fenômenos sociais, afirmações essas que não correspondem à proposta de Titchener.

Tweney e Yachanin (1980), por sua vez, destacam o papel de Titchener como tradutor das obras de Wundt e que sua escolha do que traduzir não pode ser confundida com uma distorção seletiva do pensamento de Wundt. Além disso, esclarecem que as críticas de Blumenthal aos termos escolhidos para a tradução de alguns conceitos, sugerindo uma tendência a tratar Wundt como um químico mental são uma opção presente na tradução do *Grundriss der Psychologie*, feita por C. Judd, e não eram consideradas as melhores opções por Titchener. Quanto à influência de John S. Mill sobre as "Contribuições à Teoria da Percepção Sensorial" (1862) de Wundt, identificada por Titchener, os autores reconhecem que se trata de uma inferência, mas que tal aproximação não deve ser vista como uma tentativa de aproximar Wundt da tradição associacionista inglesa de modo geral, mas pode ser entendida no que diz respeito exclusivamente ao papel do experimento na psicologia.

Já Leahey (1981), apesar de reconhecer corretamente o caráter sensacionalista do projeto de Titchener, a afirmação de uma causalidade psíquica por parte de Wundt e o fato que as distinções entre suas psicologias têm como base a filiação a diferentes filosofias da ciência, faz uma leitura cognitivista de Wundt e identifica uma distinção entre interno e externo imprópria às definições do autor. Em relação à Titchener, ele o apresenta como positivista e associacionista no sentido britânico tradicional, citando a afirmação feita pelo autor acerca de sua filiação ao ponto de vista da psicologia inglesa no prefácio das primeiras edições de *An Outlines of Psychology* (1896/1897) e ignorando a exclusão da mesma na 3ª edição (1899), assim como as críticas que ele dirigiu tanto ao associacionismo quanto ao positivismo em outras ocasiões (Titchener, 1909a, 1918b, 1918c). Segundo Leahey, a diferença essencial entre ambos situa-se no tratamento dado aos processos cognitivos, o que não só é apresentado de maneira incorreta, afirmando-se que Titchener não vê tais processos como subjacentes e

originadores da consciência, como o faria Wundt, mas contradiz a afirmação feita por ele próprio acerca da ênfase dada por Wundt aos aspectos volitivos da vida psíquica.

Diante deste cenário, o reconhecimento de Titchener como uma figura central na divulgação da obra de Wundt em países de língua inglesa (Tweney & Yachanin, 1980), convive com a acusação de ser ele um dos maiores responsáveis, ao lado de Boring, pela apresentação distorcida ou parcial das ideias de seu professor alemão (Blumenthal, 1980; Danziger, 1979). Com isso, é compreensível que a confusão entre as ideias dos dois autores esteja ainda presente nos manuais posteriores aos anos 80, como são exemplos o de Marx e Hillix (1993), onde se afirma que "o sistema de Titchener era basicamente idêntico ao de Wilhelm Wundt" (p. 154), e a quarta edição de Schultz e Schultz (1987), que se afasta da imagem de Titchener como um discípulo de Wundt apresentada nas três primeiras edições e defende que ele "aparentemente elegeu traduzir somente aquelas partes das publicações de Wundt que favoreciam sua própria abordagem para a psicologia" (p. 59, citado por Brock, 1993).

Em estudo realizado no início dos anos de 1990, Brock (1993) constata essas tendências interpretativas, mas afirma que nem Titchener nem Boring podem ser culpados pelas distorções na obra de Wundt, uma vez que a classificação de Wundt como um introspeccionista é mais um produto do behaviorismo, que precisava estabelecer um referencial em relação ao qual direcionar suas críticas, do que de Titchener, embora ele realmente tenha se referido ao método wundtiano como sendo introspectivo. Além disso, Boring teria apresentado suficientes diferenças entre Wundt e Titchener para que ele pudesse ser acusado de identificar os dois, sendo possível, segundo Brock, perceber as distinções entre eles, mesmo sem a leitura dos originais de Wundt em alemão.

Em levantamento mais recente, Zehr (2000) se propôs a realizar uma análise de conteúdo tendo como base o julgamento de avaliadores independentes acerca da apresentação das ideias de Wundt e Titchener presentes nos manuais introdutórios escritos na década de 70 e 90. Embora não se trate de um estudo aprofundado, seus resultados igualmente apontam para uma confusão entre as psicologias dos dois autores, levando-o a considerar, entre outros fatores, que uma das razões para esse equívoco é uma visão cumulativa acerca do desenvolvimento histórico de uma ciência (Zehr, 2000, p. 124), o que impede a avaliação de Titchener como um pensador original, vendo-o antes como responsável pela ampliação e desdobramento lógico das ideias de Wundt. Tais resultados indicam que não apenas as atualizações promovidas na literatura

especializada apresentam algumas falhas, como mesmo nos aspectos que representam seus méritos elas não alcançaram o nível da formação geral dos estudantes de psicologia, que continuam a ter contato com uma apresentação defasada e incorreta acerca das propostas desses autores.

Recentemente, novos trabalhos acerca do pensamento de Wundt apareceram considerando sua obra inicial (Araujo, 2003; Wassmann, 2009), as definições centrais de sua psicologia amadurecida e as características da formação experimental oferecida em seu laboratório (Araujo, 2007, 2009), assim como trabalhos discutindo alguns conceitos específicos, como o de memória (Carpenter, 2005; Gomes & Araujo, 2011), a recepção de suas ideias em países distantes da tradição européia (Taiana, 2005) e, em especial, no que diz respeito à consideração de sua fundamentação filosófica (Araujo, 2010a), representando um significativo avanço na compreensão de seu sistema de pensamento. Em relação à Titchener, rompendo um quadro de esquecimento, suas ideias voltaram a receber alguma atenção nos últimos tempos, seja através de apresentações introdutórias de sua proposta (Araujo, 2010b; Evans, 1991; Watson & Evans, 1991), da discussão de parte de sua correspondência (Evans, 1990; Leys, 1990), da verificação da validade de seu treinamento introspectivo para os estudos contemporâneos sobre a consciência (Schwitzgebel, 2004) e da tentativa de aproximar os critérios de objetividade utilizados por ele a determinadas classificações atuais (Green, 2010). Apesar do valor desses trabalhos, ainda não se apresentou uma discussão detalhada de seus pressupostos e o impacto dos mesmos sobre a evolução de seus conceitos fundamentais.

No que diz respeito à comparação entre os dois, nenhuma nova interpretação surgiu nos últimos anos e, uma vez que a maior parte das revisões que se ocupam da distinção entre suas obras tem como alvo a teoria wundtiana e se referem a Titchener tendo como objetivo principal esclarecer seu papel na divulgação (ou distorção) das ideias de Wundt, uma comparação que apresente de maneira igualmente cuidadosa os aspectos que fundamentam as distinções entre os dois autores ainda está por vir, principalmente se considerarmos a produção em língua portuguesa, onde tal discussão é praticamente inexistente.

Sem pretender esgotar a totalidade desta comparação, o objetivo do presente trabalho é apresentar as definições de objeto e método adotadas por cada autor, indicando seus desdobramentos lógicos e as concepções fundamentais que as sustentam. Pretende-se com isso demonstrar a impossibilidade de qualquer aproximação entre as

noções de experiência imediata e dependente, assim como o fato de que, embora adotem a referência a um paralelismo psicofísico, a compreensão de cada autor a respeito das relações entre o físico e o psíquico assume um caráter fundamentalmente distinto, o que por sua vez implica em diferentes possibilidades de adoção dos métodos experimentais, ainda que do ponto de vista procedimental eles apresentem semelhanças. Em nossa avaliação, mesmo sem oferecer uma consideração ampla dos originais em alemão, percebemos que, do ponto de vista da análise das fontes primárias, muitos indícios foram ignorados ou subestimados, como as discussões conceituais entre os autores (Titchener, 1899a; Wundt, 1900), as gradativas modificações promovidas por Titchener em sua proposta (Titchener, 1896, 1897, 1899c), seus questionamentos em relação a definições específicas de Wundt, como a de apercepção e fusão (Titchener, 1898, 1908, 1909a, 1910a) e as próprias declarações de Titchener acerca de sua postura em relação a Wundt (Titchener, 1901, 1918b).

Cabe ressaltar que nossa análise da obra de Wundt se restringe à sua psicologia individual e é realizada com base nas traduções inglesas daquelas obras consideradas características de seu pensamento maduro (compreendidas entre os anos de 1890 e 1920), feitas por J. E. Creighton, C. H. Judd, R. Pinter e pelo próprio Titchener. Quando necessário recorrer às formulações de seu sistema filosófico, utiliza-se a tradução espanhola da terceira edição de seu *System der Philosophie*, feita por E. L. André. Em relação à obra de Titchener, nos restringimos à fase clássica de seu estruturalismo, que compreende desde a publicação de seu *An Outlines of Psychology* (1896) até ao que Evans (1972) classificou como o "sistema de 1910"[2], e que inclui as obras *Lectures on the Elementary Psychology of Feeling and Attention* (1908), *Lectures on the Experimental Psychology of the Thought-Processes* (1909), *A Text-book of Psychology* (1910a), além de artigos publicados entre 1898 e 1912. A este *corpus*, incluiremos também a correspondência trocada por Titchener com o psiquiatra suíço radicado nos Estados Unidos, Adolph Meyer, em 1909 e 1918, nas quais discute os problemas epistemológicos e metodológicos da psicologia.

Para o presente trabalho, não consideramos as transformações identificadas no sistema de Titchener a partir do final da segunda década do século XX, uma vez que a

[2] Evans utiliza essa expressão para referir-se ao conjunto das obras que, segundo ele, constituem propriamente o que se chama de estruturalismo de Titchener, que inclui desde *Lectures on the Elementary Psychology of Feeling and Attention* (1908) até *The Schema of Introspection* (1912). Contudo, consideramos que desde *The Postulates of a Structural Psychology* (1898b) e da 3ª edição de *An Outline of Psychology* (1899b) já estão presentes as principais características desse sistema, o que justifica a inclusão dessas obras em nossa análise.

demonstração das mesmas exigiria uma investigação à parte e, se as hipóteses de Evans (1972) estiverem corretas, a inclusão deste período apenas reforçaria a distinção entre as definições de objeto e método defendidas por Titchener e por Wundt. Cabe notar também que, conforme indica Pillsbury (1928), cada edição dos manuais escritos por Titchener representa o estado do desenvolvimento de seu sistema no momento em que era escrito, e, por isso, ao invés de nos determos na comparação das distinções entre suas várias edições, adotaremos, no caso de seu *An Outlines*, aquela que mais completamente reúne os fundamentos de sua psicologia estrutural, que é a terceira e última edição, publicada em 1899[3]. Em relação aos demais textos, adotaremos sempre a primeira edição, uma vez que as demais, quando ocorrem, são apenas reimpressões e não trazem nenhuma mudança substancial em suas formulações.

O trabalho divide-se em três partes que apresentam as definições de objeto e método na psicologia voluntarista de Wundt, seguida pela exposição das definições da psicologia estruturalista de Titchener e pela comparação das mesmas, acompanhadas por nossas conclusões.

[3] Não obstante a comparação das três edições de *An Outlines* seja de grande interesse para a compreensão do amadurecimento das ideias de Titchener, tal discussão deve ser empreendida em outra ocasião, uma vez que as diferenças relativas ao objeto e ao método da psicologia, embora existentes entre as duas primeiras edições e a terceira, não chegam a caracterizar uma nova definição, mas apenas um refinamento e uma maior precisão em relação à mesma.

1 A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DE WILHELM WUNDT

Oriundo de uma pequena cidade no sul da Alemanha, Wundt realizou seus estudos em Heidelberg, onde, após uma curta temporada em Tübingen, conclui o curso de medicina. Depois de cumprir uma formação que incluía fisiologia, matemática, física e química, Wundt recebeu sua habilitação para a prática médica em 1855 e, após um curto período como assistente clínico em um hospital local, decidiu estudar fisiologia com Johannes Müller e Du Bois-Reymond, em Berlim. De volta à Universidade de Heidelberg, Wundt recebeu, em 1857, sua habilitação com docente e ofereceu seu primeiro curso de fisiologia experimental. Nesta mesma universidade trabalhou, entre 1858 e 1865, como assistente de um dos mais influentes fisiologistas daquele período na Alemanha, Hermann von Helmholtz (Araujo, 2007; Bringmann, 1975; Bringmann, Bringmann & Balance, 1980). Num período em que a própria fisiologia se consolidava como disciplina científica autônoma e conhecia uma transformação na concepção de seu campo de estudos, com o predomínio do interesse pelo aspecto funcional dos sistemas orgânicos em relação ao aspecto estrutural e o sucesso do método das intervenções experimentais para esta finalidade (Danziger, 1998; Wilson, 2004), estudos sobre a visão, a percepção e as correlações psicofisiológicas apresentavam-se como promissoras tentativas de mensuração dos fenômenos mentais.

Por outro lado, o panorama filosófico do século XIX alemão, que representava uma das fontes originais de muitos dos temas de interesse para a psicologia, conjugava distintas orientações. A divisão tradicional entre psicologia empírica e racional e, principalmente, sua crítica por parte de Kant, ainda ecoava em muitos projetos para uma psicologia científica (Leary, 1978). Ao seu lado, o Idealismo Alemão pós-kantiano da primeira metade do século também exerceu uma influência decisiva ao longo da segunda metade do século XIX, inspirando uma abordagem genética em psicologia, assim como os estudos comparativos, psicofísicos e uma perspectiva voluntarista acerca dos processos cognitivos (Leary, 1980).

Em um contexto de crítica à especulação metafísica, surge uma tendência que procura salvaguardar o valor das considerações filosóficas, preservando a visão de mundo unitária dos antigos sistemas idealistas, e conciliá-las com os avanços proporcionados pelos novos métodos de investigação da experiência adotados pelas ciências naturais, dando origem a uma metafísica indutiva. Entendida como uma *Weltanschauung* capaz de harmonizar os conhecimentos particulares em uma unidade

coesa, a proposta defendida por Wundt de uma filosofia científica concebida em estreita continuidade com os resultados das ciências pode ser considerada sob este ângulo (Copleston, 2003; Wundt, 1913). Longe de defender uma separação da psicologia em relação à filosofia, seu objetivo era antes tornar a psicologia científica, libertando-a dos métodos especulativos da tradição metafísica e de seus conceitos ontológicos (Wundt, 1913). Para isso, a psicologia, como toda ciência, deveria ter suas condições de cientificidade fundamentadas pela lógica, pela história e teoria do conhecimento e, posteriormente, oferecer seus resultados para a unificação dos conhecimentos a ser realizada pela metafísica (Marcellos & Araujo, 2010; Wundt, 1913).

Outro aspecto determinante para a compreensão do lugar da psicologia entre as ciências diz respeito à classificação das ciências empíricas particulares em ciências da natureza e ciências do espírito, tendo em vista, em linhas gerais, a singularidade e a autonomia de seu domínio de estudos e os métodos utilizados. Dentre as primeiras estão aquelas que lidam com a realidade em seu aspecto exclusivamente objetivo, como a física e a biologia, enquanto as chamadas ciências do espírito referem-se às disciplinas que se ocupam dos fenômenos da vida subjetiva e inclui desde as artes até a história, a filologia, a ciência política e social e o direito. Neste contexto, Wundt concebia a psicologia como a disciplina empírica fundamental dentre as ciências do espírito, uma vez que estuda a interconexão dos processos psíquicos, a partir de suas dimensões objetivas (relacionadas às sensações e à correspondência dos processos psíquicos com os fenômenos físicos) e subjetivas (relacionadas à apreensão dos próprios processos psíquicos), fornecendo o fundamento explicativo dos produtos psíquicos estudados pelas demais ciências do espírito. Além disso, uma vez que as ciências naturais e a psicologia referem-se a diferentes aspectos de uma mesma experiência, a psicologia é ainda considerada uma disciplina complementar às ciências naturais (Wundt, 1897)[4].

A definição de uma ciência psicológica para Wundt envolve, portanto, uma recusa do tratamento conceitual dado pelas investigações metafísicas e a adoção de uma

[4] Embora Danziger (1979) reconheça a divisão wundtiana entre ciências da natureza e do espírito em obras como a primeira edição das *Lectures* (1863), a *Logik* (1883) e *Introduction to Philosophy* (1901), e o papel complementar e fundamental desempenhado pela psicologia, respectivamente, em relação a esses domínios, sua afirmação de que a psicologia individual situa-se entre as ciências naturais e a social no âmbito das ciências do espírito (p. 207) parece desconsiderar a diferença essencial de perspectiva que fundamenta essa divisão entre as ciências, apoiando-se apenas na diversidade dos métodos empregados, e não se justifica, ao menos no período considerado, uma vez que, após a delimitação definitiva do campo psicológico apresentada em *Über die Definition der Psychologie* (1896), Wundt situa toda a psicologia no domínio das ciências do espírito e a divisão entre individual e social diz respeito apenas às distintas expressões de um mesmo objeto, como pode ser encontrado tanto no *Outlines of Psychology* (1897, pp. 04-05), quanto no *Sistema de Filosofia* (1899, Tomo I, pp. 24-27).

nova definição de experiência, acompanhada por uma reforma metodológica, que pretende garantir à psicologia um lugar junto às ciências empíricas, sem com isso reduzir a singularidade do fenômeno psíquico às regularidades dos objetos físicos. Defensor de um monismo ontológico, Wundt elabora sua teoria com base em uma concepção de experiência unitária ancorada em uma perspectiva chamada ideal-realista ou realismo idealista (Judd, 1905; Mora, 1964; Wundt, 1913) que, convencida da precedência da experiência interna[5], afirma que "uma explicação do mundo físico não poderá, com efeito, prescindir da nossa consciencia [*sic*], mas também não poderá abstrair da experiência física" (Wundt, 1920, p.14). Segundo esta concepção, embora se possa supor a realidade do mundo externo, o único aspecto da experiência a que se tem acesso direto é o da experiência psíquica. Com isso,

> Tudo o que sabemos sobre os fenômenos da natureza vem até nós sob a forma de representações. A distinção entre representação e objeto, da qual depende a divisão das ciências experimentais em ciências da natureza e da mente, é simplesmente um resultado da atividade analítica do pensamento. Em si própria, a representação é ao mesmo tempo objeto e não há objeto que não seja também representação ou que não seja pensado em concordância com as leis que governam a formação das representações. Mas se é o pensamento que tem fragmentado a unidade original do mundo externo e interno pela abstração e distinção, pode-se facilmente entender o impulso persistente da mente para restaurar aquela unidade como um ato final de seu próprio desenvolvimento. (Wundt, 1896, pp. 450-451)

Desta forma, após a divisão analítica da experiência concreta, ela se mostra sob a forma de um conteúdo que nos é apresentado, ou seja, como objetos da experiência, e nossa própria apreensão deste conteúdo, indicando as duas direções possíveis das ciências experimentais: "aquela das ciências naturais, que se ocupa com os <u>objetos</u> da experiência, pensados independentemente do sujeito" e "aquela da <u>psicologia</u>, que investiga o conteúdo total da experiência em suas relações com o sujeito e também em vista dos atributos que esse conteúdo deriva diretamente do sujeito" (Wundt, 1897, p. 03 – destaques no original). Com isso, as expressões experiência interna e externa são

[5] Embora Mischel (1970) acerte ao identificar a aceitação de Wundt de uma anterioridade epistemológica e psicológica da experiência interna ou mental (p. 11), ele se equivoca ao afirmar um caráter ontológico para essa experiência e atribuir a Wundt a consideração de que os valores, os propósitos e a vontade que constituem o domínio mental configuram "um mundo interno fugidio, que não possui conexão essencial com o fenômeno externo" (p. 21).

utilizadas apenas para indicar diferentes pontos de vista acerca da experiência unitária, e não diferentes objetos.

Uma vez estabelecida essa distinção entre as perspectivas, Wundt afirma que ao investigar os objetos abstraindo da referência ao sujeito, as ciências naturais substituem os objetos imediatos da experiência por conceitos desenvolvidos a partir desses objetos e que esse contato indireto com os processos torna necessária a utilização de hipóteses complementares acerca da realidade, que em si mesmas nunca são percebidas na experiência, tal como os conceitos de átomo e matéria, configurando um conhecimento mediato ou conceitual. Por outro lado, Wundt afirma que o conhecimento obtido na psicologia é

> imediato e perceptivo – no sentido amplo do termo, segundo o qual não somente percepções sensoriais mas toda realidade concreta é distinguida de tudo que é abstrato e conceitual no pensamento. A psicologia pode exibir a interconexão de conteúdos da experiência como ela é efetivamente apresentada ao sujeito, unicamente evitando as abstrações e os conceitos complementares da ciência natural. Assim, enquanto a ciência natural e a psicologia são ambas ciências empíricas, no sentido em que procuram explicar os conteúdos da experiência, ainda que a partir de diferentes pontos de vista, é óbvio que, como consequência do caráter especial de seu problema, a psicologia deve ser reconhecida como mais estritamente empírica. (Wundt, 1897, pp. 06-07)

A experiência imediata, que delimita a noção de objeto da psicologia, refere-se, portanto, ao "conteúdo total da experiência em suas relações com o sujeito e também no que diz respeito aos atributos que esse conteúdo deriva diretamente do sujeito" (Wundt, 1897, p. 04). Partindo desta definição de experiência e da relação entre seus dois aspectos, uma das principais características de sua definição de psicologia científica é a crítica à ideia de mente como substância e a afirmação da noção de atividade ou processualidade como o equivalente adequado à natureza dos fenômenos em questão.

Para Wundt, o único uso aceitável da noção de substância deve restringir-se à procura por uma doutrina sistemática capaz de explicar a interconexão geral dos fenômenos, e nunca como uma hipótese *a priori* a partir da qual se deduzam afirmações. No caso das ciências da natureza, a abstração dos elementos subjetivos das representações torna necessária a complementação da explicação da realidade mediante elementos hipotéticos; o contrário acontece no caso da psicologia, tornando dispensável

qualquer conceito complementar de substância. Para Wundt, o caráter processual da experiência psíquica leva a uma definição de mente como "nada mais do que a soma de nossas experiências internas, nada mais do que nossas representações, sentimentos e volições reunidos em uma unidade na consciência e dando origem a uma série de estágios de desenvolvimento para culminar no pensamento autoconsciente e na vontade que é moralmente livre" (Wundt, 1896, p. 451).

A partir deste referencial, os fenômenos psíquicos podem ser estudados, segundo Wundt, em duas dimensões, a individual e a coletiva, que se distinguem em relação ao grau de abrangência e complexidade de seus fenômenos. No primeiro nível, seus objetos são os fenômenos psíquicos individuais de caráter simples e complexo, passíveis de serem estudados pelo método experimental e, no segundo, os produtos psíquicos que têm seu desenvolvimento atrelado a uma comunidade de indivíduos, tais como a linguagem, os mitos e os costumes. Segundo Wundt (1897), embora tais fatos não constituam objetos reais, eles adquirem o caráter de objetos psíquicos na medida em que, como produtos mentais desenvolvidos ao longo da história, apresentam atributos de relativa permanência e independência do observador. Por não serem passíveis de investigação experimental, estes últimos devem ser estudados mediante os recursos da observação pura, utilizados em sua *Völkerpsychologie*. Assim, a psicologia passa a contar com os mesmos métodos das ciências da natureza, a observação e o experimento, adequados às expressões de seu objeto. Além disso, duas outras subdivisões da psicologia poderiam, segundo Wundt, ser acrescentadas: a psicologia infantil e a psicologia animal, ambas destinadas a complementar o conhecimento acerca do desenvolvimento da vida mental (Wundt, 1897). Objeto de estudo do presente trabalho, sua psicologia individual é classificada como experimental ou fisiológica em referência ao método adotado. Porém, é em oposição às tendências intelectualistas que pautavam alguns projetos de psicologia empírica que ela recebe sua classificação mais expressiva: a de ser uma psicologia voluntarista.

1.1 O voluntarismo e a definição de objeto

Sem pretender afirmar uma natureza especial para os aspectos volitivos ou sua superioridade sobre as expressões representacionais e cognitivas da consciência, Wundt define sua psicologia como voluntarista para se diferenciar tanto das perspectivas que

consideravam os processos lógicos do pensamento como as formas típicas dos processos psíquicos, quanto da teoria da associação de ideias oriunda da filosofia empirista. Para Wundt, a psicologia voluntarista caracteriza-se por conceber a noção de experiência interna como idêntica à experiência imediata e por tratar seus conteúdos como uma interconexão de processos psíquicos, que não podem ser derivados de nenhuma outra classe de fenômenos (Wundt, 1897). A referência à noção de vontade presente na definição tem como objetivo destacar essas características da experiência imediata que se expressam de maneira singular nos processos volitivos.

Definida como a forma mais complexa dos processos afetivos, as volições envolvem um sentimento de atividade e, ao lado das sensações e representações, constituem um componente essencial da experiência psicológica (Wundt, 1897). Diferentemente do voluntarismo metafísico que reduz a realidade a uma vontade transcendental original, que é subjacente ao mundo e lhe serve de substrato, o voluntarismo psicológico de Wundt recusa qualquer hipótese metafísica e trata a volição como um processo empírico constituído por sentimentos e emoções. Para Wundt, sua psicologia voluntarista "se estabelece em oposição ao voluntarismo metafísico unilateral de Schopenhauer e aos sistemas metafísicos de um Spinoza ou de um Herbart, que resultam do intelectualismo" (Wundt, 1897, p. 18) e tem como objetivo reconhecer o espaço real desempenhado pelos aspectos volitivos na vida psíquica, sem recorrer a qualquer doutrina metafísica da vontade.

O conceito de atividade (*Tätigkeit*) adotado por Wundt é, como indicado por Araujo (2010a), decorrente das formulações de Fichte e Hegel e apresenta a vida mental como pura processualidade, como ato constante, não conhecendo nada de permanente exceto sua própria atividade (Wundt, 1904). A formulação científica deste conceito, em termos psicológicos, envolve dois aspectos: uma alteração nos estados da consciência e um sujeito ativo, ao qual se atribui a causa da mudança (Wundt, 1896). Enquanto a primeira é perceptível por meio de seqüências de processos psíquicos e suas expressões físicas, duas condições caracterizam a noção de atividade que Wundt atribui ao sujeito: a presença de um sentimento de decisão que precede a ação e que se baseia na conexão de suas impressões presentes com as experiências anteriores e uma representação deste ato como uma atividade determinada pela escolha entre motivos diferentes e conflitantes (Wundt, 1896). O processo mental que de maneira mais completa expressa essa atividade é a vontade.

A afirmação desse conceito de atividade e a ausência de um substrato permanente e independente da experiência psíquica levam à constatação de que o domínio mental constitui-se apenas de uma sucessão de impressões de caráter afetivo, cognitivo e volitivo, sendo a consciência definida como a percepção dessa ocorrência e não como um estado mental particular.

> ela [a consciência] consiste inteiramente no fato de que nós temos experiências internas, que percebemos em nós mesmos representações, sentimentos e impulsos voluntários. [...] Ele [o conceito de consciência] não tem nenhum significado além de sua referência a esta interconexão de processos mentais sucessivos e simultâneos; e o problema da consciência consiste em determinar como os fenômenos particulares são inter-relacionados, e como suas relações e conexões novamente se combinam para formar a totalidade da vida mental. (Wundt, 1896, pp. 237-238 – acréscimos meus).

O conceito de consciência que é alçado à condição de objeto de estudos da psicologia é visto como uma expressão formal para os fenômenos mentais empiricamente percebidos, sob a qual não se pode compreender nenhuma entidade ou classe de ocorrência distinta do fenomenismo psíquico e de seus elementos integrantes. Além disso, qualquer referência a estados ou processos inconscientes que continuem existindo, mesmo quando não reconhecidos pela consciência, é descartada, segundo Wundt (1896), por acrescentar uma hipótese não comprovável acerca da permanência dos fenômenos. Para Wundt, a única distinção aceitável em relação aos conteúdos da consciência diz respeito aos diferentes níveis de clareza segundo os quais a associação de estados mentais temporalmente separados é apreendida, conforme sejam reconhecidos pela atenção difusa ou focalizada e em função das próprias condições distintivas de sua origem, constituindo assim o que ele chama de graus de consciência (Wundt, 1913). A recusa de Wundt em relação à permanência de conteúdos psíquicos pode ser encontrada no tratamento dado por ele às representações nesta passagem das *Lectures*, em que ele afirma que a mesma representação nunca volta ou se mantém inalterada.

> Uma representação posterior pode ser mais ou menos similar a uma anterior, mas ela provavelmente nunca é exatamente a mesma. Às vezes ela tem constituintes que a representação mais antiga não tinha; às vezes alguns daqueles constituintes que

> pertenciam à representação mais antiga estão ausentes na representação mais recente. Dificilmente há qualquer outro ponto de vista que tenha sido uma fonte de erro tão grande na psicologia quanto aquele que vê as representações como objetos imperecíveis que podem aparecer e desaparecer […]. (Wundt, 1896, p. 236)

Da mesma forma, a diferenciação entre a consciência e os fenômenos que constituem seu conteúdo é recusada por se apoiar numa substancialização da ideia de mente que, conforme discutido anteriormente, não pode designar outra coisa que não os próprios fenômenos psíquicos em seu desenvolvimento total (Wundt, 1913). Com o abandono dessa concepção substancialista, a percepção de unidade da consciência que se apresenta na experiência é decorrente, segundo Wundt, da interconexão contínua desses compostos, não obstante seu fluxo constante; da transferência imprópria das relações observadas na percepção externa dos objetos para a percepção interna, em que há uma confusão entre a similaridade dos processos psíquicos que fluem e sua identidade; e, em última instância, do fato de que o corpo é ele próprio percebido como um objeto externo (Wundt, 1896).

Outra característica da vida psíquica é que, além de ser percebida imediatamente, seus fenômenos apresentam um caráter composto e esse conjunto de processos psíquicos de diferentes graus de complexidade podem ser diferenciados, para fins científicos, em uma classificação específica. Para Wundt (1896), quando se observam as imagens dos objetos ou da abstração destes, têm-se diante de si representações mentais; quando se focalizam as reações afetivas acerca dessas representações, tem-se o que se entende por sentimentos; e, quando se observam as mudanças nos estados afetivos e sensoriais, falamos em atos volitivos. Isso significa afirmar que não existem diferentes naturezas de processos psíquicos, mas antes que se trata apenas de uma variada configuração dos mesmos processos e de sua observação segundo alguns aspectos momentaneamente preferidos. Como Wundt afirma, “se o sentimento é caracterizado somente por sua relação com o sujeito, é claro que a distinção entre ele e a sensação ou a representação não pode ser em qualquer sentido original” (Wundt, 1896, p. 212) e a separação entre eles diz respeito apenas a uma abstração psicológica.

Diante desta característica da vida psíquica Wundt apresenta um princípio epistemológico e metodológico capaz de explicar a relação entre a mente e o corpo – o princípio do paralelismo psicofísico. Segundo ele, eliminada a noção de substância e

adotada uma concepção unitária acerca da experiência, as expressões físicas e psíquicas devem ser entendidas como duas séries de processos em desenvolvimento paralelo e correlacionado, porém não redutíveis uma a outra. mas regidas por leis causais autônomas e complementares. Tal princípio supõe que o desenvolvimento da vida mental está necessariamente associado a um organismo físico e, em função do caráter unitário da experiência, é possível, quando necessário, estudá-la a partir de uma correspondência ou correlação com este. Para Wundt, os resultados disponíveis até aquele momento somente permitiam afirmar uma correspondência entre processos físicos complexos e processos psíquicos simples, mas não entre expressões psíquicas complexas, como a consciência e os atos da vontade, e quaisquer processos corporais. Além disso, para Wundt (1912), nos extremos das duas séries não é sequer possível encontrar correspondentes para os fenômenos de cada lado, devendo-se, nestes casos, restringir-se aos termos explicativos da própria série ou, quando necessário, adotar o termo equivalente da outra, como recurso para a compreensão dos fenômenos subseqüentes da cadeia, sem desconsiderar que não se trata de uma substituição efetiva (Wundt, 1896, 1897).

Embora Wundt elimine o paralelismo psicofísico em um nível metafísico, postulando uma unificação entre a expressão física e espiritual da experiência, sua utilização na psicologia restringe-se a seu aspecto heurístico, destinado a explicar a relação entre a mente e o corpo. Neste segundo nível, o paralelismo psicofísico permite considerar o surgimento de expressões psíquicas rudimentares nos animais e supor o desenvolvimento gradual da vida psíquica tal como experimentada por seres humanos, reforçando a hipótese de que ela acompanhou o desenvolvimento da vida orgânica e que, ao longo de sua escala, conheceu uma gradativa complexificação até que se pudessem reconhecer vivências mentais elaboradas. Wundt supõe que, assim como a vida orgânica antecede o surgimento da vida psíquica, o desenvolvimento desta ultrapassa a correspondência com o corpo, explicando com isso as limitações em se encontrar correspondentes físicos para os processos psíquicos superiores.

Este aspecto é fonte de muitos problemas interpretativos sobre a obra de Wundt e ainda hoje se encontram afirmações que confundem a recusa de Wundt em tratar as expressões superiores da vida psíquica em termos de simples associações de reflexos com uma rejeição do desenvolvimento contínuo das expressões da vida psíquica animal e humana (Greenwood, 2009). Como se pode perceber em obras como *Lectures on human and animal psychology* (1896) e *Sistema de Filosofía Científica* (1913), Wundt

admite que as manifestações da vida psíquica não só antecedem as expressões humanas, indicando com isso a continuidade de seu desenvolvimento, como extrapolam suas manifestações individuais, relacionando-se desde seu início com a vida orgânica[6].

A singularidade da vida psíquica humana em relação à animal repousa principalmente no fato de que a combinação de seus processos mentais envolve a criação de novos valores e dá origem a fenômenos cada vez mais elaborados, como a inteligência humana. Assim, sua defesa da impossibilidade de se reduzir fenômenos psíquicos complexos às associações de reflexos está pautada pela natureza dos processos de combinação e seus resultantes, e não por uma ruptura entre a vida psíquica humana e animal (Wundt, 1896). É, portanto, a partir desta noção de continuidade da série de desenvolvimento mental que se pode considerar o papel desempenhado pela psicologia animal e pela *Völkerpsychologie* na compreensão do desenvolvimento gradual da vida mental no homem.

Em relação a sua psicologia individual, experimental ou voluntarista, alvo do presente trabalho, Wundt afirma que ela deve enfrentar três problemas rumo à compreensão dos processos que constituem a experiência psíquica: "o *primeiro* é a *análise* dos processos compostos; o *segundo* é a *demonstração das combinações* nas quais os elementos descobertos pela análise entram; o *terceiro* é a *investigação das leis* que operam na formação de tais combinações" (Wundt, 1897, p. 25 – destaques no original).

1.1.1 Classificação dos processos psíquicos

Ao constatar que os fenômenos psíquicos que se apresentam à experiência imediata possuem um caráter complexo, envolvendo diferentes tipos de processos, tais

[6] Embora Greenwood (2009) afirme que "a 'nova psicologia' era baseada na psicologia 'experimental' ou 'fisiológica' de Wilhelm Wundt, que rejeitava o princípio da forte continuidade entre a psicologia e o comportamento humano e animal" e que "A posição de Wundt era análoga a de Morgan" (p. 559), é curioso notar que a única obra de Wundt sobre a qual ele baseia sua afirmação é a terceira edição de *Principles of physiological psychology* (1887), na qual não há qualquer indicação de semelhança com a obra de Morgan e onde se pode ler que "nos níveis mais baixos dessa série desenvolvimental [psíquica], os processos de consciência são, naturalmente, confinados dentro de limites muito estreitos e a vontade é determinada pelos impulsos orgânicos universais somente nas formas mais simples. Entretanto, as manifestações da vida, mesmo entre os protozoários mais simples, são explicáveis apenas a partir da hipótese de que eles possuem uma mente. (...) Esses são todos fenômenos que apontam para a continuidade dos processos mentais (...)" (Wundt, 1904, p. 30 – acréscimo meu).

como os de natureza representativa, afetiva e volitiva, e as dificuldades de acesso aos mesmos, o ponto de partida para o estudo das ocorrências mentais deve ser a identificação de seus processos mais elementares, que Wundt reconhece como sendo as sensações e os sentimentos simples. Sem qualquer referência a unidades físicas, essas formas básicas são definidas como "componentes absolutamente simples e irredutíveis do fenômeno psíquico, que não podem ser encontrados apenas pela análise, mas somente com a ajuda da abstração" (Wundt, 1897, p. 28) e, ao serem combinados, dão origem a diferentes expressões da vida psíquica. As sensações são definidas como "os constituintes psicológicos mais simples e elementares da representação" (Wundt, 1896, p. 15), que se referem a objetos externos e podem ser distinguidos a partir de duas propriedades: sua força ou intensidade e sua qualidade, que estão relacionadas à intensidade e à forma do estímulo. Essas propriedades das sensações se apresentam de modo inseparável, isto é, uma não existindo na ausência da outra, embora, por outro lado, possam variar de forma independente. Wundt demonstra a relação entre essas propriedades da sensação com o exemplo de uma nota musical, que pode ser executada suavemente e gradativamente intensificada até seu grau mais alto, permanecendo ainda assim com a mesma qualidade, enquanto, em outra situação, diferentes notas musicais podem ser executadas com a mesma intensidade, embora cada uma corresponda a uma qualidade diferente. Já os sentimentos simples são entendidos por Wundt como processos que "implicam uma condição de um sujeito que sente, um afeto ou atividade do self" (1896, p. 211), são, portanto, sempre subjetivos, ao contrário das sensações, que possuem sempre uma referência objetiva. Embora se refiram a uma condição puramente mental, Wundt não pretende com isso afirmar que tais processos simples sejam essencialmente diferentes, mas, ao contrário, segundo ele,

> Parece ser visto como uma dificuldade que um único e mesmo processo deva ser chamado tanto de sensação quanto de sentimento. Mas foi esquecido que alegria e pesar, esperança e ansiedade e todos os outros sentimentos são realmente estados da mente que somente são afetivos na medida em que têm referência ao sujeito que sente; enquanto em outros aspectos eles dependem de representações que, objetivamente consideradas, são inteiramente vazias de sentimentos. A única diferença é que, no caso dos sentimentos mais complexos, nós associamos um maior valor ao sentimento como tal e, por isso, damos um nome separado para cada uma de suas formas particulares. (Wundt, 1896, p. 212)

Embora esta referência a elementos psíquicos simples e suas combinações tenham rendido a Wundt a identificação de sua psicologia com tentativas de se estabelecer uma química mental, sob a influência da tradição associacionista (Boring, 1953; Herrnstein & Boring, 1971; Sternberg, 2003), os estudos de Wundt sobre os fenômenos psíquicos elementares devem ser entendidos no sentido da tradição leibniziana, como lembra Blumenthal (1980), cuja ênfase está no caráter unitário da experiência, que é guiada por um processo volitivo intrínseco e ativo. Além disso, é importante notar, como salienta Young (1973), que o princípio da associação de ideias antecede ao surgimento, no final do século XIX, da escola da psicologia associacionista, e exerceu enorme influência tanto nas hipóteses quanto nos métodos empregados no estudo do homem. Sem nos atentarmos para isso, cairíamos em uma contradição ao afirmar que Wundt critica o associacionismo e, ao mesmo tempo, adota princípios associativos para a descrição dos fenômenos mentais.

Sua proposta de princípios associativos para a formação dos processos psíquicos tem como base a investigação experimental, e não uma dedução lógica a partir de determinados pressupostos, distinguindo-se deste tratamento tradicional em vários aspectos: o primeiro diz respeito ao fato de que, segundo Wundt, a escola associacionista vê as representações como objetos ou como processos que podem ser repetidos na consciência exatamente da mesma forma como apareceram pela primeira vez, o que é incompatível com o caráter processual da experiência imediata, conforme definida por ele. Além disso, tais representações são tratadas pelos associacionistas como unidades psíquicas irredutíveis, enquanto sua investigação experimental demonstra que são resultados de um processo sintético e podem ser analisadas em unidades elementares. Outra distinção, segundo Wundt, refere-se ao fato de que, ao assumir a união física de impressões na percepção sensorial como suficiente para explicar a composição psíquica, os associacionistas dispensam a análise psicológica e limitam o conceito de associação a uma reprodução de representações em sucessão temporal. Com base nessas distinções, não apenas o conceito de associação assume um significado distinto, mas também o conceito de fusão, uma vez que ele se distingue da associação apenas pela força de suas uniões e pelo fato de dar origem a novos compostos psíquicos, qualitativamente inéditos em relação às suas partes.

Wundt (1897) também dirige críticas ao associacionismo de David Hartley (1704-1757) e a David Hume (1711-1776), assim como às tendências modernas da psicologia de Herbert Spencer (1820-1904) e de Johann F. Herbart (1776–1841) que,

segundo ele são, de maneira geral, possuem um caráter intelectualista incapaz de explicar a origem dos processos afetivos e volitivos e representam uma visão mecânica da vida mental, incompatível com sua noção de atividade e de causalidade psíquica (Wundt, 1897).

Tendo em vista o tratamento dado por Wundt ao princípio de associação, uma das formas possíveis de composição das sensações simples a partir dele dá origem às representações, que são imagens dos objetos externos ou das abstrações de suas noções lógicas, associadas à excitação direta dos órgãos dos sentidos, às memórias destas impressões sensoriais e às imagens da imaginação (Wundt, 1896). Essas representações podem ainda, segundo Wundt, ser organizadas em diferentes tipos: espaciais, temporais e intensivas e, uma vez que se referem às propriedades objetivas de um conteúdo imediato da experiência, oferecem-se mais facilmente à intervenção analítica, sem sofrer modificações.

Outra forma de composição diz respeito não aos elementos objetivos das representações, mas à apreensão subjetiva das mesmas, que caracteriza os processos afetivos. Adotando como unidade fundamental o sentimento simples, suas diferentes formas de composição dão origem aos chamados sentimentos compostos ou combinações afetivas intensivas, cuja às emoções e aos processos volitivos. No nível mais simples, os sentimentos compostos têm sua origem associada às relações qualitativas entre os atributos sensoriais das representações e entre os complexos representacionais, enquanto as emoções são um estágio superior dos processos afetivos, oriundo de uma sucessão de sentimentos, capaz de encontrar uma expressão externa através das reações dos órgãos dos movimentos e causar uma alteração mais intensa na cadeia de representações. Além disso, as emoções também acompanham certos processos intelectuais, dando origem aos chamados sentimentos intelectuais: os sentimentos lógicos, éticos, religiosos e estéticos, que constituem as expressões superiores da consciência humana e são capazes de exercer uma influência sobre a vida mental superior à de qualquer outro processo afetivo (Wundt, 1896).

Apesar destas relações da emoção com elementos sensoriais, representacionais e intelectuais, ela pode ainda ser interrompida de maneira súbita, ao invés de desaparecer gradativamente. Tal desdobramento ocorre em função de uma mudança na sucessão de representações, capaz de levar a uma alteração brusca nos conteúdos afetivos e sensoriais. A esta mudança no estado afetivo e sensorial Wundt chama de ato volitivo, e a própria emoção que acompanha este resultado, de processo volitivo. Tais processos

estão relacionados com a emoção sob a forma de um fenômeno de estágio superior, do mesmo modo que uma emoção está relacionada a um sentimento (Wundt, 1897). Compondo uma seqüência contínua de desenvolvimento, os próprios processos volitivos são divididos em estágios: o estágio inferior é representado pelos atos voluntários simples ou expressões do impulso, e os estágios superiores compreendem os atos de escolha, que caracterizam mais propriamente a atividade volitiva (Wundt, 1896). Para Wundt (1896), este é o aspecto característico da singularidade da experiência humana em relação ao reino animal, uma vez que o problema da volição está inescapavelmente associado à questão da causalidade e da liberdade.

Uma vez que os processos apreendidos pela experiência são sempre de caráter composto, o mecanismo que permite o estudo de suas unidades elementares envolve o que Wundt chama de funções da atenção: a percepção e a apercepção. Para Wundt, a atenção não constitui uma atividade distinta da vida psíquica, mas refere-se à coordenação de sensações e sentimentos que acompanham e favorecem a apreensão clara dos conteúdos que se apresentam à consciência. O processo pelo qual esses conteúdos são trazidos ao foco da atenção é chamado apercepção e envolve uma síntese dos elementos dispersos pelo campo da consciência; por outro lado, quando tais conteúdos permanecem presentes no escopo amplo e difuso da consciência, tem-se o processo da percepção. Assim, utilizando a analogia com o sistema visual adotada por Wundt, dizemos que a presença da atenção atua na organização dos conteúdos psíquicos no *campo visual* ou no *ponto focal* da consciência, distinguindo o processo perceptivo do aperceptivo, respectivamente (Wundt, 1897, 1911). Com isso, a principal diferença entre o processo perceptivo e o aperceptivo diz respeito ao grau de clareza e distinção com o qual os conteúdos são apreendidos, abrangendo desde as formas mais obscuras (percepção) até aquelas mais clara e distintamente apreendidas (apercepção), e à complexidade das relações estabelecidas entre os conteúdos.

A combinação dos fenômenos psíquicos operada pela apercepção se dá mediante o processo de fusão (*Verschmelzung*), que é considerado por Wundt o verdadeiro responsável pela complexidade psíquica, estando mais diretamente relacionado à atividade de síntese entre os elementos e ao surgimento de novos conteúdos (Wundt, 1897). A fusão refere-se a uma forte combinação entre elementos dos compostos psíquicos, capaz de fazer com que eles percam as características que tornavam possível reconhecê-los separadamente, dando origem a novos compostos, não previstos por seus elementos constituintes. Um exemplo do processo de fusão é dado por Wundt a partir

dos fatos da visão estereoscópica, quando imagens levemente diferentes geradas em cada olho a partir de um único estímulo se combinam para dar origem a aspectos inéditos, como a noção de profundidade que caracteriza as imagens tridimensionais. Para Wundt, "a fusão de duas imagens retinianas em uma representação singular é somente um exemplo particular de uma lei geral de formação de representações" (Wundt, 1896, p. 195).

A formação dos novos compostos é ainda influenciada pelo papel ativo ou passivo desempenhado pela atenção na síntese aperceptiva. Em sua forma passiva, a atenção caracteriza um estado de receptividade no qual as impressões não são precedidas por influências afetivas preparatórias, sendo acionado pela entrada brusca de um novo conteúdo no ponto focal da consciência. É neste estado que, segundo Wundt, atuam os processos associativos, formando as chamadas apercepções passivas.

Wundt afirma que a apercepção passiva é um processo que envolve combinações elementares, às quais ele reserva o termo associação, que se refere à combinação entre elementos de compostos psíquicos diferentes e com menor força de união. Tais associações podem ser classificadas a partir de sua ocorrência simultânea e sucessiva, conforme consistam num ato singular instantâneo ou possam ser divididas em dois atos, e incluem as assimilações (associações que ocorrem entre uma percepção sensorial e uma imagem mnêmica) e as complicações (associações que ocorrem entre percepções de diferentes sentidos). Por outro lado, a forma ativa da atenção caracteriza-se pela presença de elementos afetivos que precedem a apreensão dos conteúdos psíquicos, além das sensações de tensão nos músculos dos órgãos sensoriais afetados pelo novo conteúdo. Esta condição dá origem às combinações aperceptivas, que envolvem o processo de fusão e são, portanto, formas mais fortes de relação, que atuam sobre diferentes tipos de compostos psíquicos e envolvem atividades de relação e comparação destes compostos. Ao serem repetidas e combinadas diversas vezes e aplicarem-se a fenômenos cada vez mais extensos, tais atividades dão origem às funções complexas de síntese e análise dos novos compostos, que resultam em formações superiores, tais como as funções da imaginação e do entendimento, os sentimentos lógicos e éticos, os complexos representacionais e os atos de escolha livre (Wundt, 1897).

1.1.2 Leis psíquicas

A capacidade criadora da consciência humana e a consequente incomparabilidade entre os fenômenos da experiência mediata e imediata são os fatores que levam Wundt a afirmar que, embora se trate de uma única experiência, a vida psíquica deve obedecer a uma regularidade própria. Para Wundt, tanto componentes quanto resultantes psíquicos devem fazer referência à experiência imediata, isto é, a valores qualitativos, sem contradizer as leis da causalidade física, que dizem respeito a valores quantitativos, ou admitir uma causalidade cruzada (Wundt, 1897).

Segundo ele, enquanto nas ciências naturais a maior estabilidade e a permanência do objeto permitem tratá-lo conforme leis mecânicas, como a da conservação de energia, e seus fenômenos sejam percebidos como experiências separadas que requerem a utilização de elementos conceituais para sua conexão, no caso da psicologia a natureza processual do fenômeno psíquico revela características distintas, como a percepção imediata da conexão causal entre seus processos e a presença de uma dimensão valorativa, orientada por uma noção de propósito.

Constatada a singularidade dos aspectos mediatos e imediatos da experiência e a impossibilidade de se aplicar os princípios que regem o mundo físico às expressões psíquicas, sem contradizer a autonomia lógica entre os dois domínios, a psicologia deve aceitar, segundo Wundt, o postulado de uma causalidade psíquica autônoma, compatível e complementar em relação à causalidade das ciências naturais. A partir desta noção de autonomia causal, Wundt organiza as regularidades dos fenômenos psíquicos encontradas nos estudos observacionais e experimentais sob a forma de leis que regem a experiência imediata. Entre elas, Wundt diferencia duas categorias, que compreendem leis de relação e leis de desenvolvimento. As primeiras englobam aquelas que se aplicam ao surgimento e interação imediata dos compostos psíquicos, tais como a lei dos resultantes, das relações e dos contrastes psíquicos. Já a classe das leis de desenvolvimento deriva da primeira e consiste nos efeitos complexos produzidos por combinações de leis de relação com séries mais extensas de fatos psíquicos. Elas compreendem as leis do crescimento mental, da heterogonia dos fins e da intensificação por contrastes (Wundt, 1897).

A lei dos resultantes psíquicos está relacionada ao caráter sintético e produtivo das interações de compostos psíquicos. Ela afirma que “cada composto apresenta atributos que podem ser entendidos a partir dos atributos dos seus elementos, embora de

modo algum eles devam ser vistos como a mera soma destes atributos" (Wundt, 1897, p. 321). Tal lei expressa o princípio da síntese criadora, que extrapola a equivalência entre causa e efeito das ciências da natureza ao informar que as combinações entre sentimentos e sensações não ocorre de modo passivo, mas envolve a criação de novos compostos e um sentimento de atividade e impõe à explicação psicológica um caráter retrospectivo, isto é, possível somente posteriormente à ocorrência dos fenômenos, e não a partir da simples observação de seus elementos constitutivos. Já a lei das relações psíquicas afirma que cada conteúdo singular adquire seu significado a partir das relações que mantém com outros processos psíquicos, permitindo identificar as funções de fundamento e conseqüência desempenhada por cada elemento (Wundt, 1897). De maneira complementar, a lei do contraste psíquico refere-se à constatação de que, ao longo do desenvolvimento mental, as sensações, representações e sentimentos contíguos são intensificados a partir de relações de oposição, conforme eles ou os processos que lhes acompanham sofram alguma variação quantitativa ou qualitativa.

Quanto às regularidades constatadas ao longo da complexificação destas interações, a lei de crescimento mental fundamenta-se no caráter produtivo da síntese dos compostos, que acrescenta novos elementos a cada interação e promove um desenvolvimento cumulativo da vida mental. Já a lei da heterogonia consiste na afirmação de que um motivo produz não somente seus fins latentes, mas tem sua configuração original alterada a partir da entrada desses resultantes na consciência e de sua combinação com os sentimentos e volições, dando origem a novos atos psíquicos. Por fim, a lei da intensificação amplia a dos contrastes psíquicos, tornando possível, por exemplo, que a teoria dos sentimentos proposta por Wundt seja organizada em torno de pólos de expressões afetivas contrastantes. Isso explica, segundo Wundt, que um sentimento de prazer seja mais intenso e sua qualidade específica mais claramente sentida se ele tiver sido precedido por um sentimento de desprazer (Wundt, 1912). Uma relação que também pode ser encontrada entre os sentimentos de excitação e depressão e de tensão e relaxamento.

Em decorrência dessa causalidade própria, o tipo de explicação oferecida pela psicologia também deve assumir um caráter específico, uma vez que, segundo ele, "existe apenas um tipo de explicação causal em psicologia, que é a derivação de processos psíquicos mais complexos daqueles mais simples" (Wundt, 1897, p. 24), e os elementos fisiológicos devem ser usados "apenas como ajudas complementares, em

função da relação entre a ciência natural e a psicologia" (p.24), mas nunca como uma substituição efetiva ou como termos equivalentes.

A recusa da causalidade psíquica, defendida pelas tendências de caráter materialista, extrapola, segundo Wundt, o auxílio legítimo que a fisiologia pode prestar à psicologia e apenas transfere o problema da explicação dos processos psíquicos à fisiologia cerebral. Segundo ele, a procura pela determinação da dependência da experiência imediata em relação ao corpo, pressuposta no recurso à fisiologia empreendido pela psicologia materialista, pode ser identificada com um materialismo psicofísico, é "epistemologicamente insustentável e psicologicamente improdutivo" (1897, p. 17), uma vez que extrapola os limites da ciência empírica em suas afirmações e, embora pretendendo retirar a psicologia do domínio das especulações metafísicas, subordina-a ao das ciências naturais, eliminando com isso sua autonomia explicativa. Para Wundt, embora a psicologia necessariamente considere a ligação constante dos fenômenos psíquicos com o corpo como forma de examinar a experiência imediata, a explicação do fenômeno psíquico deve permanecer restrita aos termos da sua própria série e, em momento algum, depende da determinação de sua dependência específica em relação às condições corporais.

1.2 O método científico: Controle experimental e percepção interna

Em respeito à concepção de que todos os domínios científicos lidam com algum aspecto da mesma experiência, Wundt afirma que a psicologia deve recorrer aos mesmos métodos adotados por toda ciência empírica, a observação e o experimento, e que sua utilização no campo dos fenômenos psíquicos representa um impacto comparável à revolução sofrida pelas ciências naturais ao ultrapassarem as especulações da filosofia natural, com a introdução do método experimental (Wundt, 1904). Influenciado pela tradição dos estudos fisiológicos que se estabelece nas universidades alemãs a partir do final da década de 1850, Wundt credita a importância da investigação experimental para a psicologia à possibilidade de superação dos tradicionais obstáculos ao acesso à vida mental enfrentados pelas tentativas de introspecção tradicional, tornando possível o acompanhamento sistemático de determinados fenômenos psíquicos e, com isso, eliminando a assimetria entre a psicologia e as outras ciências empíricas.

Para que o significado da adoção dos métodos científicos pela psicologia seja adequadamente compreendido, é necessário entender como Wundt tratava cada um e a qual domínio de fenômenos cada um era aplicado. A observação supõe, por definição, a distinção entre sujeito e objeto, uma vez que procura estudar os fenômenos sem exercer qualquer interferência sobre eles e respeitando seu desenvolvimento ao longo da experiência. Desta forma, mostra-se adequada aos fenômenos do tipo objeto, cujas características permitem ao observador investigá-los sem que suas propriedades sejam alteradas. Na condição de produtos mentais desenvolvidos ao longo da história, os fatos de interesse da *Völkerpsychologie*, tais como a linguagem, as representações mitológicas e os costumes, embora não constituam objetos reais, adquirem o caráter de objetos psíquicos uma vez que apresentam os atributos de relativa permanência e independência do observador e, além disso, não são acessíveis ao experimento no sentido tradicional, devendo, portanto, ser estudados apenas pelo método observacional (Wundt, 1897).

De forma complementar, o experimento é entendido por Wundt como uma observação associada à interferência intencional do observador na origem e no curso do fenômeno. Sua aplicação na psicologia deve considerar que a distinção entre sujeito e objeto, fundamental à observação, está aqui ausente e, portanto, alguns ajustes são necessários para que um experimento real seja possível e a psicologia possa determinar o momento de início do processo, a distinção entre seus vários componentes e o papel desempenhado por cada um. O método introspectivo tradicional até então utilizado no estudo dos fenômenos mentais mostra-se, segundo Wundt, completamente estéril aos objetivos de uma psicologia experimental, uma vez que ignora a coincidência entre sujeito e objeto e pretende uma auto-observação casual dos fenômenos, sem qualquer critério para sua verificação científica.

Como forma de contornar essas dificuldades, Wundt propõe uma distinção conceitual entre observação e percepção interna. Segundo ele, toda observação requer a independência entre sujeito e objeto e, portanto, não é possível no estudo dos fenômenos psíquicos individuais, mas apenas nas ciências naturais. Desta forma, a apreensão casual e espontânea que cada sujeito tem de suas próprias ocorrências psíquicas deve ser chamada de percepção interna (*innere Wahrnehmung*). Essa percepção interna, contudo, também não é suficiente para a constituição de uma ciência uma vez que se dá de maneira não-sistemática e seus resultados não podem sem averiguados. Wundt propõe, então, que o processo psíquico espontâneo da percepção

interna, seja reproduzido e regulado pela introdução de mecanismos experimentais de variação sistemática das condições de seu surgimento e desenvolvimento, substituindo a introspecção tradicional, que se baseia nos resultados da mera percepção das ocorrências psíquicas.

Os processos psíquicos a serem estudados pelo controle experimental da percepção interna são aqueles de caráter mais simples, compostos por relações mais facilmente analisadas, cuja origem pode ser identificada, assim como suas expressões medidas a partir de relatos dos participantes acerca de aspectos como a intensidade, a extensão e a duração da percepção dos estímulos e, quando necessário, pelas manifestações fisiológicas. Tal restrição deve-se ao fato de que a fusão entre os processos, promovida pela síntese criadora, torna impossível a redução destes produtos aos seus elementos constituintes e, além disso, pelo fato de os processos mais complexos da vida mental não encontrarem qualquer correspondência com os processos corporais.

Conforme apontado por Araujo (2010a), Wundt utilizou na maior parte das vezes a expressão auto-observação real (*wirkliche Selbstbeobachtung*) para designar essa combinação do método experimental com a percepção interna e distingui-la do tratamento tradicional. Como indicam Danziger (1980c) e Blumenthal (1980), ao longo das traduções inglesas da obra de Wundt, termos como *reine Selbstbeobachtung*, *innere Wahrnehmung* e *experimentelle Selbstbeobachtung* foram igualmente tratados como equivalentes e traduzidos como introspecção, levando a uma confusão em relação ao método adotado por Wundt. Embora essa questão tenha sido esclarecida a partir dos estudos dos anos 80 (Araujo, 2010a; Blumenthal, 1980; Danziger, 1998; Robinson, 2001), ainda assim, sua distinção em relação à percepção interna e à introspecção ou auto-observação pura não está claramente apresentada em muitos manuais ou, em alguns casos, apesar de reconhecida, a percepção interna é tratada como um tipo distinto de método experimental, e não como um processo psíquico a ser estudado com recursos experimentais (Jones & Elcock, 2001; Stenberg, 2003).

No desenho metodológico adotado por Wundt, além do controle das condições de observação, as pesquisas envolviam um número pequeno de participantes, uma vez que, segundo sua concepção, os processos psíquicos individuais não eram simplesmente idiossincráticos, mas constituíam uma expressão da mente humana em geral e, desde que os requisitos experimentais fossem rigorosamente atendidos e a pessoa fosse suficientemente instruída acerca dos procedimentos e dos processos a serem

observados, estava garantida a fidedignidade dos resultados em relação ao funcionamento universal da mente humana (Danziger, 1998; Wundt, 1896, 1913). Com isso, o procedimento experimental clássico utilizado por Wundt envolvia, via de regra, apenas a pessoa sob experimento (*Versuchsperson*), também chamada de observador (*Beobachter*) e aquele que manipula o aparato experimental (*Experimentator*), além dos instrumentos destinados à produção dos estímulos e registro das respostas (Danziger, 1998; Robinson, 2001). Tais funções eram desempenhadas, em geral, pelos próprios estudantes de Wundt, e não por pessoas estranhas entre si e ingênuas em relação ao objetivo dos estudos. Como citado por Danziger (1998), Wundt havia estabelecido como base para seu programa de pesquisa o preceito de que uma aceitação compreensiva (*verständnisvolles Eingehen*) das intenções do psicólogo era uma precondição para a condução efetiva dos experimentos psicológicos, o que tornava comum uma alternância entre os papéis desempenhados, uma vez que o sujeito deveria ter tanto conhecimento sobre o experimento quanto o experimentador.

Constituindo uma resposta prática às necessidades experimentais, a justificativa para tal alternância estava relacionada com seu objetivo de investigar as leis psíquicas, uma vez que, para observar a causalidade psíquica, era necessário que o sujeito agisse ativamente e estivesse preparado para reconhecer os fenômenos em estudo e variar, de maneira adequada, a direção e o nível de atenção sobre eles, o que só ocorreria se fosse capaz de adotar voluntariamente um consentimento compreensivo em relação aos objetivos do experimentador. Esta alternância entre observadores e experimentadores também era necessária para clarificar os resultados obtidos, minimizando a interferência das diferenças individuais sobre os mesmos, além de cumprir uma função pedagógica formando novos pesquisadores na investigação experimental dos processos mentais. Com isso, não somente os alunos de Wundt conduziam e participavam dos experimentos, como ele próprio desempenhou o papel de sujeito de muitos experimentos, em especial nos primeiros anos de atividade do Laboratório de Leipzig (Danziger, 1985).

A legitimidade da utilização dos mesmos métodos experimentais das ciências naturais pela psicologia sustenta-se, segundo Wundt (1896, 1897, 1912), na hipótese da correspondência entre as séries de desenvolvimento físico e psíquico, estabelecida por seu paralelismo psicofísico, e numa concepção segundo a qual todo aparato de investigação tem seu significado definido em função de seu uso em relação às perguntas teóricas que pretende responder. Ao utilizar instrumentos de medida das reações

fisiológicas aos estímulos, o que se procurava não era a reação fisiológica em si, mas o processo psíquico que ocorria em correspondência a ela. Isso justifica como muitos instrumentos, desenvolvidos inicialmente para ciências físicas e fisiológicas, foram herdados e adaptados, tornando-se recursos importantes para as respostas às questões psicológicas (Danziger, 1998; Gundlach, 2007), como as que se faziam no laboratório de Leipzig.

É importante notar, contudo, que a confiança na objetividade instrumental para estabelecer a posição científica da psicologia não significou, por parte de Wundt, a aceitação irrestrita do método experimental, como capaz de abranger todos os temas de estudo da psicologia (Ash, 2008). Em função das limitações próprias ao método experimental e da relação estabelecida entre as duas séries de processos físicos e psíquicos, sua adoção pela psicologia deve ser restrita, segundo Wundt, àqueles fenômenos que são diretamente acessíveis às influências físicas, isto é, que estão funcionalmente relacionados aos órgãos dos sentidos e do movimento e que constituem os processos psíquicos mais simples ou fundamentais (Wundt, 1986), e não às expressões mais elaboradas, formadas por relações mais fortes, como as emoções, os processos volitivos e o pensamento. Essa restrição metodológica apenas aos fenômenos psíquicos simples se reflete nos trabalhos realizados por Wundt no laboratório de Leipzig, em que as pesquisas concentravam-se sobre fenômenos como a sensação, a percepção e a atenção, os correlatos fisiológicos das emoções e as associações representacionais (Tinker, 1980; Robinson, 2001).

Outro aspecto importante do método experimental wundtiano diz respeito ao caráter relativo das medidas produzidas por ele. Segundo Wundt, em função da impossibilidade de acesso experimental direto aos processos psíquicos, as investigações experimentais jamais ofereceriam uma medida direta ou absoluta da intensidade de qualquer processo psíquico, mas apenas uma medida relativa, definida em função da comparação de um processo psíquico em relação a outro (Wundt, 1896). Wundt defendia, por exemplo, que experimentos bem construídos utilizando o método de subtração poderiam oferecer estimativas do tempo de apercepção, identificado com o tempo de discriminação dos estímulos, e do tempo para o ato voluntário simples, entendido como o tempo para escolha da resposta adequada. Ao subtrair a primeira medida (apercepção) da última (ato voluntário simples), seria possível obter uma magnitude do tempo relacionada aos processos intermediários e sua constância média,

estabelecendo com isso uma medida relativa dos processos psíquicos envolvidos (Wundt, 1896).

O objetivo da psicologia wundtiana ao utilizar os métodos experimentais é analisar os compostos mais simples para demonstrar a regularidade e o lugar que cada elemento ocupa nas combinações psíquicas e, assim, entender suas expressões superiores e as leis que regem a vida mental. Embora tenha recebido críticas de muitos contemporâneos e sofrido modificações, o método experimental empregado por ele nesta tarefa caracterizou os trabalhos da chamada Primeira Escola de Leipzig e estabeleceu-se como um referencial, cuja estabilidade e resultados eram capazes de oferecer um ponto de partida para futuras críticas, além de ser facilmente aprendido e, assim, replicado por seus estudantes quando voltavam a seus países de origem (Robinson, 2001).

2 A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DE EDWARD TITCHENER

Edward Bradford Titchener nasceu em Chichester, na Inglaterra, em 11 de Janeiro de 1867. Oriundo de uma família de comerciantes e profissionais liberais, foi educado conforme os valores de uma classe média alta, inspirada pelo ideal dos tradicionais *gentlemen* ingleses. Em função de seu destacado desempenho escolar, obteve uma bolsa de estudos no Brasenose College, da universidade de Oxford, onde ingressou em 1885. Lá, Titchener recebeu uma formação em estudos clássicos e filosofia, com particular ênfase nas ideias de grandes filósofos britânicos, como John Locke, David Hume, James e John S. Mill. Durante seu período em Oxford, entrou em contato também com as discussões na filosofia e nas ciências continentais da época e com a obra de Charles Darwin e Thomas Huxley, representantes da nova biologia que exerciam grande influência no pensamento científico. Seu entusiasmo com essas ideias o fez declarar-se um seguidor de Huxley e de Herbert Spencer (Boring, 1927; Evans, 1990; Titchener, 1918b), um representante do ponto de vista naturalista e evolucionista nas teorias sociais e na psicologia, que combinava a doutrina tradicional da associação de ideias com a noção lamarckista de hereditariedade das características adquiridas (Young, 1973). Embora, posteriormente, Titchener (1918a, p. 204) tenha dirigido críticas a Spencer, sua ênfase na consideração do contexto biológico, e não no epistemológico, como o adequado para o tratamento dos problemas psicológicos parece ter sido uma marca indelével sobre Titchener e, como aponta Young (1973), tal tendência exerceu uma influência decisiva no desenvolvimento da psicologia.

Imerso em um ambiente intelectual em que os avanços dos métodos exatos de experimento e cálculo transformavam as ciências que lidavam com os fenômenos da vida, os interesses de Titchener rapidamente se dirigiram para a fisiologia e a psicologia. Conforme indicado na literatura secundária, teria sido a partir da leitura da obra *Principles of Psychology* (1855), de Spencer, e dos trabalhos sobre psicologia comparativa de George John Romanes que Titchener se interessou por psicologia (Evans, 1990). O primeiro contato com a obra de Wundt teria ocorrido em 1887[7] (Titchener, 1895; Tweney & Yachanin, 1980), levando-o a constatar que seus

[7] No prefácio da tradução da quinta edição de *Principles of Physiological of Psychology* (1904), de Wundt, Titchener afirma que ao chegar a Leipzig, em 1890, já levava consigo a tradução completa da terceira edição desta obra, embora ela nunca tenha sido publicada e não tenha sido utilizada na tradução que veio a público.

conhecimentos sobre ciências experimentais eram insuficientes para acompanhar o desenvolvimento da nova psicologia. Ao final de 1888, concluídos seus estudos de filosofia e atraído pelas investigações psicológicas de Wundt (Titchener, 1918b), Titchener opta por passar o ano seguinte estudando no laboratório de fisiologia de John Scott Burdon-Sanderson, um eminente professor de medicina em Oxford, a quem Titchener dedicará algumas de suas obras e com quem manterá uma duradoura dívida de gratidão intelectual (Evans, 1990; Titchener, 1899c, 1910a). Apenas em 1890 Titchener vai para a Universidade de Leipzig e passa a freqüentar os cursos de lógica, *Völkerpsychologie*, história da filosofia e psicologia experimental oferecidos por Wundt. Nesta ocasião, participa também dos cursos sobre teoria do conhecimento e psicologia experimental ministrados por Oswald Külpe, que atuava como docente na Universidade, além de cursos de fisiologia, física experimental e anatomia (University of Leipzig, 1890-1892).

Sob a orientação de Wundt, Titchener concluiu seu doutorado em 1892, com uma dissertação sobre os efeitos da estimulação visual[8] e, após isso, voltou para a Inglaterra, onde permaneceu por poucos meses ministrando conferências sobre biologia em Oxford (Boring, 1927). Com o pouco espaço dedicado à nova psicologia na Universidade inglesa e o fechamento do laboratório de Francis Galton, em relação ao qual Titchener mantinha pretensões de trabalho, sua alternativa foi aceitar o convite de seu colega de estudos em Leipzig, Frank Angell, e ir para Íthaca trabalhar como professor assistente no recém-inaugurado laboratório de psicologia da Universidade americana de Cornell (Evans, 1990). Nesta ocasião, o laboratório estava vinculado ao departamento de filosofia e o cenário da psicologia norte-americana era marcado por preocupações teológicas e especulativas que atribuíam à psicologia um caráter funcionalista e pouco experimental (Watson & Evans, 1991). Apenas em 1895 a psicologia torna-se um departamento autônomo em Cornell e Titchener assume a responsabilidade pelo programa de psicologia da Universidade. Embora seu objetivo fosse passar apenas alguns anos em Íthaca, até que uma oportunidade surgisse na Inglaterra, Titchener permaneceu o resto de sua vida nos Estados Unidos, onde deu aulas, traduziu diversos livros de autores alemães, como Wundt e Külpe, atuou como editor dos periódicos *American Journal of Psychology* e *Mind*, além de fundar, em

[8] *Über binoculare Wirkungen monocularer Reize*, 1892.

1904, um grupo de discussão conhecido como 'Os Experimentalistas', que se reunia anualmente para tratar dos avanços da psicologia experimental.

Sua intensa produção desses primeiros anos em Cornell é geralmente contrastada com um período de relativa escassez a partir de 1917[9], para o qual Watson e Evans (1991) oferecem uma interpretação plausível ao indicar que, além de ter assumido a maior parte das tarefas do laboratório e dobrado suas atividades entre 1917-1919, para compensar a ausência de seus assistentes e alunos, convocados a compor os quadros militares para a primeira guerra mundial, ele teria visto suas funções aumentarem à frente do *American Journal of Psychology*, passando de editor auxiliar a editor geral, o que impedia que ele pudesse manter o mesmo volume de publicações originais dos anos anteriores. Por fim, Watson e Evans (1991) ressaltam que Titchener havia assinado um contrato com os editores da Macmillan & Company, concordando em não apresentar seus textos sobre sua psicologia sistemática ao público enquanto preparava a publicação de sua obra magna, a *Systematic Psychology*, o que contribuía para que ele se visse restrito às orientações de pesquisa e aos debates das ideias de outros autores. Acrescido a essas condições, os autores indicam que o tumor cerebral que levaria Titchener à morte em 1927 já dava sinais neste período, reduzindo em parte sua energia para as atividades intelectuais.

Tais fatores não impediram, contudo, que sua atividade acadêmica e sua constante disposição para discutir sobre os mais diversos temas da nova psicologia com os maiores autores do cenário americano e europeu, o tornassem reconhecido como um ponto cardeal na psicologia sistemática americana, em relação ao qual todos os debates se estabeleciam (Boring, 1927). Como aponta Evans (1990), no início do século XX, Titchener havia se tornado uma personagem central da psicologia americana, tendo seus livros adotados como manuais de referência nos cursos introdutórios e de psicologia experimental em todo o país, inclusive em departamentos que divergiam de suas proposições teóricas, formando assim diversos novos psicólogos[10].

---

[9] Outras interpretações encontradas na bibliografia secundária atribuem esse declínio em sua produção tanto a uma crescente indiferença em relação ao reconhecimento externo, tão almejado nos anos de juventude, mas frustrado em função de sua condição de um psicólogo num contexto periférico e estrangeiro às suas origens (Boring, 1927), quanto ao fato de ter alcançado a fama cedo demais e, com isso, perdido o estímulo para continuar em suas investigações (Watson, 1978).

[10] Apesar do expressivo papel desempenhado por Titchener no contexto norte-americano, é possível encontrar afirmações como a de Leahey (2000), para quem sua psicologia "nunca foi muito popular além do próprio círculo de Titchener, e é, em muitos aspectos, importante somente como um significativo impasse na psicologia, confundindo os psicólogos de língua inglesa acerca das representações voluntaristas de Wundt. O estruturalismo morreu com Titchener, e raramente lamentou-se desde então." (p. 262).

Em relação à obra de Titchener, um dos aspectos que tem recebido maior atenção diz respeito a sua aproximação com algumas concepções da tradição alemã, em especial o positivismo. Embora a determinação precisa das influências da escola britânica e da alemã sobre suas ideias seja algo difícil de estabelecer, as considerações sobre tais influências deram origem a uma dupla tendência na interpretação da psicologia de Titchener na literatura especializada: a primeira que tende a valorizar uma forte influência das ideias do empiriocriticismo de Richard Avenarius e Ernest Mach (Boring, 1927; Blumenthal, 1980; Danziger, 1979) ou da adesão às concepções positivistas de Külpe (Blumenthal, 1980; Tweney & Yachanin, 1980) e a segunda, que aponta uma maior inclinação de Titchener em relação a sua formação de origem, identificando a influência dos autores alemães como complementar ou pontual (Evans, 1990; Pillsbury, 1928). Embora a discussão pormenorizada desta questão fuja ao propósito do presente trabalho, indícios dessas influências serão comentados para fundamentar as distinções entre sua psicologia estrutural e as ideias de Wundt. Por ora, a partir das interlocuções estabelecidas por Titchener ao longo de sua obra e de evidências indicadas na literatura secundária, cabe apenas considerar que ele permaneceu convencido da correção de algumas de suas influências originais, ao mesmo tempo em que acompanhou o desenvolvimento das ideias científicas que circulavam pelo continente, o que, contudo, não o impediu de tentar demarcar-se tanto de ideias presentes na tradição britânica quanto na alemã e, posteriormente, também na norte-americana.

Titchener amadureceu muitas de suas concepções ao longo de sua trajetória intelectual e, após a intensa produção dos primeiros anos em Cornell, passou a dedicar-se à constituição do que ele chamava de seu sistema de psicologia, um sistema que, segundo Pillsbury (1928), deveria começar com a consideração exaustiva das principais hipóteses e dos avanços alcançados na área, para então apresentar sua própria conclusão, já amadurecida e refinada, acerca dos fenômenos mentais. Embora Titchener tenha morrido sem concluir seu sistema e apenas três capítulos introdutórios de tal obra tenham sido publicados postumamente por H. P. Weld (Titchener, 1929), suas ideias desse período podem ser encontradas nas diversas conferências realizadas por ele, nas

cartas trocadas com seus alunos e com outros psicólogos e, principalmente, nas dissertações e teses orientadas por ele em Cornell (Evans, 1972)[11].

No que diz respeito à sua relação com Wundt, embora as referências de Titchener a seu professor tenham mudado ao longo do tempo, em consonância com as convicções teóricas assumidas por ele de maneira cada vez mais explícita e sistemática, elas foram acompanhadas por uma admiração pessoal e profissional constante em relação a Wundt, o que pode ser encontrado tanto em obras como *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice* (Titchener, 1901), quando ele assume sua dívida com Wundt e afirma que suas críticas a ele devem ser entendidas como uma "reação natural de um aluno que não pode prestar juramento ao ensino literal do mestre" (pp. vii-viii), como em sua correspondência com Meyer, onde com mais liberdade ele afirma que

> as generalizações de Wundt são, em sua maioria, erradas e eu não me lembro de qualquer uma daquelas principais que eu aceite hoje em dia – embora eu tivesse que engolir a maior parte delas no meu tempo –; mas eu ainda afirmo que o <u>instinto</u> de Wundt é psicológico, mesmo quando ele o levou a desviar-se (sob a influência da tradição, do treinamento, do meio, das controvérsias), e ele ainda me parece ser o único homem entre os "filósofos" sobre quem isto pode ser dito. Essa é a sua importância: não as coisas particulares que ele ensinou. (1918b, p. 215)

Influenciado pela formação numa tradição empirista, cuja proposta central era eliminar do campo científico a discussão metafísica acerca de uma natureza última das coisas e encarar a experiência humana como fonte exclusiva de conhecimento, sua concepção de ciência é essencialmente aquela da tradição britânica (Merz, 1896), que se apóia no experimento e na observação para demarcação de seus domínios, tornando-a equivalente à noção de ciência natural e excluindo de sua definição estrita disciplinas como história, lógica e matemática (Titchener, 1918a). Procurando diferenciar-se das concepções metafísicas que impregnavam a ciência de séculos anteriores, Titchener adota como ponto de partida para a atividade científica uma noção de experiência que pretende se afastar tanto do materialismo quanto do espiritualismo. Como afirma na introdução de seu *Primer of Psychology* (1898), ele acredita que "o materialismo – a

[11] É a partir deste conjunto de materiais que Evans (1972, p. 179) sustenta que "o sistema de 1925-1927 era muito diferente daquele de 1910, na organização e no método", caracterizando uma abordagem de caráter mais fenomenológico. Esse período não será considerado na presente discussão.

ontologia do *Kraft und Stoff* e do *Discurso de Belfast*[12] – é completamente intragável para os pensadores científicos dos dias atuais, e que o principal perigo que aflige o psicólogo, em particular, não é o de cair em um materialismo crasso, mas em um espiritualismo igualmente bruto" (p. viii). Segundo ele, a alternativa frente aos dois é representada pelo o que ele chama de uma "filosofia da experiência", adequada tanto aos interesses da atividade científica quanto da filosófica (Titchener, 1899c). Neste último aspecto, Titchener (1899c) cita Shadworth Hodgson (1832-1912), um filósofo inglês adepto de uma perspectiva fenomenista crítica ao materialismo e ao idealismo[13], para afirmar que essa noção de experiência não se enquadra nas hipóteses tradicionais disponíveis. Segundo ele, de acordo com essa concepção

> Inicialmente, essa experiência não é nem espiritual nem material, nem objetiva ou subjetiva, nem experiência do self ou do mundo externo, o não-self. Ela é singular e indiferenciada. Contudo, por lentos graus, ela se divide em duas metades: sujeito e objeto se apresentam um contra o outro, como coisas separadas, o objeto tomando forma muito mais rápida e definitivamente do que o sujeito. Quando a divisão está completada e a humanidade alcança um estágio de desenvolvimento suficientemente alto, cada metade é tomada como a base de um grupo especial de ciências. A metade objetiva é abstraída da totalidade e a ela se dedicam as ciências naturais ou físicas. A metade subjetiva é abstraída da totalidade e a ela se dedicam as ciências da mente. As primeiras tratam da experiência, por abstração, como independente daquele que tem a experiência; as últimas a tratam, por similar abstração, exclusivamente na sua dependência em relação à experiência individual.[14] (Titchener, 1899c, pp. 366-367)

---

[12] Titchener refere-se ao empiriocriticismo de Ludvig Büchner e ao materialismo evolucionista de John Tyndall. O primeiro diz respeito a uma metafísica monista de caráter materialista que adota como pressuposto central a tese de que a realidade material é a única que existe e é constituída por dois aspectos, a força e a matéria, que juntos integram uma mesma realidade substancial. Decorrente desta concepção, a mente é vista como um conjunto de funções cerebrais. A perspectiva de John Tyndall, expressa num famoso discurso para a Sociedade Aristotélica para o Estudo Sistemático da Filosofia, defende um evolucionismo materialista que, embora se aplique a maior parte dos fenômenos naturais, pretende resguardar à criação um lugar fora da cadeia de causa e efeito. Cf. Buchner, L. (1855). *Kraft und Stoff: Empirisch-naturphilosophische Studien.* Frankfurt am Main: Meidinger, e Tyndall, J. (1874). *Address Delivered Before the British Association Assembled at Belfast.* London: Longmans, Green & Co.

[13] Embora haja indícios de que, na segunda metade do século XIX, S. Hodgson exerceu alguma influência sobre intelectuais britânicos e norte-americanos, como por exemplo, em Willian James, Frederic Myers e Edmund Gurney (James, 1931; Benjamin, 2006), ainda não é possível afirmar se o mesmo ocorreu de maneira direta com Titchener ou se trata-se apenas de uma coincidência de perspectivas, constituídas de maneira independente. Sobre a vida de Shadworth Hodgson e algumas de suas ideias centrais, ver H. W. Car (1899, 1912).

[14] Em carta a Meyer em 30 de Abril de 1918, Titchener afirma que se "a Experiência é uma ou múltipla, singular ou plural, eu não sei nem trato disso dentro da ciência. A ciência deve descrever a totalidade do

Para explicar essa unidade da experiência do ponto de vista da ciência, ele recorre à analogia com a relação entre as superfícies côncavas e convexas. Segundo ele, o âmbito de estudos da psicologia pode ser comparado ao côncavo, enquanto o das ciências naturais, ao convexo, permitindo-nos considerar que "toda mudança em um lado caminha paralela a uma mudança correspondente no outro: a concavidade não pode se alterar sem a alteração na convexidade e vice-versa" (Titchener, 1899, p. 363). Tal concepção também se aproxima daquela defendida por pensadores como Ernest Mach, para quem um fenômeno como a cor é tido como um objeto da física na medida em que se considera sua dependência em relação a uma fonte luminosa, por exemplo, mas quando considerado em sua dependência em relação à retina humana, é tratado como uma sensação e, portanto, como um objeto psicológico, o que o leva a concluir que "não é a matéria, mas a direção de nossa investigação que é diferente nos dois domínios" (Mach, 1959, pp.17-18).

Ao afirmar que todas as ciências lidam com algum aspecto da experiência humana e distinguem-se somente em função do ponto de vista que adotam em relação a ela, Titchener pretende descartar uma definição de ciência que faz referência a objetos constituídos por diferentes naturezas ou substâncias. Ao adotar essa postura antiontológica, Titchener pretende constituir sua psicologia a partir do apelo direto à experiência, dispensando qualquer fundamentação numa teoria do conhecimento. Essa influência da tradição empirista britânica em sua formação teria favorecido sua aproximação com algumas ideias do positivismo alemão, em especial em relação à possibilidade de consideração da totalidade da experiência unitária em dependência lógica com o organismo físico individual, semelhante à de Avenarius, e no que diz respeito a uma definição sensacionista ou sensacionalista que, embora já encontrada na tradição britânica, aproxima-se das ideias de Mach[15]. Segundo Titchener (1909a), seu sensacionalismo significa apenas que as sensações são vistas como o fundamento a partir do qual todos os processos psíquicos e todo conhecimento se desenvolvem e assume, na psicologia moderna, o valor de um princípio heurístico, "enquanto o antigo sensacionalismo, justamente por ser uma teoria preconcebida, requer que os fatos se conformem a ele, quando é o caso ou não" (1909a, pp. 34-35).

---

campo existencial de todos os pontos de vista possíveis. Ela não tem nada mais a fazer – ela não está preocupada com a "realidade" como ela é nem com a subsistência de valores" (Titchener, 1918b, p. 217).

[15] No que diz respeito a esse fenomenalismo de sensações, Danziger (1980c, p. 254) afirma que o próprio Mach teria constatado sua forte afinidade com as tradição empirista britânica.

Se essa definição assemelha-se ao sensacionalismo de Mach, por outro lado, Titchener recusou os aspectos utilitários e teleológicos de sua doutrina da economia do pensamento (Evans, 1990; Titchener, 1909b). Evans (1990) ainda destaca que Titchener só teria entrado em contato direto com as ideias de Mach e Avenarius quando já estava em Leipzig e, portanto, depois de concluir seus anos de formação na tradição filosófica e científica inglesa, o que parece ter garantido a ele certa autonomia em relação a alguns aspectos dessa filosofia da ciência[16]. Com isso, parece plausível considerar a afirmação de Evans (1990) de que Titchener "não servia a nenhum mestre, mas a ele próprio, e construiu sua posição científica e psicológica selecionando ideias que se adequavam a seu próprio esquema de pensamento quando as encontrava em um amplo conjunto de escritores. Mach e Avenarius eram duas fontes entre muitas" (p. 10), o que parece ter sido esquecido por alguns intérpretes, que reduzem as ideias de Titchener a essas duas influências.

No que diz respeito ao tratamento científico da experiência Titchener adota uma postura perspectivista, considerando a totalidade da experiência sob três pontos de vista: como logicamente interdependente, como logicamente dependente do sistema físico como um todo ou, de outro modo, como logicamente dependente do organismo individual, configurando, respectivamente, os domínios das três disciplinas fundamentais: a física, a biologia e a psicologia. Segundo ele, essa perspectiva acerca da noção de experiência e a definição segundo o ponto de vista é a melhor opção científica para a compreensão dos fenômenos mentais, uma vez que, ao eliminar o substancialismo materialista e espiritualista, garante ao psicólogo seu lugar ao lado de outros cientistas e permite que ele justifique sua hipótese acerca da relação entre o corpo e a mente como plausível (Titchener, 1899c). Segundo Titchener (1929), essa definição segundo o ponto de vista pode ser encontrada nas teorias de diversos cientistas e filósofos, como Wundt, Willian James, Oswald Külpe e Hermann Ebbinghaus, além de Avenarius e Mach, e é apresentada por ele mais claramente em seu *Text-Book* (1910a), onde afirma que "física e psicologia lidam com a mesma matéria-prima, o mesmo material; as ciências são separadas simplesmente – e suficientemente – por seu ponto de vista" (Titchener, 1910a, p. 08).

---

[16] É interessante notar que, apesar do destaque tradicionalmente dado à influência de Mach e Avenarius sobre as ideias de Titchener (Boring, 1927; Danziger, 1979; Mischel, 1970), as referências explícitas a esses autores nas obras analisadas são bastante modestas e dizem respeito apenas aos estudos de Mach sobre as sensações e a percepção de movimento (Titchener, 1898, 1899c, 1908, 1909, 1910a) e a uma referência secundária aos trabalhos de Friedrich Carstanjen sobre teoria do conhecimento de Avenarius (Titchener, 1899c), sem qualquer indicação do grau de sua adesão a ela.

Para Titchener (1910a), o aspecto do universo fenomênico estudado pela psicologia é a totalidade da experiência humana considerada como dependente do organismo que a vivencia, ou mais especificamente, do sistema nervoso, e o único sentido segundo o qual a noção de mente é aceita pela psicologia é com referência à totalidade dos processos mentais experimentados por um indivíduo durante sua vida, ou seja, "a totalidade de representações, sentimentos, impulsos etc." (Titchener, 1889, p. 11). Segundo Titchener, é este contínuo de processos complexos que se relacionam de formas cada vez mais elaboradas e são reconhecidos pela atividade introspectiva que constituem a experiência dependente.

Com base nessas concepções, Titchener propõe em seu artigo *The Postulates of a Structural Psychology* (1898b) e, posteriormente, na terceira edição de seu *An Outline of Psychology* (1899c), a analogia com a biologia para explicar os fenômenos estudados pela psicologia e, com isso, garantir a esta um estatuto científico que ultrapasse o de uma mera ciência descritiva. Tal analogia, que segundo Titchener (1898b), foi sugerida inicialmente por Hermann Ebbinghaus, em seu *Gründzuge der Psychologie* (1897), baseia-se nos três níveis de investigação da biologia: o morfológico, o fisiológico e a embriológico (Titchener, 1899c). Em semelhança à morfologia, a psicologia deve dedicar-se ao estudo das estruturas da mente, ou seja, à análise dos processos psíquicos em unidades elementares. A esta psicologia Titchener chama estrutural e a identifica a uma psicologia propriamente experimental. Outro ramo da psicologia deve dedicar-se às funções desempenhadas por cada estrutura, constituindo assim uma psicologia funcional e, por fim, um nível dedicado ao estudo do desenvolvimento dessas estruturas e funções da mente ao longo da vida do organismo, dando origem a uma psicogênese (Titchener, 1899c). Segundo Titchener, uma vez que as expressões psíquicas acompanham o desenvolvimento da vida orgânica, deve-se admitir que o domínio mental tem início entre os animais e que seu desenvolvimento se estende ao nível coletivo, sendo possível prever analogamente uma psicologia que estude, por exemplo, o desenvolvimento da vida mental, as diferenças entre a mentalidade de diferentes povos e a classificação taxonômica das estruturas psíquicas. Apesar de ter reconhecido a especificidade de todas essas subdivisões da psicologia, Titchener dedicou-se apenas a sua psicologia individual ou estrutural, afirmando que somente a partir de determinados conhecimentos estabelecidos por ela as demais alcançariam bases seguras para seu desenvolvimento (Titchener, 1899c).

Outro aspecto importante a considerar é que a adoção desta noção de experiência redefine também o significado das relações das ciências em geral, e da psicologia, em particular, com a filosofia. Para Titchener apenas duas disciplinas fundamentais são reconhecidas no campo da filosofia: a epistemologia ou teoria do conhecimento e a metafísica ou ontologia. Segundo ele, a epistemologia tem como tarefa explicar como a experiência concreta, originalmente unitária, é dividida em aspectos objetivos e subjetivos, qual a necessidade e utilidade de tal divisão e como cada parte reúne conhecimentos verdadeiros. Por outro lado, cabe à metafísica a função de unificar e harmonizar os princípios e leis de todas as ciências, tirando as conclusões a partir das abstrações da experiência, configurando assim uma metafísica indutiva. Em função dos diferentes métodos adotados – a análise, pela ciência e a síntese, pela filosofia – e do interesse específico por algum dos aspectos da experiência, a ciência deve desenvolver-se, segundo Titchener, de forma autônoma e independente em relação à epistemologia e, apenas ao concluir suas investigações, dar lugar à tarefa unificadora da metafísica (Titchener, 1899c). De acordo com essa concepção, o homem de ciência não deve aderir previamente a qualquer epistemologia ou conjunto de princípios teóricos, o que não impede que as diferentes ciências apresentem certo grau de convergência e colaboração, uma vez que todas adotam um mesmo ponto de partida – a experiência humana individual (Titchener, 1910a, 1918b).

2.1. O estruturalismo e a definição de objeto

Valendo-se da expressão “psicologia estruturalista” a fim de demarcar-se do que ele via como afirmações apressadas, sem o devido fundamento científico, defendidas por uma psicologia funcionalista, Titchener salienta, em seu *An Outlines* (1899c), que a noção de estrutura da mente, embora à primeira vista possa sugerir algo permanente e durável e, portanto, incompatível com a concepção de processos mentais como ocorrências constantes, deveria ser entendida com o sentido análogo àquele empregado para referir-se à estrutura das nuvens, de um gás ou mesmo à estrutura de um argumento, ou seja, em termos de um padrão de organização, o que não comprometeria a natureza dinâmica do fenômeno. Para justificar a antecedência de uma psicologia estrutural em relação às outras modalidades, Titchener recorre ao exemplo da anatomia, cujo estudo deve preceder o da fisiologia, e às concepções de Herbert Spencer, para

quem “não pode haver nenhum conhecimento da função sem o conhecimento da estrutura que executa a função” (citado por Titchener, 1899c, p. 22), e de Burdon Sanderson, que identifica a responsabilidade pelo recrudescimento do vitalismo em fisiologia à tentativa de se estabelecer explicações funcionais anteriormente ao conhecimento estrutural (Titchener, 1898b).

Os elementos que compõem essa estrutura são, segundo Titchener, processos psíquicos simples, “que não podem mais ser analisados, que são absolutamente simples em natureza e que consequentemente não podem ser reduzidos, mesmo em parte, a outros processos” (Titchener, 1899c, p. 16), sendo, contudo, constituídos por dois atributos: a inseparabilidade e a variabilidade independente. A primeira dessas condições diz respeito ao fato de que os atributos de um elemento são dados sempre com o próprio elemento e a aniquilação de um equivale ao desaparecimento do outro. Com isso, não é possível a existência de sensações sem atributos, nem a de atributos isolados de alguma sensação, como, por exemplo, é inconcebível “uma sensação intensiva que seja despossuída de qualidade” (Titchener, 1908, p. 09). A segunda condição diz respeito à possibilidade de dois atributos variarem independentemente, sem que com isso se transformem em outra sensação. Titchener exemplifica essa condição ao falar das variações na intensidade de uma nota musical que, apesar disso, não a transformam em outra nota, mantendo sua qualidade inalterada. Em relação à variabilidade independente, Titchener acrescenta uma ressalva, uma vez que, segundo ele, existem condições específicas nas quais, a partir de certos limites, a variação num atributo implica uma variação concomitante no outro, o que, contudo, não invalida esses termos como regra geral (Titchener, 1908)[17].

Titchener recorre a uma analogia com as propriedades dos elementos químicos para justificar a relação dos atributos com as unidades psíquicas. Segundo ele, assim como os elementos químicos podem ser divididos em metais e não-metais e os primeiros identificados em função de apresentarem alto poder de reflexão da luz, por serem opacos e bons condutores de calor e eletricidade, entre outros, os atributos dos elementos psíquicos também devem ser considerados aspectos ou propriedades destes elementos e, a partir disso, permitir sua organização em grupos. Ao classificar a

[17] É interessante notar que, embora Evans (1972, p. 170) afirme que a definição destes atributos a partir da variabilidade independente e inseparabilidade por Titchener deve-se a sua aceitação da doutrina de Külpe, tal definição já estava presente em Wundt desde a segunda edição de seu *Lectures on Human and Animal Psychology* (1892), e, portanto, anteriormente a formulação apresentada por Külpe em seu *Outlines of Psychology* (1893), sendo talvez mais correto supor que tanto Külpe quanto Titchener compartilharam essa definição wundtiana.

experiência dependente a partir desses processos psíquicos elementares, Titchener define a consciência como um recorte temporal da mente, "a soma total dos processos que compõem a minha experiência *agora*; é a mente de qualquer tempo 'presente' dado" (1899c, p. 13 – destaques no original). O objeto formal de estudos da psicologia é, portanto,

> uma seção, uma divisão do fluxo mental. (...) Ao mesmo tempo, portanto, em que o assunto da psicologia é a mente, o objeto direto do estudo psicológico é sempre uma consciência. Em sentido estrito, nós nunca podemos observar a mesma consciência duas vezes; o fluxo mental segue adiante, nunca retorna. De modo prático, nós podemos observar uma consciência particular tantas vezes quanto desejarmos, desde que os processos mentais se agrupem da mesma forma, apresentem o mesmo padrão de organização, toda vez que o organismo for colocado sob as mesmas circunstâncias. (Titchener, 1910a, p. 19).

Em relação ao uso da noção de mente como referência à totalidade dos processos psíquicos, isso não deve ser confundido, segundo Titchener, com a afirmação da continuidade do fenômeno mental, uma vez que, para ele, "não há evidência psicológica de continuidade e coerência mental que não possa encontrar uma evidência de um teor contrário" (1899c, p. 359). Para Titchener, a experiência cotidiana e os lapsos como os que ocorrem no processo do sono indicam as grandes lacunas que existem na vida mental. Com base nessas evidências, Titchener recusa a noção de uma espontaneidade integradora da atividade psíquica, defendendo que

> Não há nenhuma evidência de uma "atividade" mental acima ou por trás do fluxo de processos conscientes. "Atividade" e "ato", veículos de conteúdos mentais e conteúdos em si, não são coisas diferentes e independentes. O prof. Külpe diz que a experiência de "uma urgência de dentro para fora, uma tensão mental, uma atividade do self," se reduz sempre à sensação e afeto, o que nós próprios constatamos. (Titchener, 1899c, p. 358).

Além da possibilidade de redução de uma suposta atividade mental autônoma a elementos psíquicos simples, a eliminação desta noção é assegurada, segundo Titchener, com base no caráter unitário da experiência e na decorrente hierarquia estabelecida entre as ciências a partir da ideia de explicação científica. De acordo com Titchener, a ciência tem como tarefa descrever e explicar o mundo. No primeiro nível, descrever é oferecer

um relato suficientemente acurado de um fenômeno, analisando-o em seus elementos mais simples; trata-se, portanto, de uma representação do que 'é', e não de sua função ou significado, que equivaleriam a um 'é para'. Desta forma, a psicologia descreve seus fenômenos reduzindo os processos psíquicos complexos a suas unidades elementares e identificando suas formas de combinação. Por outro lado, explicar algo deve significar "o estabelecimento das circunstâncias ou condições sob as quais o fenômeno descrito ocorre" (Titchener, 1899c, p. 20), o que permite tratar o funcionamento psíquico e a interação de seus processos recorrendo às suas condições corporais de ocorrência[18]. Segundo Titchener, da mesma forma que o processo fisiológico da digestão humana pode ser explicado em termos químicos, os processos psíquicos podem ser explicados recorrendo-se aos processos corporais (Titchener, 1898a), o que indica, simultaneamente, a antecedência lógica da física em relação à biologia e da biologia em relação à psicologia, e permite eliminar de seu sistema a procura por uma causalidade autônoma no domínio dos fenômenos psicológicos[19]. Para Titchener (1899c), a uniformidade das ocorrências mentais, observada ao longo do desenvolvimento da mente, tem como condição a própria uniformidade das ocorrências físicas e, portanto, certas leis fisiológicas que, conforme sua noção de explicação, são suficientes para explicar o fenômeno mental.

> A ciência física explica ao atribuir uma causa; a ciência mental explica por referência àqueles processos nervosos que correspondem aos processos mentais que estão sob observação. Podemos apresentar esses dois modos de explicação juntos se definirmos a própria explicação como o estabelecimento das circunstâncias imediatas ou condições sob as quais o fenômeno descrito ocorre. O orvalho é formado sob a condição de uma diferença de temperatura entre o ar e o solo; as ideias são formadas sob a condição de determinados processos no sistema nervoso. Fundamentalmente, o objeto e o modo de explicação,

[18] É curioso notar que Danziger (1979, p.215), citando uma passagem presente no *Text-Book* de Titchener, ignora a frase imediatamente anterior, na qual o autor defende que "para tornar a psicologia científica, nós devemos não somente descrever, mas também explicar a mente" (1910, p.38-39) e afirma que o objetivo da psicologia para Titchener é tão-somente a descrição. Afirmação semelhante é apresentada por Leahey (1980, p.276), porém adotando como base a discussão presente em *Systematic Psychology* (1929). Ele, contudo, parece não perceber que neste caso a recusa da explicação refere-se ao uso impróprio, por parte da ciência, de uma noção de causa ou força como entidades substanciais capazes de explicar os fenômenos naturais. O que nos interessa, entretanto, é mostrar que os dois autores igualmente tomam diferentes momentos da obra de Titchener como representativas de uma proposta única, ignorando o contexto próprio de cada afirmação.

[19] Como salienta Watson e Evans (1991), tal hierarquia não afirma a possibilidade de explicar a psicologia pela física, o que poderia resultar num reducionismo estrito, mas apenas que cada perspectiva seja explicada por aquela que pertence ao nível imediatamente anterior.

> nos dois casos, são uma e a mesma coisa. (Titchener, 1910a, p. 41)

É importante notar que ao propor a referência aos processos corporais para explicar os mentais, Titchener não pretende afirmar que eles os produzam, o que seria retornar com afirmações ontológicas, mas apenas que, dada a estabilidade das relações que mantém, eles acompanham os processos mentais, como condições que permitem sua ocorrência (Titchener, 1898a, 1899c). Esse recurso é assegurado em uma hipótese central para o sistema de Titchener, a do paralelismo psicofísico.

> O princípio do paralelismo psicofísico estabelece que os dois conjuntos de eventos, processos no sistema nervoso e processos mentais, caminham lado a lado, em exata correspondência, mas sem interferência: eles são, em última instância, dois aspectos diferentes da mesma experiência. Um não pode ser a causa do outro. Entretanto, é por referência ao corpo, ao sistema nervoso e aos órgãos associados a ele que nós explicamos os fenômenos mentais. O sistema nervoso não causa, mas explica a mente. Ele a explica como o mapa de um país explica o vislumbre fragmentário de colinas, rios e cidades que nós temos em nossa viagem através do seu território. Em uma palavra, a referência ao sistema nervoso introduz na psicologia exatamente aquela unidade e coerência que uma psicologia estritamente descritiva não pode alcançar (Titchener, 1910a, p. 39).

Segundo Titchener, o paralelismo psicofísico é uma hipótese de trabalho que permite a investigação científica da vida mental, sem a ameaça das especulações metafísicas, pois não apenas se recusa a reduzir os processos mentais a qualquer natureza ou substância, como também descarta a possibilidade de uma influência recíproca entre o físico e o psíquico, uma vez que, segundo ele, por não se tratarem de coisas independentes e separadas, não podem agir uma sobre a outra (Titchener, 1910a). Com base na noção de experiência unitária, a hipótese do paralelismo psicofísico encontra, segundo Titchener (1910a), sua sustentação empírica no fato de que os processos mentais correspondem somente a uma pequena parcela dos eventos físicos, aqueles que ocorrem no organismo e, mais especificamente, no sistema nervoso, sendo, com isso, natural que se mostrem de maneira fragmentária ou desconectada em relação à cadeia mais ampla de processos, o que, ao mesmo tempo, torna justificável encontrar a explicação para os processos psíquicos junto àqueles que ocorrem paralelamente a eles e

que possuem uma conexão com os outros processos do mundo independente que lhes garante continuidade.

> A mente tem lapsos todas as noites e se reforma todas as manhãs, mas os processos corporais prosseguem no sono e na vigília. Uma representação sai da memória para se repetir, talvez inesperadamente, muitos anos mais tarde, mas os processos corporais foram acontecendo sem interrupção. A referência ao corpo não acrescenta uma vírgula aos dados da psicologia, à soma de introspecções. Ela nos fornece um princípio explicativo para a psicologia e nos permite sistematizar nossos dados introspectivos. De fato, se nos recusarmos a explicar a mente pelo corpo, devemos aceitar uma ou outra de duas alternativas igualmente insatisfatórias: ou devemos nos contentar com uma simples descrição de experiência mental, ou devemos inventar uma mente inconsciente para dar coerência e continuidade para a mente consciente. Ambas as direções têm sido tentadas, mas se tomarmos a primeira, nunca chegaremos a uma ciência da psicologia, e se tomarmos a segunda, voluntariamente deixamos a esfera dos fatos em prol da esfera da ficção. (Titchener, 1910a, p.40)

Para Titchener, com a hipótese do paralelismo psicofísico, não só os processos nervosos deixariam de ser vistos como causa para os mentais e vice-versa, como não se poderia atribuir aos próprios processos mentais uma causalidade própria e autônoma, uma vez que, além de a hipótese de uma causalidade psíquica inserir uma variável não demonstrável na natureza, as observações empíricas indicariam que, “com as mudanças de nosso ambiente, consciências inteiramente novas podem ser estabelecidas” (Titchener, 1910a, p. 39), evidenciando a possibilidade de explicarmos os fenômenos psíquicos com as leis naturais já existentes e dispensando-nos de recorrer a uma lei causal psíquica. Outra decorrência de seu paralelismo diz respeito às definições dos processos psíquicos, que deverão sempre considerar não apenas as características e os tipos de processos mentais, mas também as condições corporais com as quais estão relacionados (Titchener, 1899c).

2.1.1 Elementos psíquicos e sua classificação

Tendo, portanto, como primeira preocupação a identificação daquilo que constitui a vida mental e em que quantidade, a psicologia estrutural de Titchener deve

confrontar-se com três tarefas no estudo dos fenômenos mentais: a análise da experiência concreta em seus componentes mais simples; a descoberta de como tais elementos se relacionam e quais leis governam suas combinações e, por fim, a descoberta dos correlatos fisiológicos de tais fenômenos[20] (Titchener, 1899c).

> Estes [os elementos mentais] são simples, é verdade, no sentido de que são a experiência mental reduzida aos seus termos mais primários, mas eles ainda são processos reais, ainda são, de fato, itens de experiência mental. Consequentemente, assim como os elementos químicos, eles mostram vários aspectos ou atributos – apresentam diferentes lados, por assim dizer –, cada um dos quais pode ser examinado separadamente pelo psicólogo. É por referência a estes atributos que a introspecção é capaz de classificá-los sob diferentes enunciados. (Titchener, 1910a, p. 50 – acréscimo meu)

É importante destacar que, apesar da analogia química e da afirmação de que se tratam de processos reais, os elementos psíquicos não são entidades observáveis, mas termos classificatórios que, por definição, são "abstrações, isentos de qualquer tipo de referência objetiva" (Titchener, 1898, p. 456) e, apenas para atender a noção de um paralelismo entre os aspectos da experiência unitária, devem corresponder a correlatos fisiológicos. Em resposta à crítica de Otis Willian Caldwell (1899)[21] acerca da aparente contradição desta definição, Titchener (1899b) esclarece que os elementos psíquicos são abstrações no sentido em que são obtidos mediante abstração e análise da experiência concreta, não devendo ser confundidos com uma unidade genética ou funcional, porém, são considerados como coisas reais no sentido em que "(1) eles não transcendem a estrutura mental, não contém nada que já não esteja contido na *Erlebnisse* concreta e (2) que eles não ficam aquém da estrutura mental, não omitem nada contido nessa *Erlebnisse*" (p. 294). Neste sentido, Titchener (1899b) afirma que, por se tratarem de abstrações de fenômenos reais, eles igualmente participam da realidade.

Além disso, Titchener estava ciente da pluralidade dos resultados que procuravam identificar a natureza e os tipos de elementos mentais, chegando a afirmar

---

[20] Ao seguir essa ordem na investigação dos fenômenos mentais, Titchener distingue-se da psicofísica, uma vez que nesta os elementos mentais, tais como a sensação, são definidos, por princípio, em função de correlatos sensoriais do processo de excitação física, enquanto para ele, a definição dos elementos psíquicos é, por excelência, uma tarefa da introspecção psicológica, que apenas posteriormente deve procurar os correlatos corporais dos fenômenos estudados (cf. Titchener, 1908).

[21] Caldwell, O. W. (1899). The Postulates of a Structural Psychology [Review]. *Psychological Review, 6*, 187-191.

que não era difícil constatar que cada psicólogo identificava seu próprio elemento psíquico (Titchener, 1898b). Para contornar esse quadro, Titchener (1898b, 1899c) opta por partir do consenso estabelecido em torno de dois elementos: as sensações (*sensations*) e os afetos (*affections*) que, segundo ele, eram distinguidos na introspecção conforme a presença determinado conjunto de atributos. Aqueles elementos caracterizados por qualidade, intensidade, duração, clareza e, em alguns casos, extensão, configuram as sensações ou elementos sensoriais, enquanto aqueles que apresentam apenas os atributos da qualidade, intensidade e duração, caracterizam os elementos afetivos ou afetos. Em seu *Postulates of a Structural Psychology* (1898b), Titchener chega a afirmar que a classe das sensações inclui duas subespécies: a sensação propriamente dita e as representações. Porém, no ano seguinte, Titchener apresenta as representações (entendidas como sinônimo de percepção) como processos complexos formados por sensações e que, em algumas condições específicas, alcançam o estatuto de um "item singular da experiência mental" (1899c, p. 158). Embora Titchener não seja claro neste ponto, é possível considerar que ele permanece defendendo a existência de apenas dois processos psíquicos elementares, uma vez que as representações, mesmo consideradas uma unidade da experiência mental, representam um conjunto de sensações e, por isso, não atendem à definição por excelência de elementos, ou seja, serem unidades simples, que não podem ser submetidas a novas análises.

Para Titchener, enquanto as sensações são definidas como "processos elementares conscientes, relacionados com processos corporais em órgãos definidos" (Titchener, 1899c, p. 35), nos quais estão envolvidos a estimulação de órgãos periféricos e a conseqüente excitação do órgão central, dando origem a sensações visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis, o afeto é "o processo consciente correspondente à forma pela qual o organismo recebe suas impressões" (1899c, p. 107), relacionando-se aos processos corporais em geral, não confinados a nenhum órgão definido e associado, portanto, aos processos metabólicos de produção e absorção de energia pelo corpo. O conjunto de processos de síntese de substâncias no organismo deve corresponder, segundo Titchener (1899c), aos afetos de prazer, enquanto os processos de degradação ou decomposição das moléculas no organismo correspondem aos afetos desprazerosos[22].

[22] Se em *An Outlines* (1899c, p. 101), Titchener afirma que os processos corporais que "dão origem aos processos afetivos" são o anabolismo e o catabolismo, em *Text-Book* (1910a, pp. 260-264) ele se mostra

Apesar dessa referência à correspondência corporal, Titchener afirma em *Lectures on the Elementary Psychology of Feeling and Attention* (1908), que sua definição de sensação não deve ser confundida com aquela apresentada pela psicofísica, que tem como ponto de partida o processo excitatório elementar e vê a sensação como seu correlato, uma vez que para ele o ponto de partida para a definição de sensação é a identificação, pela introspecção, do processo psíquico mais simples que, posteriormente, deve ter seu correspondente identificado, e não o contrário.

Ao escrever seu livro *A Text-book of Psychology* (1910a), com o qual ele pretendia substituir *An Outlines*, Titchener reformula algumas considerações acerca dos elementos mentais e passa a considerar três tipos, correspondentes aos processos complexos apreendidos na experiência dependente:

> Sensações são, evidentemente, os elementos característicos das percepções, das visões, dos sons e de experiências semelhantes decorrentes do nosso atual entorno. As imagens são, justamente da mesma maneira, os elementos característicos das representações, dos quadros mentais que a memória fornece sobre o passado e a imaginação sobre a experiência futura. [...] Por fim, os afetos são os elementos característicos das emoções, do amor e do ódio, alegria e tristeza [23]. (Titchener, 1910a, p. 48)

Os elementos identificados permanecem passíveis de distinção mediante os mesmos atributos fundamentais, e as imagens, embora ainda apresentando um status tão incerto quanto antes eram as representações, compartilham os atributos das sensações e distinguem-se delas em função de graus, com qualidades mais pálidas e intensidade e duração menos demarcadas. Além disso, diferentemente das sensações, que estão mais diretamente relacionadas com o estímulo associado ao seu surgimento e aos órgãos corporais, as imagens são também resultantes da atividade da imaginação e da memória.

Um processo psíquico de caráter fundamental para a identificação introspectiva desses elementos mentais é a atenção, que Titchener (1899c) define como um processo

---

mais cauteloso e é taxativo ao dizer que as condições corporais dos afetos, embora em alguns casos plausíveis, são apenas hipotéticas e estão longe de serem confirmadas.

[23] É importante destacar que Titchener utiliza três termos para se referir aos processos afetivos: *affection*, para indicar os processos afetivos elementares, relacionados à totalidade dos processos corporais; *feeling* ou *sense-feeling* para referir-se ao processo composto por sensações simples e elementos afetivos, em que estes últimos exercem maior força e, *emotion* para designar um processo complexo e de início súbito, no qual um grupo de ideias ou percepções seria impregnado por processos afetivos (Titchener, 1898a, 1899, 1910a). Outro esclarecimento importante diz respeito ao segundo uso de *idea* que, em 1898b, referia-se ambiguamente a um processo elementar e, em 1910, passa a referir-se a um processo complexo constituído pelo elemento imagem.

complexo, constituído de sensações e afetos que caracterizam a experiência de esforço e é acompanhado por alterações (de intensidade, nitidez, duração etc.) em outros processos psíquicos. A atenção está associada à clareza sensorial e envolve uma redistribuição dos conteúdos da consciência que são organizados em termos de foco e margem, centro e periferia, conforme envolvam maior ou menor clareza (Titchener, 1910a). A totalidade desse processo se desenvolve, segundo Titchener (1910a), em três estágios: o primeiro diz respeito a um estágio genético inicial, que ele chama de atenção primária e caracteriza-se pelo reconhecimento inevitável de determinados estímulos que surgem no centro da consciência, devido à força de seus atributos, como intensidade, qualidade etc. O segundo estágio envolve um conflito da atenção primária, em que diversos estímulos reclamam simultaneamente seu reconhecimento pelo centro da atenção, que oscila ou é dividida entre eles. A este estágio, segue-se um ressurgimento da atenção primária, no qual a competição entre estímulos é superada novamente por uma concentração da atenção.

Ao definir desta forma o conceito de atenção, Titchener (1899c, 1910a) recusa a referência a duas formas distintas do processo atencional, uma passiva e outra ativa, uma vez que isso indicaria uma atividade mental espontânea e especial que, segundo ele, não é em momento algum encontrada pela introspecção. Além disso, embora em alguns momentos refira-se ao termo apercepção, corrente no vocabulário psicológico, para tratar das tendências peculiares ao sistema nervoso que influenciam a percepção (Titchener, 1895) e estão relacionadas à atenção, Titchener questiona se seu uso tal como presente nas doutrinas da apercepção de Wundt e J. F. Herbart representa algum ganho real para o conhecimento dos processos psíquicos, uma vez que, apesar de indicar os diferentes graus de clareza com que os conteúdos da consciência são focalizados, em ambos os casos estaria pressuposta a ideia de uma atividade psíquica (Titchener, 1910a).

Como notado por Watson e Evans (1991), ao não incluir em seu sistema qualquer noção de síntese criadora, como a proposta por Wundt, e questionar o papel da apercepção, reduzindo sua importância frente a outros conceitos mais adequados a seus propósitos, Titchener entendia as percepções simples como a integração de qualidades sensoriais, possuidoras de determinada intensidade, e as percepções complexas como resultantes do acréscimo de alguma atributo temporal ou espacial às percepções simples.

2.1.2 Regularidades da composição psíquica

Após proceder a análise dos processos mentais repetidas vezes e encontrar os elementos psíquicos simples, o psicólogo deve recorrer, segundo Titchener, a uma tarefa de síntese, aproximando esses elementos sob condições experimentais. Com isso, ele pode ter acesso às regularidades e uniformidades da ocorrência desses processos psíquicos e, então, formular as leis de conexão dos processos mentais elementares. Como afirma em seu *Text-book*, "se sensações sonoras ocorrem juntas, elas se misturam ou se fundem; se sensações de cor ocorrem lado a lado, elas realçam uma a outra e se tudo isso tem lugar de forma perfeitamente regular, então podemos escrever leis de fusão de sons e de contraste das cores" (Titchener, 1910a, p. 38).

Tendo como base a constatação de que sempre que um processo psíquico ocorre, as condições inicialmente associadas a ele igualmente se apresentam, Titchener afirma que as leis psíquicas, como todas as leis científicas, devem ser uma fórmula descritiva, e não uma tentativa de explicação e, além disso, devem ser consideradas como leis naturais, que se referem ao organismo como um todo, e não como expressão de um domínio causal particular. Segundo Titchener, sendo a experiência unitária, não se podem afirmar leis específicas para os fenômenos físicos e outras para os fenômenos mentais, mas considerar que se tratam das mesmas leis naturais, que apenas se comportam de maneira diferente conforme o ponto de vista adotado (Titchener, 1910a).

A composição dos elementos psíquicos em percepções, representações e emoções se dá, para Titchener (1899c), a partir de processos de associação simultâneos e sucessivos, classificados como complementação associativa, associações verbais, sucessão de representações e associação após a disjunção, habitualmente coordenados pelos princípios de contigüidade e semelhança. A complementação associativa é uma das formas de associação simultânea e ocorre em situações em que uma impressão ou complexo de estímulos é apresentado ao organismo dando origem a uma representação e, imediatamente, outra representação previamente constituída surge para complementá-la. Associações como as verbais ou de palavras constituem-se a partir de complementações associativas, mas devem ser tratadas separadamente, segundo Titchener (1899c), por representarem a forma mais importante de representações complementares e por situarem-se na fronteira entre as associações simultâneas e sucessivas. Em relação às associações sucessivas, nas quais é possível distinguir a totalidade do processo em estágios seguidos, encontram-se, segundo Titchener, duas

formas de associação: a sucessão de representações, na qual as representações seguem umas às outras, sem concentração ou tendências convergentes, com a consciência sendo levada pelo o que se apresenta no momento, sem qualquer resistência ou restrição. A segunda forma de combinação sucessiva é a associação após a disjunção, que consiste na reaproximação de representações que estavam originalmente juntas mas que, devido às variações da atenção, em algum momento se separaram. Tal forma de combinação caracterizaria fenômenos como as lembranças da memória.

Para se distinguir da tradição associacionista, Titchener (1899c) esclarece que há duas diferenças fundamentais entre esta proposta de descrição das combinações psíquicas e a sua. A primeira diz respeito à noção de representação e sua relação com o significado ou entre um fato e sua interpretação. Segundo Titchener (1910a), representações são "processos fluidos, mutáveis, que derivam seu significado do contexto consciente ou do conjunto cortical" (p. 376), enquanto as representações envolvidas na doutrina da associação de ideias

> já são significados [...]. Significado aqui não é o contexto da representação, nem é uma predeterminação externa da consciência na qual a representação ocorre; significado é representação e representação é significado. E uma vez que o significado é estável e permanente, [...] o psicólogo da associação naturalmente trata a representação também como estável e permanente; as representações são pedaços de significado, separados e impenetráveis como átomos físicos. (Titchener, 1910a, pp. 376-377)

A outra distinção diz respeito à expressão associação de ideias, cuja presença em suas obras deve-se a ampla aceitação que a mesma encontra no vocabulário psicológico, embora seu uso seja distinto daquele da tradição britânica. Neste último caso, trata-se, segundo ele, da derivação lógica de um princípio filosófico, enquanto em sua psicologia a associação é vista como um princípio de conexão entre processos psíquicos elementares, e não entre ideias ou representações propriamente, e cuja identificação decorre da investigação empírica das sensações (Titchener, 1899c). Além disso, Titchener (1899c) recusa a noção de associação como uma mera justaposição de processos que permanecem inalterados na conexão, a partir de uma combinação mecânica de pedaços isolados da mente. Segundo ele, é o tratamento das representações como objetos permanentes ou pedaços da mente que leva à postulação, por parte da psicologia associacionista, de diferentes leis a partir dos variados tipos de associações,

como as de contigüidade, semelhança e causa e efeito que, na verdade, referem-se, segundo ele, apenas a subtipos de uma mesma lei de associação.

Outro aspecto importante diz respeito à garantia da aplicação das leis de associação apenas aos processos sensoriais e representativos, mas não aos afetos, uma vez que, segundo Titchener, diante de resultados ainda inconclusivos da psicologia dos sentimentos, é possível apenas afirmar que a influência decisiva exercida pelos processos afetivos na consciência parece dever-se a seus componentes sensoriais e representativos, e não a seu caráter propriamente afetivo (Titchener, 1910a).

2.2 O método científico: Introspecção experimental

O método da psicologia deve apresentar, segundo Titchener, as mesmas características gerais do método científico como aplicado nas outras ciências, ou seja, a observação atenta dos fenômenos e seu registro e o recurso ao experimento como forma de garantir maior precisão da observação, mediante condições que permitam sua repetição, isolamento e variação (Titchener, 1898a, 1910a). Em função das diferentes perspectivas adotadas pela psicologia e pelas ciências naturais acerca da experiência, tal observação pode ser classificada como *inspeção* e *introspecção*, isto é, no primeiro caso, trata-se de um olhar para os processos cujo desenvolvimento é considerado independentemente do organismo e, no segundo, da observação daqueles que tem sua ocorrência considerada como dependente do indivíduo (Titchener, 1898a, 1899c, 1912a). Com isso, a introspecção só pode ser auto-aplicável e, para que os resultados das investigações introspectivas possam ter valor científico, ela deve ser conduzida por observadores treinados e sob condições cuidadosamente padronizadas de execução e registro, de forma que possa ser repetida por outros observadores e, assim, ter seus resultados verificados e comparados.

Essa possibilidade de utilização dos métodos experimentais pela psicologia, associada ao procedimento introspectivo, constitui o que Titchener (1912a) chama de introspecção experimental e é assegurada, em última instância, pela noção de experiência unitária e pela hipótese do paralelismo psicofísico. Em seus trabalhos iniciais, Titchener (1898a, 1899c) considera que tal investigação só pode ocorrer após a conclusão dos processos que se pretende observar, uma vez que sendo a própria auto-observação um processo psicológico, ao desencadeá-la, ela se misturaria ao processo em

estudo, interferindo em sua ocorrência. Segundo ele, essa introspecção direta, ou seja, a observação de um processo durante sua ocorrência, é um procedimento inadequado, uma vez que destrói o próprio objeto. Toda observação introspectiva deve ocorrer em retrospecto, como um exame *post mortem.* Para justificar esta restrição, Titchener recorre a uma comparação

> Nós podemos comparar a consciência sobre a qual o estímulo trabalha a um lacre de cera para cartas e o próprio estímulo ao carimbo que será impresso sobre ele. A atenção prepara a mente para a recepção de uma impressão, como o aquecimento da cera a prepara para o carimbo; e quanto mais atentos estivermos ao estímulo, mais profunda será a impressão que ele deixa sobre nós. Uma vez deixada a impressão, a cera endurece: podemos nos recordar da sensação, investigá-la, traçar o caminho que seguiu etc., assim como podemos segurar o lacre de cera endurecido contra a luz, notar o padrão, as falhas na cera etc., de uma forma que é impossível durante a fase em que ela está derretida, quando o carimbo produz seu maior efeito. (Titchener, 1899c, p. 41)

Com isso, a regra para execução da introspecção experimental requer que o observador esteja em condições nas quais ele seja minimamente afetado por interferências externas ao teste, que preste atenção ao estímulo e, quando este for retirado, que ele relembre a sensação vivenciada e relate os processos que constituem sua consciência do processo (Titchener, 1899c).

Neste procedimento, são necessários, portanto, dois tipos de cuidado: em relação às condições de execução e às de relato. Em relação às primeiras, Titchener recomenda que o observador permaneça imparcial e livre de ideias pré-concebidas, que mantenha o controle sobre a atenção, esteja descansado e que suas condições gerais, físicas e psíquicas, sejam favoráveis, isto é, que ele não esteja irritado, nervoso ou sob qualquer tipo de desconforto (Titchener, 1898a, 1899c). Todas essas condições devem ser cuidadosamente verificadas e registradas antes de qualquer experimento ter início, para que, então, possam servir de comparação com os resultados finais (Titchener, 1899c). Tomados esses cuidados, o observador deve ainda precaver-se contra o que Titchener chama de ‘erro de estímulo’, isto é, a confusão entre o processo psíquico a ser observado e o estímulo apresentado no experimento, gerando relatos e resultados que não correspondem à experiência psicológica. Segundo Titchener, o erro de estímulo representa também uma confusão entre as perspectivas científica e do senso-comum e é

responsável por muitos dos resultados experimentais discordantes (Titchener, 1910a; 1912b).

Uma alteração importante na aplicação do método introspectivo é apresentada por Titchener ainda em algumas obras do "sistema de 1910" (Evans, 1972) como, por exemplo, em relação à interferência promovida pela introspecção no fluxo dos processos mentais. Se no final dos anos de 1890 Titchener defendia a introspecção retrospectiva como forma de garantir a integridade do processo observado, em 1910, quando publica seu livro *The Text-Book of Psychology*, ele afirma que esta forma de introspecção, embora útil ao estudante iniciante e necessária em alguns casos, não deve ser de modo algum um padrão universal. Titchener considera que, sendo o organismo a condição de ocorrência para os processos mentais, e uma vez colocado sob as mesmas condições, ele oferece um padrão de organização estável para os processos mentais, permitindo que um processo psíquico particular possa ser observado tantas vezes quantas forem necessárias.

> Não há, portanto, nenhuma razão pela qual o observador que é interrogado, ou em quem a emoção está configurada, não deva relatar de uma vez a primeira etapa de sua experiência: o efeito imediato da palavra, o início do processo emotivo. É verdade que esse relato interrompe a observação. Porém, após o primeiro estágio ter sido acuradamente descrito, observações posteriores podem ser tomadas, e o segundo, terceiro e seguintes estágios podem ser similarmente descritos, a fim de que, logo em seguida, o relato completo sobre a totalidade da experiência seja obtido. (Titchener, 1910a, pp. 22-23)

Outro motivo para que a introspecção seja conduzida durante a ocorrência do processo, sem prejuízo para sua compreensão, é o fato de que o o observador treinado e experiente incorpora a prática introspectiva e, com isso, se torna capaz de realizar registros mentais enquanto a observação está em andamento, sem causar nenhuma interferência, e até tomar notas, "assim como o histologista faz enquanto seus olhos ainda estão sobre a lente do microscópio" (Titchener, 1910a, p. 23). Com isso, a introspecção não é considerada, no curso da investigação psicológica, como um processo psíquico que pode interferir nos demais, mas como um procedimento metodológico de observação que, depois de repetido e aperfeiçoado, torna-se habitual. Assim, embora reconheça a existência de casos em que a observação interfira no processo em estudo, Titchener acredita que isso se deve à captura prematura da

observação em algum ponto que tenha surpreendido ou interessado ao observador ou ainda para o qual sua atenção tenha sido atraída pela própria instrução recebida, e não a uma limitação específica do método (Titchener, 1912a).

Uma medida adotada por Titchener para garantir que os resultados singulares de cada experimento estejam, tanto quanto possível, livres de erro e das interferências das condições subjetivas do observador é o cálculo das médias dos resultados, obtido após a realização de um grande número de experimentos. Com isso, Titchener pretende que as diferenças devidas a fatores externos ao experimento sejam reduzidas e os resultados representem um desempenho médio ou normal, esperado nas condições oferecidas pela natureza humana (Titchener, 1899c). Para a confirmação dos resultados obtidos pela análise introspectiva, Titchener ainda recomenda um procedimento de síntese dos elementos encontrados, sob condições experimentais, visando com isso assegurar-se de que todos os elementos mentais tenham sido identificados e permitindo também que as regularidades da associação desses elementos possam ser detectadas e formuladas sob a forma de leis (Titchener, 1899c; 1910a). Titchener ressalta ainda que a introspecção pressupõe o ponto de vista da psicologia descritiva, oferecendo uma relato detalhado dos processos conscientes, que devem ser explicados pela identificação de seus correspondentes fisiológicos. Esse relato introspectivo não deve, por esse motivo, ser confundido com um relato meramente fenomenológico, uma vez que, diferentemente deste, ele possui um ponto de vista fixo e constante, e não uma atitude flutuante e multiplamente motivada (Titchener, 1912b).

Com isso, Titchener demonstra, por princípio, uma maior confiança em relação à fidedignidade do método introspectivo como forma de acesso aos processos mentais, ressaltando apenas que as condições de sua aplicação devem ser ajustadas e testadas conforme os fenômenos específicos sob observação, de forma a que suas limitações configurem como obstáculos temporários, eliminados com o avanço das pesquisas.

Em relação a tais limitações, Titchener afirma, em alguns momentos, que a introspecção só pode ser aplicada às sensações e às representações, mas não a processos como os afetivos e o pensamento (Titchener, 1898b). À medida que novos estudos são conduzidos, Titchener vai gradativamente abandonando essa postura e, em *Outlines* (1899c), admite a aplicação da introspecção experimental aos processos afetivos, embora para isso ainda recorra ao método fisiológico, que permite inferir a presença e a intensidade dos processos afetivos a partir de suas conseqüências corporais. Segundo Titchener (1899c), apesar das dificuldades envolvidas, a possibilidade de estudá-los

experimentalmente é apontada pelos resultados da fisiologia, que revelam que as manifestações corporais dos sentimentos superiores são as mesmas dos sentimentos inferiores, tornando-os desta forma também acessíveis. Mais de uma década depois, Titchener (1910a) reconhece os avanços realizados pela psicologia no estudo experimental dos afetos e passa a estudá-los através dos métodos de impressão e expressão.

Uma das formas mais freqüentes do método da impressão utilizado por Titchener consiste em comparações pareadas ou emparelhadas, nas quais uma série de estímulos semelhantes é elaborada e apresentada ao observador em pares sucessivos, de forma que cada membro da série seja emparelhado com todos os outros. Após apresentação de cada combinação, pede-se ao observador que apenas avalie qual dos dois elementos parece mais agradável ou desagradável. Com o registro de todas as respostas, é possível construir uma representação gráfica da resposta afetiva aos estímulos. Já o método da expressão consiste no registro das mudanças corporais que acompanham a passagem de um afeto pela consciência e podem ser aferidas a partir de medidas do pulso, da respiração, dos movimentos involuntários do corpo etc.

Titchener salienta ainda que dois aspectos devem ser considerados na condução de experimentos sobre os processos afetivos: a impossibilidade de concentração da atenção sobre eles, tal como é recomendada no estudo das sensações, e a limitação a uma descrição apenas indireta dos mesmos. Em relação ao primeiro, a ausência do atributo clareza por parte dos afetos torna impossível a ação concentrada da atenção, o que deve ser contornado com outros recursos. No que diz respeito à descrição, Titchener afirma que, embora todo relato introspectivo ofereça apenas um acesso indireto ou mediado pela linguagem àquilo que é narrado, a descrição das sensações é considerada ‘de primeira mão uma’, vez que a linguagem é, por excelência, uma forma de expressão de representações, que nada mais são do que percepções ou conjuntos de sensações. Por outro lado, “uma descrição verbal do afeto é sempre uma descrição em segunda mão, que traduz a afeição em uma <u>representação</u> da afeição, e transmite ao ouvinte não o prazer ou desprazer, mas simplesmente uma representação de prazer ou desprazer” (1899c, p. 110, destaque meu), o que exige do investigador um cuidado redobrado, não apenas com o erro de estímulo, mas também com a precisão da linguagem empregada. Diante disso, o esquema padrão da introspecção previsto para a sensação é mantido para o afeto, com a distinção de que neste caso não se trata de uma descrição da experiência,

mas do que Titchener considera ser uma tradução dos processos afetivos em representações (Titchener, 1899c).

Embora os esforços de Titchener se concentrem em sua psicologia estrutural e as referências aos outros ramos da psicologia não tenham sido detalhadamente desenvolvidas, ele estava convicto da viabilidade da introspecção como método promissor e exclusivo da psicologia. Em relação a sua aplicação a uma dimensão social, Titchener considera que, apesar de não ser possível realizar o experimento introspectivo com grupos ou sociedades, é possível repetir, isolar e variar as observações sobre eles a partir da comparação de suas linguagens, costumes, leis e mitos, que são os equivalentes dos relatos introspectivos individuais registrados pela cultura e pelas instituições (Titchener, 1910a). Ao defender o método introspectivo Titchener (1912a) pretende eliminar suas fontes de imprecisão e livrá-lo das acusações de não possuir um critério de validade geral e de não permitir a distinção entre fenômenos particulares e universais, garantindo à introspecção o status de um método genuinamente científico, capaz de assegurar à psicologia sua singularidade frente às outras ciências.

3 DESDOBRAMENTOS DA LEITURA VOLUNTARISTA E ESTRUTURALISTA

Apresentadas as definições de objeto e método da psicologia por Wundt e Titchener, nossa comparação deve inicialmente acompanhar o desenvolvimento lógico de seus argumentos, indicando suas divergências e similaridades. Nosso ponto de partida é a noção de experiência, uma vez que esta é a base para a distinção entre aqueles fenômenos que serão considerados como próprios ao estudo da psicologia e aqueles que pertencem às ciências naturais. A partir da consideração das diferenças entre a noção de experiência imediata e mediata, por um lado, e dependente e independente, por outro, estaremos em condições de discutir a relação entre o físico e o mental e em que medida a referência a um paralelismo psicofísico adquire diferentes significados nos dois projetos, estando, por um lado, relacionado à ideia de uma causalidade autônoma e, por outro, à noção de condição de ocorrência de fenômenos, submetido a uma regularidade física. Desta forma, também será possível compreender as diferenças relativas à classificação de alguns processos psíquicos e porque, mesmo referindo-se a uma psicologia experimental, desenvolvida em laboratório e independente de preocupações com aplicações práticas, o método utilizado por ambos é fundamentalmente diferente.

3.1 Diferentes concepções acerca da experiência unitária

Compartilhando uma postura de crítica à noção de substância e a tentativa de eliminar sua utilização no campo da investigação científica dos fenômenos mentais, Wundt e Titchener apresentam uma concepção unitária acerca da experiência, que procura superar a dicotomia ontológica entre físico e psíquico, mas diferem, contudo, na forma como tratam essa experiência. Em Wundt teremos um dualismo epistemológico (Araujo, 2010a; Wundt, 1913) sustentado por uma concepção ontológica monista que concebe o mental como fundamento da realidade (Mora, 1964; Wundt, 1913), e em Titchener, um monismo epistemológico considerado a partir de perspectivas lógicas e associado a um monismo ontológico de caráter naturalista.

Wundt (1897) defende que a experiência humana constitui uma unidade complexa, que envolve simultaneamente aquilo que chamamos de aspectos objetivos e subjetivos. No âmbito da experiência concreta, nosso conhecimento sobre essa unidade

se apresenta sob a forma de duas perspectivas muito distintas: uma direta e intuitiva, e outra indireta e conceitual. Não obstante a materialidade dos objetos naturais, todo nosso conhecimento sobre eles advém das representações que formulamos acerca deles, e apenas sobre estas e nossas impressões subjetivas possuímos um conhecimento direto. Essa distinção entre um conhecimento imediato e mediato supõe a anterioridade epistemológica da dimensão psíquica frente àquela dos fenômenos objetivos e permite compreender a afirmação de Wundt de que, por lidar com a realidade em sua forma mais completa, isto é, considerando as representações dos objetos do mundo externo e nossas impressões subjetivas acerca dos mesmos, ao invés de abstrair dessas últimas e se restringir apenas ao tratamento conceitual dos objetos, como fazem as ciências naturais, a psicologia deve ser considerada como "*mais estritamente empírica*" (Wundt, 1897, p. 07).

Esta anterioridade da dimensão psicológica não deve ser confundida, contudo, com um mero idealismo e com a recusa da experiência concreta. Ao contrário, Wundt reconhece que ao observar seu desenvolvimento, o surgimento das expressões físicas antecede, na ordem do tempo, ao das expressões psíquicas, e que a experiência oferece o conteúdo para o conhecimento. Isso não deve ser confundido, segundo Wundt, com a afirmação de que a forma como conhecemos é uma decorrência de nossas interações com o mundo externo, o que representaria uma concepção passiva da vida psíquica e uma postura empirista ingênua. Para Wundt, a maneira como o ser humano conhece é constitutiva de sua natureza psicológica e o papel da experiência é dar início ao conhecimento, e não determinar sua natureza.

Influenciado pela tradição idealista, Wundt considera que essa unificação das duas perspectivas epistêmicas acerca da experiência e tudo o que elas implicam somente pode ser concebida em um nível metafísico que escapa ao tratamento científico[24], mas cujos indícios são vistos mesmo nas obras propriamente psicológicas de Wundt. Em uma passagem presente nas *Lectures* (1896, p. 439), por exemplo, Wundt afirma que a própria ideia de unificação da realidade estaria relacionada à persistência dos desenvolvimentos mentais, independente dos limites da experiência, e que supor a interrupção destes processos ou sua dissolução em um nada equivaleria a invalidar qualquer noção de conclusão ou unificação da realidade. Esse tratamento dado por

[24] Em seu *Sistema de Metafísica* (1913), Wundt afirma que o desenvolvimento da vida psíquica tem origem na natureza, que é concebida como "*um elemento do espírito* ou um grau preliminar dele e que, *em si mesma considerada, é auto-evolução do espírito*" (Tomo II, pp. 180-181 – destaques no original).

Wundt à experiência é responsável por garantir a singularidade das perspectivas imediata e mediata, assim como a possibilidade de que ambas sejam tratadas empiricamente por ciências autônomas, formuladas, respectivamente, no domínio das ciências do espírito e das ciências naturais.

Adepto também da noção de uma experiência unitária, Titchener a sustenta sobre pressupostos distintos. Segundo ele, a experiência humana concreta é singular e indiferenciada, e ao configurar-se conforme a distinção entre sujeito e objeto tem como base a precedência epistêmica do mundo externo, e não as características próprias ao sujeito. Tal concepção toma a forma de um sensacionalismo, que segundo Titchener (1909a) pode ser entendido conforme a definição de Baldwin (1902, pp. 515-516), isto é, como "a teoria de que todo conhecimento se origina nas sensações; que todas as cognições, mesmo as representações reflexivas e as assim chamadas intuições remontam a sensações elementares". A considerar que todo o conhecimento humano possui essa origem, Titchener afirma que na divisão da experiência concreta o objeto toma forma muito mais rapidamente do que o sujeito (Titchener, 1899c, p. 367), o que encontra correspondência no próprio desenvolvimento das ciências, que começam pelo estudo dos objetos externos, para só depois se dedicarem aos fenômenos mentais, fazendo com que a psicologia seja vista como "o último desenvolvimento do conhecimento humano" (Titchener, 1899c, p. 5). Para que tal afirmação seja adequadamente compreendida, Titchener nos conduz ao primeiro capítulo de seu *An Outline* (1899c), no qual trata dos primórdios da ciência e afirma:

> Assim como a criança (cuja história é a história da espécie humana, sintetizada e condensada em meia dúzia de anos) obtém suas primeiras experiências sob a forma de experiências de coisas ou objetos, e somente depois de um tempo, alcança a experiência de si ou chega a falar de si mesma como 'eu', também a humanidade em geral, nessa fase primitiva de seu desenvolvimento que estamos considerando agora, foi atraída para o estudo da natureza e dos objetos naturais. "O entendimento", diz o filósofo inglês John Locke (1632-1704) – e ele poderia ter usado uma palavra de significado mais amplo e dito "mente" –, [e, assim] o entendimento ou a mente, "tal como os olhos, embora nos permita ver e perceber todas as outras coisas, não toma conhecimento de si próprio e é necessário arte e esforço para ajustá-lo à distância e transformá-lo em objeto para si mesmo". (Titchener, 1899c, pp. 03-04 – acréscimo meu)

Ao afirmar que a ordem temporal de surgimento da psicologia em relação às ciências naturais é equivalente à maneira como a mente adquire conhecimento, Titchener aceita uma precedência epistêmica da experiência em relação às condições de conhecimento. Com base nesse pressuposto fundamental, a possibilidade de interrogação direta da experiência é vista como fonte exclusiva para o conhecimento humano, dispensando qualquer fundamentação epistemológica para a atividade científica e apresentando, com isso, uma postura essencialmente antagônica em relação àquela adotada por Wundt.

A partir desses referenciais, Titchener indica duas possibilidades de tratamento científico da experiência: a primeira que, por um momento, abstrai do organismo individual e considera a totalidade da experiência em relação a outros referenciais, e aquela que, por semelhante abstração, a considera exclusivamente como dependente do sistema nervoso. A conseqüência desse tratamento dado à experiência é que as perspectivas dependente e independente não representam nenhuma diferença essencial em relação ao tipo de conhecimento obtido. Trata-se apenas de tipos de dependência lógica segundo as quais a totalidade da experiência pode ser considerada. Além de afirmar que física e psicologia lidam com a mesma matéria-prima e que se distinguem simplesmente pelo ponto de vista, Titchener utiliza um exemplo significativo, já citado no segundo capítulo, para ilustrar essa concepção em seu *Text-book* (1910a). Segundo ele, assim como "o orvalho é formado sob a condição de uma diferença de temperatura entre o ar e o solo; as representações são formadas sob a condição de determinados processos no sistema nervoso. Fundamentalmente, o objeto e o modo de explicação, nos dois casos, são uma e a mesma coisa" (Titchener, 1910a, p. 41). Se afastarmos o nível empírico, no qual a diferença concreta entre um orvalho e uma representação é evidente, pode-se considerar que o que está sendo afirmado por Titchener é a equivalência de ambos como objetos a serem conhecidos, não havendo, portanto, qualquer distinção entre o conhecimento de um fenômeno físico e um psíquico, configurando com isso o que estamos tratando como um monismo epistemológico.

Outro aspecto distintivo em relação a Wundt é que, distante da discussão característica da tradição alemã envolvendo as *Naturwissenchaften* e as *Geistwissenchaften*, Titchener entende ciência como sinônimo de ciência natural e é neste domínio que ele pretende situar a psicologia. Com isso, a referência adotada para a delimitação de seu objeto não é a experiência definida em função de uma determinada noção de sujeito, mas sim em função do organismo individual, tal como postulado pela

biologia (Danziger, 1979; Mischel, 1970). Já em 1897, em seu *Outlines*, Wundt refere-se a essa tentativa de definição do objeto da psicologia defendida por Titchener e compartilhada por outros filósofos e psicólogos como "epistemologicamente insustentável e psicologicamente improdutiva" (p. 18).

> Seu problema já não é mais remover a abstração empregada pelas ciências naturais e, desta forma, obter com elas uma visão completa da experiência, mas ela tem que usar o conceito de "sujeito" oferecido pelas ciências naturais e dar uma explicação da influência deste sujeito sobre os conteúdos da experiência. Ao invés de reconhecer que uma definição adequada de "sujeito" só é possível como resultado de investigações psicológicas, um conceito acabado formado exclusivamente pelas ciências naturais é aqui imposto à psicologia. Porém, para as ciências naturais, o sujeito é idêntico ao corpo, e a psicologia é, consequentemente, definida como a ciência que determina a dependência da experiência imediata em relação ao corpo. (Wundt, 1897, p. 18)

Se no âmbito do tratamento científico as distinções entre a noção de experiência unitária de Wundt e Titchener são facilmente identificáveis em termos antagônicos, isso não ocorre no mesmo grau no nível metafísico, uma vez que Titchener não se ocupa de maiores considerações acerca da natureza ontológica da experiência, restringindo-se a afirmar que, como constatado por Shadworth Hodgson, nenhuma das hipóteses disponíveis parece ser suficiente para explicá-la (Titchener, 1889c, p. 368).

Os poucos indícios acerca das concepções adotadas por Titchener são, além desta referência a Hodgson, sua afirmação de que jamais aceitou os aspectos metafísicos das doutrinas de Avenarius e Mach (Titchener, 1909b) [25], e sua defesa de que uma nova metafísica, que pretenda estabelecer uma teoria do universo em harmonia com o conhecimento científico, deve se constituir a partir da experiência humana concreta (Titchener, 1899c, p. 366). Tal conjunto de afirmações, associado ao grau de subordinação que a psicologia apresenta em relação à biologia, que, como veremos, não é total, mas bastante significativo, parece nos autorizar a supor que, embora a experiência unitária não seja "nem espiritual nem material" (Titchener, 1899c, p. 366),

[25] Em carta a Meyer, de 17 de outubro de 1909, Titchener afirma que "na referência a Mach e Avenarius, eu não estou, obviamente, me referindo a sua doutrina da economia do pensamento (que não é um princípio científico, se tomarmos o século XIX como nosso padrão de ciência), mas à distinção de experiência dependente e independente." (Titchener, 1909b, p. 162).

ela é, contudo, natural, sendo a noção de natureza aqui entendida como coextensiva ao físico, constituindo o que consideramos tratar-se de um monismo ontológico naturalista.

Ao concluir a apresentação de como a experiência é concebida e analisada cientificamente por Wundt e Titchener, constata-se que para o primeiro o empirismo é um recurso epistemológico, necessário ao tratamento científico dos fenômenos psíquicos, enquanto para Titchener é uma determinação absoluta acerca da realidade. Ao adotar essa postura, o que Titchener faz é incorrer naquilo que Wundt (1899, tomo I, p. 476) apresenta como uma confusão entre o ponto de partida dos fenômenos e o fundamento geral de toda experiência.

3.1.1 As relações entre o físico e o mental: O princípio do paralelismo psicofísico

O recurso científico adotado por Wundt e Titchener para tratar a relação entre esses dois tipos de processos, físicos e psíquicos, é o paralelismo psicofísico que, diante dos pressupostos apresentados, expressa também diferenças significativas. O paralelismo apresentado por Wundt (1896) supõe os fenômenos da experiência imediata e mediata como duas séries paralelas em desenvolvimento e capazes de oferecer um conhecimento complementar uma em relação à outra, sem, contudo, afirmar uma equivalência absoluta entre as duas séries ou qualquer tipo de interação causal. Sua abrangência científica está restrita aos processos psíquicos mais simples, que apresentam uma relação identificável com os processos físicos. Fatos psíquicos de maior complexidade e mais estáveis, tais como os sentimentos complexos ou os produtos da cultura, embora não possam ser concebidos como ocorrendo independentemente de organismos físicos, não podem ser explicados por meio deste princípio de correspondência, uma vez que sua constituição envolve novos valores resultantes de um tipo de conexão não existente entre os processos físicos e a variação experimental de sua origem e desenvolvimento é impossível. O paralelismo de Wundt, embora ofereça condições para a explicação científica de um domínio mais restrito de fenômenos, apóia-se numa autonomia mais ampla entre os dois aspectos da experiência unitária, uma vez que, segundo Wundt, “o reconhecimento da realidade imediata da experiência psicológica exclui a possibilidade de tentar derivar os componentes

particulares do fenômeno psíquico de qualquer outro especificamente diferente" (Wundt, 1897, p. 14), tanto no nível descritivo quanto no explicativo.

Titchener, por outro lado, também não aceita uma causalidade cruzada, mas trata seu paralelismo a partir da hipótese de uma correspondência estrita entre os dois processos, atribuindo a ele uma abrangência potencialmente total, capaz de incluir mesmo os processos psíquicos mais elaborados que, segundo ele, compartilham as mesmas manifestações corporais com os processos mais simples. O lado positivo desta proposta é que um conjunto mais amplo de fenômenos é abrangido pela possibilidade de investigação científica, embora esta possibilidade não seja acompanhada por uma autonomia explicativa, mas restrinja-se apenas ao campo descritivo. Uma dificuldade oriunda dessa proposta é como tratar a diferença entre, por exemplo, uma representação complexa e uma simples impressão sensorial, afirmando que tanto processos simples quanto os complexos podem ser explicados pelas mesmas condições corporais e sem assumir um princípio causal próprio.

Sem nos determos neste ponto, sua defesa de uma autonomia descritiva para a psicologia é, ainda assim, precária, uma vez que, ao aceitar o postulado das ciências naturais de que o princípio de conservação de energia aplica-se sem exceção aos fenômenos naturais, "para um organismo vivo assim como para uma pedra" (Titchener, 1899c, p. 364), constituindo uma cadeia de causalidade fechada (Titchener, 1899c, 1910a), e afirmar que os fenômenos psíquicos correspondem "apenas a uma pequena parte deles, especificamente, a certos eventos no sistema nervoso" (1910a, p.40), a conclusão necessária é que, na ausência de qualquer outro postulado específico, ele deve se estender igualmente sobre os fenômenos mentais. Não se trata, portanto, apenas do fato de a psicologia ainda não ter desenvolvido suas leis descritivas próprias, mas sim de pertencer a um sistema fechado no qual nenhum acréscimo pode ser feito sem perturbá-lo. Com isso, embora tanto os fenômenos físicos quanto os psíquicos sejam vistos como fenômenos naturais, as leis que organizam ambos são derivadas, de maneira fundamental, a partir de princípios do domínio físico. É neste sentido que entendemos que o domínio natural é tratado por Titchener como coextensivo ao físico, devendo a psicologia subordinar-se a ele.

A imagem utilizada por Wundt e Titchener para representar seu paralelismo entre o físico e o psíquico é esclarecedora. Wundt refere-se a duas séries lineares de desenvolvimento, passíveis de serem representadas como duas retas paralelas que têm ponto de início e de fim distintos; o limite inferior da reta correspondente à série física

começando anteriormente ao da reta mental, e o limite superior da reta representativa dos desenvolvimentos psíquicos se estendendo além daquele da série física, indicando com isso que nenhum correspondente pode ser encontrado nem na porção inferior da série física, nem na porção superior da série psíquica. Titchener, por sua vez, utiliza a metáfora da superfície côncava e convexa num círculo, indicando que a mudança em uma das superfícies é necessariamente acompanhada pela mudança na outra, e sugerindo também a totalidade da correspondência entre o psíquico e o físico.

Desta forma, enquanto Wundt transfere para o nível ontológico a tarefa de unificação da dualidade com a qual a experiência é cientificamente apreendida, Titchener parece transferir essa função para o nível explicativo da própria atividade científica, uma vez que, para ele, a dualidade descritiva entre a psicologia e as ciências naturais é unificada pelo fato de que a explicação dos fenômenos de uma experiência é dada nos termos dos fenômenos de outra ciência logicamente anterior, sendo que esses termos referem-se igualmente a uma única dimensão física.

A concepção de paralelismo psicofísico reflete ainda o tratamento dado pelos autores às diferentes expressões da vida psíquica. Embora Titchener reconheça que a psicologia deve abranger áreas como a infância, as expressões mentais dos animais e os processos psíquicos coletivos e sociais, ele dedicou-se apenas à sua psicologia estrutural, voltada para os processos mentais do indivíduo adulto. E, ao falar sobre o paralelismo entre os processos físicos e psíquicos, parece ter em mente somente esta forma de vida mental em seu estado de desenvolvimento presente, fazendo com que o paralelismo psicofísico assuma uma forma mais limitada, e não um caráter heurístico mais amplo, capaz de englobar o desenvolvimento geral da vida psíquica. Suas preocupações em encontrar os elementos estruturais da vida psíquica parecem ter feito com que ele adaptasse a interpretação científica apenas a elas, não considerando mais detidamente, por exemplo, a dificuldade envolvida na suposição de uma correspondência estrita entre processos físicos e psíquicos.

Por outro lado, ainda que sua psicologia individual também tenha como objeto de investigação a vida psíquica do ser humano adulto, o paralelismo psicofísico adotado por Wundt permite considerar o desenvolvimento da vida mental tanto no nível individual quanto no coletivo de maneira não-contraditória e sem restringir os aspectos psíquicos às condições fisiológicas. Como indica Mischel (1970, p. 4), em artigos publicados no *Philosophische Studien* em 1894 e 1896, Wundt já criticava as tentativas de explicar os fenômenos psicológicos a partir dos processos fisiológicos, o que fica

claro também nesta passagem de *Outlines of Psychology* (1897) acerca da psicologia que se formulava sobre essas bases. Segundo Wundt,

> Ao invés de partir do fato de que as ciências naturais são possíveis somente após a abstração dos fatores subjetivos da experiência, o problema mais usual de tratar o conteúdo da *totalidade* da experiência em sua forma mais geral é ocasionalmente atribuído à ciência natural. Neste caso, a psicologia, naturalmente, já não mais é coordenada com as ciências naturais, mas subordinada a elas. (...) Esta posição, que pode ser designada como "materialismo psicofísico", é epistemologicamente insustentável e psicologicamente improdutiva. (...) Uma psicologia que começa com essa definição puramente fisiológica depende, portanto, não da experiência, mas de uma hipótese metafísica, assim como a antiga psicologia materialista. A posição é psicologicamente improdutiva porque atribui, desde o primeiro momento, a interpretação causal dos processos psíquicos à fisiologia (Wundt, 1897, p. 18).

3.1.2 Causalidade e condições de ocorrência

Outro aspecto relacionado ao paralelismo psicofísico e essencialmente distinto na psicologia proposta por Wundt e por Titchener é o tratamento dado à noção de causalidade e sua conseqüência para o tipo de explicação que pode ser oferecida sobre o fenômeno mental. Segundo Wundt, o tratamento científico dos fenômenos naturais gradualmente substituiu a noção de causalidade substancial, segundo a qual o efeito é entendido como um desdobramento necessário ou um atributo da ação causal, pelo conceito de força. Posteriormente, este conceito se desenvolveu em direção a uma noção de causalidade processual ou atual e na consideração de causa e efeito como processos equivalentes, isto é, capazes de assumir tal condição conforme o contexto considerado. Aplicada à psicologia, essa causalidade processual envolve as noções de fundamento e conseqüência, adequadas às relações de probabilidade ou possibilidade que se pode afirmar acerca da relação entre os fenômenos psíquicos. Outra diferença diz respeito ao fato de que, neste caso, não há uma equivalência entre fundamento e conseqüência, visto que, ao lidarem com aspectos qualitativos, os processos psíquicos dão origem a valores qualitativamente distintos e superiores em relação àqueles envolvidos em sua origem.

A suposição dessa causalidade psíquica é justificada, para Wundt, em função da diferença com que os fenômenos físicos e psíquicos são percebidos. Enquanto os processos psíquicos e suas relações são apreendidos diretamente, os fenômenos físicos são percebidos como "experiências separadas, *disjecta membra*" (Mischel, 1970, pp. 06-07) e nenhuma conexão direta é encontrada entre os objetos das ciências naturais. Desta forma, a explicação causal de suas relações só pode ser obtida mediante tratamento conceitual e abstrato. Em função destes aspectos, submeter os fenômenos da experiência imediata aos princípios do mundo físico equivaleria, para Wundt, a impor à psicologia uma forma de explicação inadequada ao caráter próprio conforme o qual a experiência psíquica é conhecida, além de restituir uma noção de causalidade cruzada inaceitável, característica de um tratamento substancialista da relação mente-corpo. Nessa formulação, as duas formas de causalidade devem ser compatíveis e as condições físicas de ocorrência dos fenômenos mentais devem ser consideradas apenas como recursos de acesso científico aos mesmos, uma vez que permitem a manipulação e o controle das circunstâncias de origem de um determinado fenômeno, mas em momento algum devem ser entendidas como equivalentes a sua explicação.

Outra diferença fundamental em relação à causalidade do mundo natural e a causalidade psíquica diz respeito ao fato de que, por lidar com a separação lógica entre processos cuja complexidade supera qualitativamente sua constituição elementar, esta última nunca assume uma natureza preditiva, mas apresenta apenas um caráter regressivo, que parte da conseqüência para encontrar seus fundamentos. Além disso, a explicação dos fenômenos psíquicos é limitada pela natureza criadora da síntese psíquica que, em função das características apresentadas anteriormente, impede com que os fundamentos exatos dos processos complexos sejam determinados.

Distintamente, Titchener considera que toda noção de causalidade deve ser eliminada e o único sentido em que uma explicação causal deve ser aceita na ciência é aquele que faz referência às condições de ocorrência de um fenômeno não a relações de causa e efeito ou de fundamento e consequência[26]. Segundo ele, a noção de uma causalidade própria ao domínio psíquico é uma herança da tradição metafísica e está associada à ideia de uma mente substancial ativa e a uma orientação teleológica, devendo, portanto, ser substituída pela referência às "condições invariáveis do lado

[26] Nas correspondências trocadas com Meyer em 1918 e, posteriormente, em *Systematic Psychology* (1929), Titchener passa a utilizar a expressão *covariação* ao invés de referir-se a essas condições de ocorrência, tratando a relação entre os processos físicos e psíquicos em termos de uma correlação entre a variável dependente (os processos psíquicos) e a variável independente (os processos fisiológicos).

físico; que são na verdade o único princípio explicativo possível" (Titchener, 1909b, p. 165). Com isso, a autonomia das leis descritivas, que apresentam as uniformidades mentais em termos de associação dos elementos psíquicos, não corresponde a uma autonomia explicativa. Sua explicação deve ser encontrada nos fenômenos fisiológicos que constituem sua condição de ocorrência (Titchener, 1899c)

Um dos argumentos utilizados por Titchener para afirmar a adequação da utilização dos processos fisiológicos na explicação dos psíquicos é o fato de que "não podemos considerar um processo mental como a causa de outro processo mental, simplesmente pelo fato de que, com a mudança do nosso entorno, consciências inteiramente novas podem ser constituídas" (Titchener, 1910a, p. 39). Desta forma, a única base estável com a qual os processos psíquicos encontram-se relacionados é, segundo Titchener, o organismo biológico que integra a cadeia ininterrupta dos processos do mundo físico e mostra-se como uma base segura de explicações para os fenômenos mentais.

Ao eliminar a noção de causalidade, Titchener dispensa igualmente a noção de atividade, que, segundo ele, diz respeito a uma interpretação sobre os fatos e não a algo observável (Titchener, 1918a), assim como qualquer consideração acerca do caráter necessário ou probabilístico da relação entre os fenômenos psíquicos. Por outro lado, com a proposta de identificação dos elementos estruturais da mente e de que a recriação das condições de ocorrência de um processo psíquico poderia reproduzi-lo, Titchener deixa espaço para que a orientação progressiva ou preditiva da explicação própria das ciências naturais seja explorada, confirmando com isso a constatação de Danziger (1979) de que a suposição de determinado tipo de causalidade relaciona-se a uma forma específica de explicação científica dos fenômenos psíquicos.

Cabe notar, além disso, que o recurso às condições de ocorrência como princípio explicativo não se restringe ao domínio psicológico, mas antes corresponde a um princípio geral que se aplica igualmente às três ciências fundamentais acerca da experiência. Assim, da mesma forma como a psicologia explica seus fenômenos em termos do funcionamento biológico, a biologia recorre aos elementos físicos que constituem um sistema orgânico, e a física, como a mais autônoma delas, recorre às relações entre espaço, tempo e massa. Com isso, embora se tratem de termos relativos a perspectivas distintas, envolvendo diferentes níveis de complexidade, eles remontam sempre a uma única dimensão explicativa, que é aquela oferecida pelas ciências naturais.

Por fim, é interessante considerar que, além da incompatibilidade apontada entre a noção de causalidade processual de Wundt e a de condição de ocorrência adotada por Titchener, a substituição do conceito de causa pelo conceito de condição recebeu críticas diretas por parte de Wundt, que considerava esse recurso impróprio por dois motivos:

> em primeiro lugar, porque como as formas especiais de causalidade natural precisamente mostram, a causa abrange apenas uma parte das condições, aquelas que, de acordo com o princípio da equivalência, são capazes de se coordenarem com o efeito, e, em segundo lugar, porque o conceito de condição, assim como o de função, não inclui a relação com circunstâncias empíricas, o que é próprio do conceito de causa. (Wundt, 1913, p. 346)

Se estivermos corretos em nossa interpretação, essa passagem pode ser entendida como uma crítica às definições conceituais que, tal como a de Titchener, utilizam termos pertencentes ao domínio lógico-matemático e, portanto, sem qualquer proximidade com a natureza empírica, para explicar as relações que os fenômenos mentais e corporais apresentam empiricamente.

3.1.3 O tratamento dado aos processos psíquicos

Com base nessas diferentes abordagens acerca da natureza da vida mental, podemos compreender que o tratamento conceitual e experimental dados aos processos psíquicos seguirá caminhos distintos. Embora Wundt e Titchener refiram-se aos fenômenos psíquicos como processos ou ocorrências, e não como objetos permanentes, as características dessa processualidade estão longe de serem as mesmas. Enquanto para Wundt o caráter processual dos fenômenos psíquicos expressa a natureza ativa do sujeito e está intimamente relacionado ao aspecto volitivo da vida mental, para Titchener, tal noção de atividade é apenas uma interpretação dos fatos, que extrapola o conhecimento estrutural da vida psíquica (Titchener, 1909c, p. 174; 1918a, p. 199), e o caráter processual dos fenômenos psíquicos diz respeito apenas à constatação da natureza “incompleta e descontínua da experiência mental” (1910a, p. 40) que, ao contrário do que ocorre com os processos físicos, são processos mais efêmeros e não

compõe uma cadeia autocontida de fenômenos inter-relacionados. Para Titchener, a noção de vontade é entendida com referência a uma sensação de esforço, acompanhada por sentimentos prazerosos ou desprazerosos, mas que não caracteriza em nenhuma medida um elemento estrutural ou capaz de assegurar a singularidade da vida mental (Titchener, 1899c).

Relacionado a esse caráter processual e às distintas noções de paralelismo psicofísico, o papel da análise também adquire um diferente grau abrangência em cada projeto. Tweney e Yachanin (1980) comentam que a possibilidade de decomposição analítica da mente representa uma distinção marcante entre Wundt e Titchener, uma vez que, segundo esses autores, a análise constitui, para Wundt, apenas um ponto de partida para o conhecimento da vida mental, necessário para investigar os compostos psíquicos e suas interconexões, enquanto adquire um papel muito mais relevante na proposta estruturalista de Titchener, sendo responsável por determinar a natureza e a quantidade dos processos mentais, além do tipo e a duração do curso temporal dos mesmos. Embora essa diferença na ênfase concedida ao procedimento analítico e quanto ao objetivo de seu uso pela psicologia esteja presente, de maneira geral, quando comparamos os dois autores, a característica determinante parece encontrar-se em outro aspecto: na extensão de sua aplicação aos fenômenos psíquicos.

Ao eliminar qualquer noção de síntese criadora, Titchener amplia de maneira significativa a possibilidade de análise dos fenômenos mentais, incluindo até mesmo as expressões mais complexas. Um mapeamento completo da vida psíquica, a partir da descoberta de seus elementos estruturais, estaria limitado apenas temporariamente por questões procedimentais. O contrário ocorre com Wundt que em função da síntese criadora restringe o emprego da análise, em termos de precisão experimental, exclusivamente aos processos simples. Desta forma, o papel da análise nas propostas de Wundt e Titchener serve não apenas para referir-se à descoberta dos processos elementares da vida mental, mas também permite mensurar o lugar reservado por Wundt à psicologia experimental dentro de seu projeto mais amplo de psicologia científica e, da mesma maneira, a impossibilidade de Titchener reconhecer os mesmos limites para sua psicologia estruturalista.

Outro aspecto importante na comparação entre a definição de objeto da psicologia por Wundt e Titchener e mais freqüentemente notado na literatura especializada, diz respeito à noção de química mental, supostamente presente na obra dos dois autores (Herrnstein & Boring, 1971; Danziger, 1980a). Ao contrário do que a

referência a processos elementares e sua composição pode permitir supor, Wundt nunca aderiu aos princípios da química mental tal como formulados por John Stuart Mill. E, embora utilize termos familiares ao vocabulário da química, ele recusa expressamente a analogia com as ciências naturais para tratar dos fenômenos psíquicos, tendo em vista o comportamento singular de cada tipo de fenômeno conforme princípios e leis causais específicas, o que faz com que qualquer tentativa de compreender um através do outro seja infrutífera. Um exemplo dessa incomparabilidade entre a composição dos processos psíquicos e a noção de uma química mental diz respeito à produção de novos valores por meio da fusão dos compostos psíquicos, já referido anteriormente.

Por outro lado, embora Titchener também não aceite os pressupostos da química mental, seu objetivo de identificar a estrutura da mente, recorrendo ao auxílio da ciência que é imediatamente elementar em relação à psicologia, faz com que a analogia com a química torne-se mais plausível. Isso não significa, contudo, que Titchener (1910a, p. 49) trate os elementos psíquicos como unidades físicas, localizáveis nos órgãos corporais, mas apenas que compreenda o funcionamento dos elementos estruturais da mente humana como análogo aos elementos químicos, o que por isso só é inconcebível para Wundt. Ao longo de sua obra, Titchener foi se afastando da analogia química e, em 1909, afirma que a psicologia experimental transcendeu, em princípio, a doutrina da química mental, como concebida por James e John Mill e por Hartley.

> (...) em geral, nós temos melhores meios do que uma falsa analogia química para explicar o que não pode ser explicado em termos de um associacionismo direto. Nós aprendemos, por exemplo, a levar em consideração a complicação das condições; nós não esperamos, se duas sensações estão juntas, obter uma coexistência simples de suas duas qualidades, nós esperamos que a sinergia do processo fisiológico subjacente torne-se, de alguma forma, manifesta na consciência (Titchener, 1909a, p. 32).

Apesar de pretender afastar-se da noção de química mental, Titchener incorre, nesta citação, em outra postura criticada por Wundt (1897) como característica da tradição britânica, que é a de assumir que a união física de impressões na percepção sensorial é, de alguma maneira não esclarecida, suficiente para explicar a composição psíquica, postura essa que, por conseqüência, torna desnecessária a análise psicológica.

Outro aspecto distintivo em relação ao tratamento dado aos processos psíquicos por Wundt e Titchener diz respeito ao conceito de fusão. Não obstante os dois utilizem

o mesmo termo, a distinção encontra-se novamente nos pressupostos que orientam cada projeto. Para Wundt, a fusão caracteriza a união de compostos psíquicos característica da atividade sintética da mente, responsável pelo surgimento de um novo complexo, inédito e impossível de ser decomposto nos elementos que lhe deram origem. Em Titchener, embora também se trate de uma ligação mais forte do que as associativas, sua singularidade em relação a estas se deve ao fato de que seus elementos não podem ser sensivelmente distintos na impressão complexa, mas, ao contrário, formam uma impressão singular total em que há o predomínio de um constituinte. Neste caso, embora se trate de uma nova impressão, ela pode ser analisada em suas partes constituintes, não apresentando nada que já não estivesse contido em seus elementos. Outro fato a considerar é que enquanto Wundt afirma que as relações entre processos elementares e entre compostos apresentam características diferentes, Titchener parece considerar que os mesmos princípios de composição valem igualmente aos dois níveis de complexidade, uma vez que nenhuma distinção explícita entre eles é apresentada.

Outro processo psíquico distintamente considerado por Wundt e Titchener é a apercepção, que para Wundt ocupa um lugar central na organização das ocorrências psíquicas, estando também relacionada ao conceito atividade volitiva, em relação ao qual Titchener manteve-se pouco à vontade. Embora afirme-se (Tweney & Yachanin, 1980) que, em 1896, o conceito já não aparecia em seu *An Outline*, ele ainda foi discutido em várias obras de Titchener (1898a, 1908, 1909a, 1910a), sendo definido como uma percepção determinada pelas tendências peculiares do sistema nervoso (1898a). Ao esvaziar o conceito de apercepção do aspecto ativo e volitivo que ele assume na psicologia de Wundt, Titchener (1910a) passa a questionar o acréscimo representado por ele na descrição da vida psíquica, tendo em vista sua tradicional vinculação à filosofia de Leibniz e a existência de outros conceitos considerados por ele como cientificamente mais adequados, tais como o de percepção e atenção.

Ao final dessas comparações e antes de passarmos para a apresentação do método, cabe ainda uma palavra acerca das afirmações de Titchener em relação às ideias de Wundt, a partir das quais é possível considerar a influência da concepção de mundo segundo a qual ele compreendeu Wundt. Titchener afirma ter sido impelido à psicologia experimental de Wundt em função de sua insatisfação com as “construções lógicas da escola inglesa” (1901, pp. vii-viii), e, por volta de 1887, mesmo antes de ir a Leipzig e ter contato direto com seu futuro orientador, ele começa a traduzir o

Grundzüge der Physiologischen Psychologie[27], não obstante seu conhecimento imperfeito de alemão, como ele próprio reconhece (Titchener, 1895). Além disso, suas leituras da psicologia inglesa também não haviam lhe oferecido um vocabulário adequado ao texto em alemão, o que o teria levado a consituir o hábito de "fazer psicologia em um jargão misto das duas línguas" (Titchener, 1895, p.78).

Mais do que um mero incômodo pelo uso alternado dos idiomas, não é difícil supor o possível alcance dessa situação não apenas para a tarefa de tradução dos escritos de Wundt, mas principalmente sobre a compreensão de suas ideias pelo jovem Titchener. É esclarecedor notar ainda que, ao tratar das dificuldades da tradução da obra de Wundt, além da referência ao seu insuficiente domínio do idioma e à inexistência de um vocabulário psicológico em língua inglesa, quando comparado aos termos alemães (Titchener, 1895), Titchener considera como um obstáculo a dificuldade intrínseca ao pensamento de Wundt, que simultaneamente ao desenvolvimento de uma ideia central apresenta argumentos menores e os articula em raciocínios extremamente complexos, além de uma tendência a apresentar suas ideias em uma estrutura conceitual rica em abstrações (Titchener, 1910b), mas em momento algum parece considerar a significação específica que cada termo possui dentro da tradição filosófica e científica na qual foi formulado e os limites à transposição do mesmo para uma tradição distinta.

Um exemplo dessa postura está presente em sua proposta de um vocabulário psicológico, adotando como base para sua constituição não apenas os livros de Wundt, como *Vorlesungen über die Menschen- und Thierseele* (1863/1892), mas também o *Grundriss der Psychologie* (1893), de O. Külpe, *Elements of Physiological Psychology* (1887), de G. T. Ladd, *Course in Experimental Psychology* (1895-1898), de E. C. Sanford e *Leitfaden der physiologischen Psychologie* (1891), de G. T. Ziehen, entre outros (Titchener, 1895, p. 79), o que sugere que sua preocupação com o estabelecimento de um vocabulário técnico específico não correspondeu a uma preocupação com o nível propriamente conceitual de definição desses termos, fazendo com que seus conceitos dificilmente possam ser tomados como equivalentes aos de qualquer um desses autores em particular, mas antes que os mesmos tenham servido de inspiração para que ele constituísse uma proposta própria.

---

[27] No prefácio de *Principles of Physiological Psychology* (Wundt, 1910, pp. x-xi), Titchener afirma que essa versão da tradução jamais chegou a ser publicada e nem mesmo foi aproveitada na edição que veio à público, tornando com isso impossível mensurar a relevância de eventuais mudanças empreendidas.

Embora aparentemente Titchener não tenha considerado de modo suficiente as diferenças entre a tradição britânica e a alemã e a influência de seus pressupostos sobre sua interpretação das ideias de Wundt, ele não se esquivou de notar suas discordâncias em relação a algumas concepções específicas de seu orientador (Titchener, 1898b, 1899a, 1909, 1910a), mesmo afirmando que em seu tempo de estudante ele tinha aceitado muitas delas (1918b). Além disso, Titchener não omitiu a informação de que algumas partes dos originais de Wundt não haviam sido traduzidas em seu trabalho com Creighton (1898b)[28] e incentivou a leitura dos originais por seus alunos (1905), reconhecendo a impossibilidade de as ideias de Wundt serem compreendidas a partir da apresentação isolada de qualquer aspecto de seu pensamento (1921).

3.2 O método experimental

Não obstante a defesa da utilização dos métodos científicos nos projetos de psicologia de Wundt e Titchener, assegurando com isso seu lugar no domínio das ciências, os distintos pressupostos adotados por cada autor e discutidos até aqui indicam que também os métodos empregados não poderiam ser os mesmos, embora os níveis em que tal distinção se apresenta devam ainda ser apontados. Mesmo sendo possível encontrar afirmações de que a visão de Titchener acerca da introspecção é semelhante à de Wundt (Marx & Hillix, 1993; Mischel, 1970), estudos mais sistemáticos demonstram a inadequação desta aproximação (Danziger, 1980c, 1998). Ainda assim, quando percebidas as diferenças, as características do método adotado por Wundt são, em geral, apresentadas minuciosamente, enquanto as especificidades daquele proposto por Titchener são descritas em relação a pressupostos introspeccionistas genéricos, supostamente compartilhados por outros psicólogos, e sem a mesma consideração quanto ao significado específico dessa metodologia dentro do projeto de psicologia estruturalista de Titchener.

Uma dos fatores relacionados à aproximação entre os dois métodos, já identificado pela literatura, diz respeito ao fato de Wundt ter adotado, ao longo de sua

[28] Um dos exemplos ocorre em *The Postulates of a Structural Psychology* (1898b, p. 459), onde Titchener indica, em nota de rodapé, que determinada passagem de *Vorlesungen über die Menschen- und Thierseele* acerca das propriedades qualitativas das sensações e dos sentimentos não consta na tradução realizada por ele e J. E. Creighton, intitulada *Lectures on Human and Animal Psychology* (1896). O motivo desta omissão, contudo, não é mencionado.

obra, diferentes expressões para tratar de questões relativas ao método da psicologia, como *innere Wahrnehmung*, *reine Selbstbeobachtung* e *wirkliche Selbstbeobachtung* que foram traduzidas por um único termo, favorecendo certa confusão na compreensão de sua proposta e a classificação de seu método como introspeccionista (Araujo, 2010a; Danziger, 1980a, 1998; Robinson, 2001). Esclarecida essa questão, o primeiro aspecto a considerar em nossa comparação é a definição de cada método por parte dos dois autores.

Wundt apresenta o método de sua psicologia individual como a combinação da percepção interna com o controle experimental, que ele nomeia como auto-observação real, enquanto Titchener defende a adoção da introspecção, associada ao controle experimental das condições de sua realização. A opção de Wundt se apresenta em resposta às tentativas de utilização da introspecção como método científico, o que, segundo ele, baseia-se em uma confusão entre o significado de observação científica, que envolve a distinção entre sujeito e objeto, e a percepção das próprias ocorrências psíquicas. Embora afirme tratar-se do mesmo método adotado pelas ciências naturais, a forma particular como os fenômenos psíquicos são conhecidos pela percepção interna impõe algumas adaptações no método experimental, especificamente em relação às suas condições de aplicação e ao fato de ele produzir medidas apenas relativas e indiretas acerca dos fenômenos estudados. Neste aspecto, pode-se dizer que Wundt e Titchener estão em acordo, situando-se a única diferença no fato de que, para Titchener, o fenômeno mental representa um fenômeno natural equivalente a todos os demais fenômenos físicos, devendo, portanto, se adequar aos métodos científicos empregados pelas ciências naturais. A única distinção entre a observação empreendida pelas ciências naturais e pela psicologia diz respeito a uma direção do olhar para os fenômenos externos ou internos, constituindo assim uma inspeção ou uma introspecção, mas que é, em essência, idêntica, assim como o tipo de conhecimento obtido por elas.

Ao posicionar-se favoravelmente em relação à introspecção, reconhecendo-a como a fonte por excelência de evidência acerca da vida psíquica (Titchener, 1899c), Titchener demonstra a influência da tradição britânica na sua formação e, longe de poder ser confundido com uma ingenuidade de Titchener em relação aos questionamentos levantados em torno da introspecção, deve ser entendido como a defesa de uma convicção assumida desde muito cedo[29]. Neste sentido, é possível cogitar

[29] Em *Lectures on the Experimental Psychology of the Thought-Processes* (1909a, p. 96), ao tratar da introspecção sistemática, Titchener apresenta a seguinte declaração: “Minha crença na introspecção é

que, em meio ao debate acerca da introspecção que se estabeleceu na Inglaterra, em meados do século XIX, envolvendo posturas como as de William Hamilton e John S. Mill, Titchener situa-se claramente favorável à sua utilização como método científico, como o comprova sua adesão à alternativa da introspecção retrospectiva.

Se, contudo, considerarmos essa postura defendida por Titchener e sua afirmação de que foi Wundt quem lhe ensinou "a lição essencial de introspecção sistemática" (Titchener, 1901, pp. vii-viii), somos levados a considerar que a afirmação de Danziger (1980c) acerca da recepção das influências européias por parte dos psicólogos norte-americanos parece confirmar-se também em relação à Titchener. Segundo Danziger, a apropriação dos desenvolvimentos da psicologia européia baseou-se, em determinado momento, na valorização da introspecção como fonte de conhecimento sobre a mente, no sentido da tradição britânica, e na incorporação dos avanços técnicos oriundos da tradição alemã, assimilados isoladamente em relação às suas perspectivas teóricas de origem. No caso de Titchener, isso parece complicar-se ainda mais pelo fato de ele realmente compartilhar algumas dessas perspectivas com Wundt, ao mesmo tempo em que rejeitava outras e, além disso, porque a determinação precisa de cada caso ainda não ter sido realizada por parte da literatura secundária.

Em função das características desses objetos, também a abrangência da aplicação desses métodos é distinta, alcançando fenômenos de diferentes tipos e graus de complexidade. Para Wundt, embora os processos psíquicos sejam conhecidos imediatamente, o processo de análise experimental só pode se dirigir àqueles mais simples, o que se deve às características das relações entre eles e aos limites científicos de uma interpretação paralelística sobre as relações entre o físico e o psíquico. Diferentemente, a aplicação do método experimental na psicologia de Titchener é favorecida não apenas pela definição de experiência psíquica como dependente do sistema nervoso, mas por sua defesa de um paralelismo de exata correspondência entre os fenômenos físicos e psíquicos, o que amplia significativamente o conjunto de fenômenos mentais sujeitos ao estudo experimental, e torna compreensível sua afirmação de que "não há nenhum fato da mente, como nós a definimos, que resista a nossos métodos de investigação" (Titchener, 1899c, p. 357). Os obstáculos encontrados

---

antiga o bastante para ter alcançado sua maioridade, pois foi em 1888, quando li pela primeira vez a *Análise* de James Mill, que a convicção veio subitamente a mim – "Você pode testar isso por você mesmo!" – e desde então eu nunca a perdi."

por Titchener referem-se apenas a aspectos procedimentais, e não a limitações epistemológicas, como aquelas com as quais Wundt se depara.

No que diz respeito às características procedimentais, a investigação conduzida por Wundt e Titchener nos laboratórios apresenta similaridades em relação ao número de participantes, à possibilidade de tanto experimentador quanto observador se submeterem, alternadamente, aos experimentos, à necessidade de os participantes estarem conscientes em relação ao seu papel na observação dos fenômenos e, por fim, quanto à utilização de equipamentos de medida. Eles diferem, porém, em relação ao momento em que tais medidas e relatos deveriam ser obtidos, uma vez que Titchener adota a introspecção retrospectiva. Segundo Titchener, o uso da retrospecção tinha como vantagem livrar a introspecção da acusação de interferir no fenômeno observado e de implicar a adoção simultânea de duas atitudes distintas, a de quem tem a experiência e a de quem a observa objetivamente. Essa alternativa foi apresentada em seus trabalhos iniciais como a forma adequada de introspecção (Titchener, 1898a, 1899c) e foi criticada por Wundt, que via nesta adaptação um esforço inútil, tendo em vista, além da objeção geral à introspecção, o fato de que as características processuais dos fenômenos psíquicos e as ações da memória, favorecidos pelos intervalos temporais, seriam capazes de modificar as impressões originais, combinando-as com outros processos psíquicos (Danziger, 1980c; Wundt, 1987). Posteriormente, o próprio Titchener (1910a) questionou essa alternativa e passou a reconhecê-la como um procedimento inicial, adequado apenas a observadores inexperientes. Ainda assim, longe de adotar as adaptações características do método de Wundt, Titchener passou a defender a observação dos processos psíquicos durante sua ocorrência, etapa por etapa, e a repetição das sessões introspectivas até que o mesmo tivesse todo seu desenvolvimento descrito.

Outro desdobramento decorrente desses referenciais metodológicos diz respeito ao tipo de resultado oferecido. Para Wundt, os resultados obtidos pela manipulação experimental da percepção interna deveriam ser expressos medidas objetivas correspondentes aos processos simples estudados, como, por exemplo, o tempo de reação envolvido na ocorrência de determinado fenômeno psíquico, e os relatos dos sujeitos deveriam ser breves e quantitativos, baseados nos estímulos sensoriais apresentados. Além disso, o registro desses resultados deveria ocorrer tão logo o estímulo cessasse, evitando com isso as interferências da reflexão e da memória. Relatos qualitativos acerca das percepções internas só eram aceitos no laboratório de Wundt em

caráter complementar, para explicar eventuais diferenças individuais nos resultados dos observadores ou para averiguar a eficácia da manipulação experimental em relação a aspectos como o nível de atenção (Danziger, 1980b). De modo distinto, os resultados introspectivos previstos no método de Titchener envolviam tanto medidas objetivas quanto relatos minuciosos dos observadores, atribuindo maior ênfase ao treinamento dos mesmos para que eles fossem capazes de evitar a confusão entre o estímulo apresentado e o próprio processo psíquico em ocorrência. Ao longo dos anos e da ampliação da utilização do método da introspecção a processos mais complexos, como os sentimentos e a memória, os relatos introspectivos passaram a incluir cada vez mais avaliações qualitativas, atribuindo maior destaque ao papel dos observadores em relação aos instrumentos utilizados no laboratório (Danziger, 1980c; Titchener, 1912a).

Consideradas essas diferenças, é possível entender a importância atribuída por Wundt e Titchener ao método experimental em seus sistemas de psicologia, uma vez que para o primeiro ele seria o método adequado aos processos mais simples e deveria ser complementado pela observação dos fenômenos mentais mais elaborados e de caráter coletivo, empreendida pela *Völkerpsychologie*, enquanto para Titchener ele corresponderia à totalidade de sua psicologia, já que, apesar de ter previsto a diversificação da ciência em outras áreas, inclusive em uma psicologia comparativa do desenvolvimento mental dos povos, ele dedicou-se apenas a sua psicologia estrutural e descreveu apenas os métodos dessa área. Com isso, poderíamos concluir nossa comparação afirmando que enquanto o alcance do conhecimento obtido pela psicologia de Wundt é determinado pelos resultados do método experimental e pelas observações da *Völkerpsychologie*; enquanto, na psicologia de Titchener, ele é delimitado pelo alcance da introspecção experimental e “pelo progresso de uma fisiologia causal” (Titchener, 1909b, p.166).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de as psicologias de Wundt e Titchener terem se desenvolvido em contextos diferentes, pode-se dizer que elas compartilharam um mesmo destino: um gradual abandono após a morte de seus autores e um tratamento superficial nos manuais e cursos de introdução à história da psicologia.

Ao longo deste trabalho, apresentamos aqueles que acreditamos ser os aspectos centrais da definição de objeto e método da psicologia experimental proposta por Wundt e Titchener, começando pela discussão de suas diferentes abordagens acerca da noção de experiência unitária, apresentando as diferenças entre a definição de experiência imediata e dependente, seu impacto sobre a compreensão das relações entre o físico e o mental e sobre o tratamento dado a alguns processos psíquicos em particular. Esclarecidos esses aspectos, afirmamos que, embora voltados para o desenvolvimento de uma psicologia experimental, não apenas os objetos em relação aos quais seus métodos se dirigiam eram conceitualmente distintos, como eram diferentes a abrangência de sua aplicação e as características de sua execução. Assim, indicamos que suas definições de objeto e método fundamentam-se em diferentes pressupostos e desenvolvem-se por caminhos conseqüentemente distintos, ainda que o contexto do século XIX e a proximidade inicial entre os autores tenham revestido os dois projetos com um vocabulário e um conjunto de técnicas relativamente semelhantes.

Embora uma análise da fundamentação filosófica de cada projeto não tenha sido objetivo do nosso trabalho, acreditamos ter ao menos indicado que a afirmação de que a distinção entre Wundt e Titchener fundamenta-se no repúdio positivista do primeiro incorre numa simplificação que não apenas subestima e ignora as ideias de Titchener como também não corresponde a toda a complexidade da concepção de ciência de Wundt.

Esperamos ter indicado que a consideração das diferenças entre ambos deve levar em consideração o referencial de ciência que servia de solo para o desenvolvimento de cada proposta, além das concepções fundamentais acerca da natureza da realidade e sobre como o ser humano tem acesso a ela. Com isso, embora seja compreensível que Titchener tenha interpretado Wundt à luz de sua formação e de seus próprios interesses, responsabilizá-lo pela distorção intencional das ideias de seu professor alemão a serem apresentadas ao público norte-americano não faz justiça a

seus compromissos intelectuais (Evans, 1990), mas, ao contrário, revela que o maior conhecimento acerca das ideias de Wundt não foi acompanhado por um interesse equivalente pela obra de Titchener, resultando em comparações parciais ou incompletas.

Desta forma, afirmações como as de Danziger (1979, 1980c), de que Titchener teria reinterpretado sistematicamente as bases teóricas da nova psicologia experimental alemã para torná-la menos incompatível com a psicologia tradicional britânica e com a filosofia da ciência machiana que constituíam sua própria abordagem, assim como a de Leahey (1992), segundo a qual Titchener "tomou a complexa psicologia voluntarista de Wundt e a filtrou através de seu positivismo e atomismo para produzir um sensacionismo redutor, segundo o qual a mente consiste em nada mais que complexos de elementos encontrados na experiência" (p. 196), devem ser lidas com cuidado e mais bem consideradas após o contato com as obras do próprio Titchener, para que não se incorra em uma interpretação simplista capaz de identificar uma manipulação intencional das ideias de Wundt por parte de Titchener, mas não a possibilidade de tratar-se de uma tentativa autêntica de compreender os fenômenos mentais e alçar a psicologia à condição de uma ciência legítima.

Diante disso, parece ainda irônico que, da mesma maneira como Titchener atribuiu semelhanças entre Wundt e John S. Mill e favoreceu com que o método adotado por Wundt fosse identificado como introspeccionista em função do termo escolhido para tradução, Titchener também foi vítima das leituras de Boring e de outros historiadores posteriores, que atribuíram semelhanças entre ele e a filosofia empiriocriticista, além de aproximá-lo do behaviorismo, o que nos leva a constatar que o diagnóstico de Brock (1993) acerca da completa falta de leitura das obras de Wundt pode ser igualmente aplicado a Titchener e que a interpretação da relação entre ambos deve-se aos resultados dessa postura, mais do que a qualquer interpretação particular que Titchener possa ter oferecido em relação às ideias de Wundt.

Por fim, o fato de o voluntarismo e o estruturalismo não terem se mantido como escolas psicológicas após a morte de seus idealizadores não deve significar que a influência exercida por eles tenha sido insignificante ou, principalmente, que os problemas com os quais se debatiam acerca das definições centrais da psicologia tenham sido resolvidos, mas apenas que, na maior parte das vezes, novas formas de interpretação científica se impuseram como referência, apresentando os problemas em novas formulações e recorrendo a novos recursos, então inexistentes. Esse parece ser o caso, por exemplo, da introspecção que, como aponta o próprio Danziger (1980c), foi

rejeitada mais em função do surgimento de novos interesses por parte dos psicólogos do que pelo caráter indissolúvel de dificuldades internas ao conceito, o que permitira compreender a retomada de sua discussão em estudos contemporâneos (Hatfield, 2005; Schwitzgebel, 2004).

No que diz respeito aos resultados alcançados por este trabalho, o primeiro item a considerar é o fato de que a comparação das ideias de Wundt e Titchener, tendo como base textos de Wundt traduzidos para o inglês, inclusive pelo próprio Titchener, pode levar a dificuldades na percepção das diferenças entre ambos, devendo, portanto, ser aperfeiçoada com base nos originais, escritos em alemão. Num segundo momento, uma melhor compreensão da relação entre as ideias dos dois autores deve considerar não apenas seus manuais, mas também os textos especificamente dedicados às discussões teórico-metodológicas, assim como as transformações realizadas por ambos ao longo de sua produção, evitando a confusão entre as concepções finais assumidas por cada um e aquelas que, embora adotadas em períodos anteriores, foram abandonadas ao longo do caminho. Para que isso seja possível, é necessária uma análise da totalidade da obra de Titchener, com a devida atenção ao seu período de formação em Oxford, identificando suas influências e a extensão das suas relações com as concepções de Avenarius e Mach, bem como a análise das eventuais alterações promovidas em suas ideias nos últimos quinze anos de sua vida. Assim como as edições originais, manuscritos e correspondências de Wundt, integrantes dos acervos da Universidade de Heidelberg e da Universidade de Leipzig, serviram de base para pesquisas sobre a obra de Wundt, uma análise do vasto material sobre a vida e a obra de Titchener, disponível na Universidade de Cornell ainda está por vir.

REFERÊNCIAS

Araujo, S. F. (2003). A obra inicial de Wilhelm Wundt: Um capítulo esquecido na historiografia da psicologia. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF, 15*(2), 63-76.

Araujo, S. F. (2007). Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. Leal Ferreira e F. T. Portugal (orgs), *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (2ª Ed., pp. 92-104). Rio de Janeiro: Nau.

Araujo, S. F. (2009). Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas em Psicologia, 17*(1), 09-14.

Araujo, S. F. (2010a). *O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: Uma nova interpretação*. Juiz de Fora: UFJF.

Araujo, S. F. (2010b). O Estruturalismo de Edward Titchener. In A. A. L. Ferreira (Org.), *A pluralidade do campo psicológico* (pp. 39-51). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Ash, M. G. (1980). Wilhelm Wundt and Oswald Külpe on the institutional status of psychology: an academic controversy in historical context. In W. G. Bringmann, & R. D. Tweney (Eds.), *Wundt Studies: A centennial collection* (pp. 396-421). Toronto: C. J. Hogrefe, Inc.

Ash, M. G. (2008). Psychology. In T. M. Porter & D. Ross (Eds.), *The Cambridge History of science: The modern social sciences* (Vol. 7) (pp. 251-274). Cambridge: Cambridge University Press.

Baldwin, J. M. (Ed.) (1902). *Dictionary of philosophy and psychology* (vol. 2). New York: Macmillan

Benjamin, L. T. (2006). *A history of psychology in letters* (2nd Ed.). Malden, MA: Blackwell.

Blumenthal, A. (1975) A reappraisal of Wilhelm Wundt. *American Psychologist, 30*, 1081-1088.

Blumenthal, A. L. (1980). Wilhelm Wundt: Problems of interpretation. In W. G. Bringmann, & R. D. Tweney (Eds.), *Wundt Studies: A Centennial Collection* (pp. 435-445). Toronto: C. J. Hogrefe, Inc.

Boring, E. G. (1927). Edward Bradford Titchener: 1867-1927. *American Journal of Psychology, 38*(4), 489-506.

Boring, E. G. (1950). *A history of experimental psychology* (2nd Ed.). New York: Appleton-century-crofts, Inc.

Bringmann, W. G. (1975). Wundt in Heidelberg 1845-1874. *Canadian Psychological Review, 16*(2), 124-129.

Bringmann, W. G., Bringmann, N. J., & Balance, W. D. G. (1980). Wilhelm Maximilian Wundt 1832-1874: The Formative Years. In W. G. Bringmann, & R. D. Tweney (Eds.), *Wundt Studies: A Centennial Collection* (pp. 13-32). Toronto: C. J. Hogrefe, Inc.

Bringmann, W. G., & Tweney, R. D. (Eds.) (1980). *Wundt Studies: A Centennial Collection*. Toronto: C. J. Hogrefe, Inc.

Brock, A. (1993). Something old, something new: The 'reappraisal' of Wilhelm Wundt in textbooks. *Theory & Psychology, 3*(2), 235-242.

Carpenter, S. K. (2005). Some neglected contributions of Wilhelm Wundt to the psychology of memory. *Psychological Reports, 97*, 63-73.

Carr, H. W. (Jul., 1899). On Mr. Shadworth Hodgson's: Metaphysic of Experience. *Mind, New Series, 8*(31), 383-396.

Carr, H. W. (Oct., 1912). Shadworth Hollway Hodgson. *Mind, New Series, 21*(84), 473-485.

Copleston, F. (2003). *A history of philosophy: 18th and 19th century German philosophy* (Vol. 7). London/New York: Continuum.

Danziger, K. (1979). The positivist repudiation of Wundt. *Journal of the History of Behavioral Sciences, 15*, 205-230.

Danziger, D. (1980a). Wundt and the two traditions of psychology. In R. W. Rieber (Ed.), *Wilhelm Wundt and the making of a scientific psychology* (pp. 73-87). New York / London: Plenum Press.

Danziger, K. (1980b). Wundt's psychological experiment in the light of his philosophy of science. *Psychological Research. Wundt Centennial Issue, 42*(1-2), 109-122.

Danziger, K. (1980c). The history of introspection reconsidered. *Journal of the History of Behavioral Sciences, 16*, 241-262.

Danziger, K. (1985). The origins of the psychological experiment as a social institution. *American Psychologist, 40,* 133-140.

Danziger, K. (1998). *Constructing the subject: Historical origins of psychological research*. Cambridge: Cambridge University Press.

Evans, R. B. (1972). E. B. Titchener and his lost system. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 8,* 168-180.

Evans, R. B. (1975). The origins of Titchener's doctrine of meaning. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 11*(4), 334-341.

Evans, R. B. (1990). The scientific and psychological positions of E. B. Titchener. In R. Leys & R. B. Evans (ed.), *The Correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (pp. 1-38). Baltimore: John Hopkins University Press.

Evans, R. B. (1991). E. B. Titchener on scientific psychology and technology. In G. A. Kimble, H. Wertheimer, & C. White (Orgs.). *Portraits of Pioneers in Psychology* (pp. 89-103). Washington: American Psychological Association.

Gomes, R. A. O., & Araujo, S. F. (2011). A psicologia da memória de Wilhelm Wundt e a psicologia do desenvolvimento contemporânea: um estudo comparativo. In A. J. G. Barbosa (Org.), *Atualizações em Psicologia Social e Desenvolvimento Humano* (pp. 97-112). Juiz de Fora: UFJF.

Green, C. (2010). Scientific objectivity and E. B. Titchener's experimental psychology. *Isis, 101*, 697-721.

Greenwood, J. D. (2009). Materialism, strong psychological continuity, and american scientific psychology. *Theory Psychology, 19*(4), 545-564.

Gundlach, H. (2007). What is a psychological instrument? In M. Ash & T. Sturm (Eds.), *Psychology's territories: Historical and contemporary perspectives from different disciplines* (pp. 195-224). New York/London: Lawrence Erlbaum Associates.

Hatfield, G. (2005). Introspective evidence in psychology. In P. Achinstein (Ed.), *Scientific Evidence: Philosohical Theories and Applications* (pp. 259-286). Baltimore/London: Johns Hopkins University Press.

Herrnstein, R. J., & Boring, E. G. (1971). *Textos básicos de história da psicologia.* São Paulo: Herder/Universidade de São Paulo.

James, W. (1931). *The principles of psychology* (Vol. I). New York: Henry Holt & Co.

Jones, D., & Elcock, J. (2001). *History and theories of psychology: A critical perspective*. London: Arnold.

Judd, C. H. (Mar, 1905). Radical Empiricism and Wundt's Philosophy. *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods, 2*(7), 169-176.

Keller, F. S. (1970). *A definição de psicologia*. São Paulo: Herder. (Trabalho original publicado em 1937)

Leahey, T. H. (1979). Something old, something new: Attention in Wundt and modern cognitive psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 15*, 242-252.

Leahey, T. H. (1981). The mistaken mirror: On Wundt's and Titchener's psychologies. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 17*, 273-282.

Leahey, T. H. (1992). *A History of Psychology: Main Currents in Psychological Thought* (3rd Ed.). New Jersey: Prentice Hall.

Leahey, T. H. (2000). *A History of Psychology: Main Currents in Psychological Thought* (5th Ed.). New Jersey: Prentice Hall.

Leary, D. E. (1978). The philosophical development of the conception of psychology in Germany, 1780-1850. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 14*, 113-121.

Leary, D. E. (1980). German Idealism and the development of psychology in the 19th century. *Journal of the History of Philosophy, 18*, 299-317.

Leary, D. E. (1982). Immanuel Kant and the development of modern psychology. In W. R. Woodward, & M. G. Ash (Ed.), *The problematic science: Psychology in nineteenth-century thought* (pp.17-42). New York: Praeger Publishers.

Leys, R. (1990). The correspondence between Adolf Meyer and E. B. Titchener. In R. Leys & R. B. Evans (ed.), *The Correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (pp. 59-114). Baltimore: John Hopkins University Press.

Mach, E. (1959). *The analysis of sensations and the relation of the physical to the psychical* (C. M Williams, Trans.). New York: Dover Publications, Inc. (Original work published 1886).

Marcellos, C. F., & Araujo, S. F. (2010). A relação entre psicologia e metafísica no pensamento de Wilhelm Wundt. In *Anais IX Encontro Clio-Psyché* (pp.102-103). Rio de Janeiro: Programa de Estudos e Pesquisa em História da Psicologia Clio-Psyché/UERJ.

Marx, M. H., & Hillix, W. A. (1993). Sistemas e teorias em psicologia (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix.

Merz, J. T. (1896). *A History of European Thought in the Nineteenth Century*. Vol. I. Edinburgh/London: William Blackwood & Sons.

Mischel, T. (1970) Wundt and the conceptual foundations of psychology. Philosophy *and Phenomenological Research, 31*(1), 1-26.

Mora, J. F. (1964). *Diccionario de Filosofía* (5ª Ed.). Buenos Aires: Editorial Sudamerica.

Pillsbury, W. B. (1928). The psychology of Edward Bradford Titchener. *The Philosophical Review, 37*(2), 95-108.

Rieber, R. W. (Ed.) (1980). *Wilhelm Wundt and the making of a scientific psychology.* New York: Plenum.

Robinson, D. K. (2001). Reaction-time experiments in Wundt's institute and beyond. In R. W. Rieber, & D. K. Robinson (Eds.), *Wilhelm Wundt in History: The making of a scientific psychology* (pp. 161-204). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Sternberg, R. J. (Ed) (2003). *The anatomy of impact: What makes the great works of psychology great.* Washington: American Psychological Association.

Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (1981). A history of modern psychology (2nd Ed.). San Diego: Harcourt Brace Jovanovich

Schwitzgebel, E. (2004). Introspective training apprehensively defended: Reflections on Titchener's Lab Manual. *Journal of Consciousness Studies, 11*(7-8), 58-76.

Taiana, C. (2005). Conceptual resistance in the disciplines of the mind: The Leipzig-Buenos Aires connection at the beginning of the 20th century. *History of psychology, 8*(4), 383-402.

Tinker, M. A. (1980). Wundt's doctorate students and their theses 1875-1920. In W. G. Bringmann, & R. D. Tweney (Eds.), *Wundt studies: A centennial collection* (pp. 269-279). Toronto: C. J. Hogrefe, Inc.

Titchener, E. B. (1895). A Psychophysical Vocabulary. *The American Journal of Psychology, 7*(1), 78-85.

Titchener, E. B. (1896). *An Outline of Psychology*. New York/London: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1897). *An Outline of Psychology* (2nd Ed.). New York/London: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1898a). *A Primer of Psychology*. New York/London: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1898b). The Postulates of a Structural Psychology. *The Philosophical Review*, 7(5), 449-465.

Titchener, E. B. (1899a). Zur Kritik der Wundt'schen Gefühlslehre. *Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnersorgane, 19*, 321-326.

Titchener, E. B. (1899b). Structural and Functional Psychology. *The Philosophical Review*, 8(3), 290-299.

Titchener, E. B. (1899c). *An Outline of Psychology* (3rd Ed.). New York/London: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1901). *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice*. Vol. I: Qualitative Experiments, part 2: Instructor's Manual. New York, London: Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1905). *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice*. Vol. II: Quantitative Experiments, part 1: Student's Manual. New York, London: Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1908). *Lectures on the Elementary Psychology of Feeling and Attention.* New York: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1909a). *Lectures on the Experimental Psychology of the Thought-Processes.* New York: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1909b). Letter to Adolf Meyer, October 17, 1909. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 160-169). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1909c). Letter to Adolf Meyer, October 26, 1909. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 173-178). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1910a). *A Text-book of Psychology*. New York: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1910b). Translator's Preface. In W. Wundt, *Principles of Physiological Psychology* (5th Ed., E. B. Titchener, Trans., pp. x-xi). London: Swan Sonnenschein & Co.

Titchener, E. B. (Jul.,1912a). Prolegomena to a Study of Introspection. *The American Journal of Psychology, 23*(3), 427-448.

Titchener, E. B. (Oct.,1912b). The Schema of Introspection. *The American Journal of Psychology, 23*(4), 485-508.

Titchener, E. B. (1918a). Letter to Adolf Meyer, April 22, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 197-206). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918b). Letter to Adolf Meyer, April 29 and 30, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 213-219). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918c). Letter to Adolf Meyer, May 13, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 240-248). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1921). Wilhelm Wundt. *The American Journal of Psychology, 32*(2), 161-178.

Titchener, E. B. (1929). *Systematic Psychology: Prolegomena*. New York: The Macmillan & Co.

Tweney, R. D., & Yachanin, S. A. (1980). Titchener's Wundt. In W. G. Bringmann, & R. D. Tweney (Eds.), *Wundt studies: A centennial collection* (pp. 380-395). Toronto: C. J. Hogrefe, Inc.

University of Leipzig. (1890-1892). *Collegien-Buch für den Stud. philos. Herrn Edward B. Titchener aus Chichester auf der Universität Leipzig* (Collection Rand B. Evans). Berlin: Max-Planck-Institute for the History of Science. Acesso em 04 de Outubro de 2010, em http://vlp.mpiwg-berlin.mpg.de/references?id=lit38380.

Wassmann, C. (2009). Physiological optics, cognition and emotion: A novel look at the early work of Wilhelm Wundt. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences, 64*(2), 213-249.

Watson, R. I. (1978). *The great psychologists* (4th Ed.). Philadelphia: J. B. Lippincott Co.

Watson, R. I., & Evans, R. B. (1991). Titchener and Structuralism: The Beginning of Experimental Psychology in America. In R. I. Watson & R. B. Evans (Orgs.) *The Great Psychologists: A History of Psychological Thought* (5th ed., pp. 391-411). New York: HarperCollins.

Wilson, R. A. (2004). *Boundaries of the mind: The individual in the fragile sciences - Cognition.* Cambridge: Cambridge University Press.

Wundt, W. (1896). *Lectures on human and animal psychology* (2nd Ed.). (J. E. Creighton, & E. B. Titchener, Trans.). London: Swan Sonnenschein & Co. / New York: Macmillan & Co.

Wundt, W. (1897). *Outlines of Psychology* (2nd ed.) (C. H. Judd, Trans.). Toronto: York University.

Wundt, W. (1900). Bemerkungen zur Theorie der Gefühle. *Philosophische Studien, 15*, 149-182.

Wundt, W. (1904). *Principles of physiological psychology*. (vol. I., 5th ed., E. B. Titchener, Trans.). London: Swan Sonnenschein & Co.

Wundt, W. (1912). *An introduction to Psychology* (2nd ed.) (R. Pinter, Trans.). London: George Allen & Unwin.

Wundt, W. (1913). *Sistema de Filosofía Científica*. (Tomo I e II, 3ª Ed.) (E. L. André, Trad.). Madrid: Daniel Jorro.

Wundt, W. (1920). *A Missão da Filosofia na Actualidade* (M. B. Wagner & C. P. Pereira, Trads.). Lisboa: Tip. Henrique Torres.

Young, R. M. (1973). Association of Ideas. In P. P. Wiener (ed.), *Dictionary of the History of Ideas: Studies of Selected Pivotal Ideas* (vol. I, pp. 111-118). New York: Charles Scribner's Sons.

Zehr, D. (2000). Portrayals of Wundt and Titchener in introductory psychology texts: A content analysis. *Teaching of Psychology, 27*(2), 122-126.